

MARIA DE LURDES GASCHO

**CATEQUISTAS FRANCISCANAS:
uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina
(1915 - 1965)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Florianópolis

1998.

MARIA DE LURDES GASCHO

**CATEQUISTAS FRANCISCANAS:
uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina
(1915 - 1965)**

Projeto de dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de grau de Mestre em História, à Banca Examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Artur Cesar Isaia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Florianópolis

1998.

**CATEQUISTAS FRANCISCANAS:
UMA ANTECIPAÇÃO DO “AGGIORNAMENTO” EM
SANTA CATARINA. (1915 - 1965)**

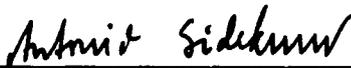
MARIA DE LURDES GASCHO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

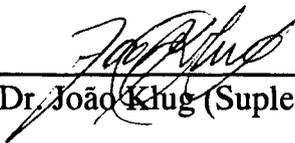
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Artur César Isaia (Orientador)



Prof. Dr. Antônio Sidekun



Prof. Dr. João Klug (Suplente)

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Vulfe Nötzold

Florianópolis, 04 de agosto de 1998.

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Introdução	8
1. Modelo de Igreja	14
A Romanização em Santa Catarina	31
A vida religiosa	37
2. A Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas	61
A tensão entre o desejo e a lei	133
3. Renovação conciliar - a confirmação do vivido	142
Considerações finais e questionamentos.....	159
Fontes	169
Bibliografia	169
Entrevistas	174

APRESENTAÇÃO

O que leremos é fruto de uma inquietação pessoal nascida como consequência de interrogações brotadas da experiência pessoal de minha opção de vida - ser religiosa. Dos quase quarenta anos de vida religiosa, mais da metade eu os dediquei a serviços de faixa interna, não só na congregação à qual pertenço, objeto de minha pesquisa, mas também à Conferência dos Religiosos do Brasil que me pôs em contato com toda a vida consagrada do país e do exterior. A convivência com inúmeras congregações religiosas, em sua diversidade de carismas e de missão apostólica, sempre me mostrou que a congregação em que vivo é diferente. Por mais que vocação e missão irmane todas as congregações, naquela em que vivo, algo é único o que, a meu ver, faz uma diferença imensa. Essa diferença, que me dava e dá alegria interior, também me interpelava. O acesso às fontes documentais que sempre tive por força do meu trabalho, me incentivaram a proceder a esta pesquisa, na busca da verdade e originalidade histórica da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas.

Portanto, a dissertação, feita sob a orientação do Prof. Dr. Artur Cesar Isaia, que ora apresento à Banca Examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em História, pretende mostrar como a congregação surgida em Rodeio, SC, nos anos de 1913 a 1915, viveu desde sua origem, um modelo original, manifestado claramente através do seu cotidiano. Modelo atípico de vida religiosa reconhecida pela Igreja da época que trabalho, onde as Catequistas viviam de forma muito natural inseridas, adaptadas, atualizadas e, logo, “aggiornadas”, conforme expressão de João XXIII, Papa que convocou o Concílio Vaticano II. Portanto, aqui está:

“CATEQUISTAS FRANCISCANAS”:

uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina .

Profunda Gratidão
a quem lado a lado
e mais de perto colaborou
para a realização do presente trabalho.
E a quem pelo testemunho de vida,
sintonia fraterna e bons desejos
igualmente ajudou.
o meu sincero
Muito Obrigada!

MARIA DE LURDES GASCHO - “Catequistas Franciscanas. Uma antecipação do aggiornamento em Santa Catarina”

RESUMO

No início do século XX, a Igreja Católica estruturada em categorias de hierarquia e poder, entendia que as prerrogativas papais do primado e da infalibilidade lhe concediam autoridade sobre todos e tudo. Estendia sua dominação romana também, e muito especialmente, sobre a vida religiosa feminina que por sua determinação seguia normas de um viver mais ou menos padronizado, codificado pelo Direito Canônico.

As religiosas, separadas do mundo para mais facilmente alcançarem o ‘estado de perfeição’, levavam vida de acordo com os modelos prescritivos, quase sempre elaborados por homens e sempre sancionados por eles.

Nessa mesma época, nasce em Rodeio, Santa Catarina, um grupo religioso de mulheres que, para responder a uma carência da realidade local, insere-se no interior da paróquia, no meio rural, onde atendem ao serviço da educação e catequese.

Chamadas por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, então bispo de Florianópolis, de “**Catequistas**” e ao grupo de “**Companhia das Catequistas**”, fogem ao esquema quase milenar e sem convento, sem clausura, sem votos e nos primeiros tempos sem hábito, inauguram um modelo alternativo de vida consagrada.

O cotidiano das Catequistas, no processo da caminhada, mesmo depois de assumir marcas da vida religiosa tradicional, antecipa no seu modo de ser e de fazer, propostas e expressões que o Concílio Vaticano II, vem fazer à Igreja e à vida religiosa.

MARIA DE LURDES GASCHO - "Catequistas Franciscanas."
Uma antecipação do aggiornamento em Santa Catarina".

RÉSUMÉ

Au début du XX^{ème} siècle, l'Eglise Catholique, structurée par catégories de hiérarchie et de pouvoir, tenait que les prérogatives papales du primauté et de l'infalibilité lui accordaient une autorité globale: sur n'importe qui et n'importe quoi. Elle étendait aussi sa domination romaine – et d'une façon toute spéciale - sur la vie religieuse féminine qui par sa détermination suivait les normes d'une vie plus ou moins standardisée, codifiée par le Droit Canonique

Les religieuses, écartées du monde pour atteindre plus aisément "l'état de perfection", menaient une vie selon les modèles prescritifs, en général façonnés pour des hommes et toujours par eux sanctionnés

A cette même époque, naît à Rodeio, Santa Catarina, un group religieux de femmes qui, pour répondre à un besoin de la réalité locale, s'inscrit à l'intérieur de la paroisse, au milieu rural, où elles se dédient aux services de l'Education et de la Cathéchèse.

Nommées par Mons. Joaquim Domingues de Oliveira, en ce temps évêque de Florianópolis, "Catéchistes" et l'ensemble, "Compagnie des Catéchistes", elles fuyaient le schéma quasi millénaire et sans couvent, sans clôture ni vœux et aux débuts sans habit religieux, inaugurent un modèle alternatif de vie consacrée.

Le quotidien des Catéchistes, dans le processus du cheminement, même après avoir adopté des marques de la vie religieuse traditionnelle, antécipe dans sa façon d'être et de faire, des propositions et des expressions que le Concile Vatican II viendra faire à l'Eglise et à la vie religieuse.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar a trajetória de uma dentre as várias¹ congregações religiosas femininas de vida apostólica, fundadas no Estado de Santa Catarina: a Companhia das Catequistas, hoje conhecida sob o nome de **Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas**.

O objetivo, portanto, não é a história da vida consagrada como vocação especial na Igreja, apresentada na sua globalidade. Os dados gerais que aparecem sobre ela como opção de vida, são o indispensável para a compreensão do núcleo deste trabalho e dizem respeito à vida consagrada apostólica feminina, com sua organização, suas normas, seu estilo e seu cotidiano, sua resposta a um chamado para uma determinada missão, compreendida dentro de um modelo específico, claro e explícito de Igreja.

A abordagem do tema não será feita apenas do ponto de vista teológico, mas também orientada por um referencial mais dialético e existencial. O referencial aceitará a divergência, as tensões, a contradição de interesses, as estratégias de trabalho entre os segmentos verticais e horizontais envolvidos. O enfoque não terá por princípio a busca da unanimidade, de monolitismos, de unificação dogmática. O arcabouço conceitual não é rígido. Com balizas teóricas, tentarei organizar o material empírico e apoiar-me também na história oral através de entrevistas orais e depoimentos escritos.

A dissertação compreenderá três capítulos apresentados em ordem à linearidade temporal.

¹. Entre as congregações religiosas femininas fundadas no Estado antes do Concílio Vaticano II, estão: Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundada em Vigolo, Nova Trento, em 1890; Irmãs Franciscanas da Santíssima Trindade, fundada em Guarani-Mirim, Massaranduba, no ano de 1933; Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial, fundada em Ipoméia, em 1957.

No primeiro capítulo apresento o modelo de Igreja que se vivia na época em que a congregação foi fundada: Igreja clerical, piramidal, orientada de forma hierárquica, funcionando de cima para baixo, com o poder na pessoa da autoridade, em cujo vértice está o Papa, assistido pelos cardeais e estendido pelos núncios, com a fonte dessa força ligada ao poder dos sacramentos. Igreja centralizada, organizada com esferas e níveis de atuação explícitas para prestadios e fruitivos do rebanho. A Igreja que se autocompreende como sociedade completa, perfeita, defendida por Belarmino; auto-suficiente e fechada em si mesma, contraposta a outras sociedades, mas compactuando quando algum plano fosse 'isca' desejada para conseguir seus objetivos e interesses. É a Igreja das nunciaturas, secretarias de Estado, delegações apostólicas; Igreja das regalias, dos padroados e privilégios; Igreja das concordatas e relações diplomáticas. Igreja esquecida de que **poder no evangelho é serviço.**

Nesta compreensão de Igreja, descrevo o modelo prescritivo para as congregações religiosas femininas e as práticas da cotidianidade das freiras, com o enquadramento da vida religiosa no corpo social da Igreja e as exigências requeridas para que como tal fosse considerada e aceita. Aparece neste capítulo o problema da hierarquia com as sutis dominações exercidas pela Igreja, ou melhor, pelos homens da Igreja sobre as mulheres na vida religiosa feminina e onde fica também evidente que a Igreja continua masculinamente institucionalizada, continua sendo o maior reduto patriarcal do mundo, atestando que o padrão é ainda o homem.

O segundo capítulo trata especificamente da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas que nasce pequena e frágil, mas que pelas circunstâncias do espaço e exigências da realidade, inaugura uma nova forma e modo original de viver a missão da

vida religiosa na Igreja Católica Apostólica Romana, na opção historicada de ser “**Irmã do Povo**” e construir vida no meio dos simples e pobres. Constituir-se-á no núcleo do trabalho e será, por isso mesmo o capítulo mais longo, envolvente e mais tenso.

Descreverei a história da congregação sob a ótica da cotidianidade porque:

“a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social... As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em-si”²”.

Nesse capítulo a pesquisa passará pelos componentes onde se vive a operacionalização do cotidiano: paisagem, cronologia, personagens e normas de funcionamento.

Descrevendo o cotidiano das Catequistas desejo mostrar que a Companhia viveu de forma original a rotina da vida diária fazendo aparecer nela a novidade para o ser e o **fazer** de uma freira, através do múnus ministerial que lhe foi solicitado e que de certa forma antecipou nesse cotidiano o “**aggiornamento**”³ que a Igreja pediu no Vaticano II.

Na paisagem não me limitarei ao município de Rodeio, onde a congregação teve seu início, mas também a outros espaços do Estado de Santa Catarina e do País onde o grupo passou a viver. A cronologia se aterá ao tempo que vai da fundação - 1915 - até o

². HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 4ª Ed. 1992, p. 20.

³. Aggiornamento - termo usado pelo Papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II e que, ficou mundialmente conhecido e passou a ser utilizado na Igreja para ilustrar o que o Concílio solicitou a nível de atualização e reformas na Igreja para assim responder às exigências do mundo moderno caracterizado por um grande progresso material e científico mas espiritualmente defasado, face aos novos paradigmas a orientar a vida dos povos..

Concílio Vaticano II. Por motivos considerados necessários à compreensão da pesquisa, a retrospectiva irá além da data fundacional.

Com relação aos personagens, estarão em pauta as comutações entre grupos e subgrupos presentes em qualquer instituição humana: as relações homens x mulheres, superiores x súditos, prestados e fruitivos das diversas esferas e níveis de atuação das Catequistas. Entre os personagens estarão envolvidos de maneira especial: o fundador, Frei Polycarpo Schuhen, da Ordem dos Frades Menores, a Congregação das Irmãs da Divina Providência, as filhas dos colonos que iniciaram o grupo e todas as que as seguiram, o povo das colônias e as pequenas comunidades, eixo da fundação e motivo da ação das Catequistas.

O conteúdo axial desse capítulo está ligado ao “modus vivendi” do grupo por se situarem nele as formas novas que evidenciam a diferença do modelo prescritivo de vida para as religiosas: as normas de funcionamento do grupo, suas agendas, seus métodos de trabalho, os símbolos e valores, as crenças e sanções, enfim, a práxis cotidiana.

O terceiro capítulo remete à realização do Concílio Ecumênico Vaticano II – 1962-1965 - que inaugura uma nova fase para a Igreja revestindo-se de particular importância as suas Constituições “Gaudium et Spes” e “Lumen Gentium” que tratam da forma como enfrentar as relações da Igreja com o mundo contemporâneo e inaugurando uma nova compreensão de Igreja, apresentando-a como “Povo de Deus” e acentuam a vocação à santidade para todos os batizados. O capítulo quer mostrar como este acontecimento eclesial vem mudar a “figura histórica” da vida religiosa e como o Concílio através do decreto “Perfectae Caritatis”, emitido especificamente para a vida religiosa, assentou as bases de um movimento, cujos efeitos sobre as mulheres consagradas não foram até então

possível imaginar. Nesse capítulo, as exigências do Concílio e a renovação que introduz serão o aval para o modo de apresentar a vida consagrada vivido pelas Catequistas.

O *corpus documenti* será constituído por literatura e material empírico formado por documentos que constitui o Arquivo Histórico da Congregação: crônicas da congregação, crônica de fraternidades, atas e relatórios de capítulos, boletins de circulação interna, cartas, fitas-vídeo, entrevistas e depoimentos.

Algumas repetições que possam aparecer são consideradas como apelos necessários para melhor compreensão e maior clareza ou até como um refrão que a história, no presente caso, pede porque seu passo é ondulatório e cíclico, seu canto de muitas vozes, uma imensa e única partitura e sua possibilidade descritiva fica na dependência de algumas dezenas de letras e sinais.

Lembro ainda que, fazendo eu também parte da Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja santa e pecadora, Igreja que amo e, ligada por laços afetivos e efetivos à congregação passiva da presente dissertação, pela profissão de votos públicos emitidos há quase quarenta anos, o que escrevo não me é estranho, mas me diz respeito porque compartilho de sua mesma vida e ação. Por isso, desejo com este trabalho prestar fraterna ajuda ao grupo referencial desse estudo e pesquisa.

Concluo com algumas considerações e questionamentos. Considerações que brotam da pesquisa feita e questionamentos para que a congregação, prosseguindo a caminhada, se renove no dinamismo do espírito só possível às mentes desarmadas e corações abertos à chegada e acolhida do novo. Questionamentos para que no movimento ondulatório da história, possa caminhar acompanhando o grande projeto criador e não fique no Jardim do Éden procurando culpados: "...a mulher que me deste por companheira..." (Gn 2,12), "a serpente enganou-me" (Gn 2,13), escondendo-se da VIDA com medo que a voz da História

a chame pelo nome e no olhar do Povo se veja de mãos inúteis e vazias, oferecendo propostas caducas e anacrônicas. E tenha, então, que reconhecer não ter sido fiel à proposta primeira e aos objetivos fundantes, não ter caminhado com a comunidade; não ter-se feito suficientemente a religiosa inserida, a presença solidária, a *irmã do povo*, por não ter atualizado o carisma e sua diaconia. E, talvez por se omitir, quiçá por se acomodar, está sem o selo de identificação. “**Está nua**”.

CAPÍTULO PRIMEIRO

MODELO DE IGREJA

Este capítulo trabalha a auto-imagem da Igreja no período pré-conciliar, isto é, aquele período em que surgiu a congregação, quando a Igreja tinha de si uma imagem derivada da época medieval, sancionada pelo Concílio de Trento, pela posterior romanização da Igreja e pelo Concílio Vaticano I que completou a configuração do poder papal. Essa pesquisa será, pois, contemporânea a uma específica autocompreensão de Igreja. O termo “autocompreensão” será utilizado nesse trabalho na acepção dada por Augustin Wernet:

“Diversas maneiras de auto-entendimento, diversas imagens que a Igreja, assembleia dos cristãos, teve de si mesma; autocompreensões, marcadas pelas grandes superestruturas de cada época, seja nas suas formas institucionais; seja em sua linguagem e em seus modos de pensar”⁴.

O discurso veiculado pela instituição Igreja da época que trabalho, é substancialmente centralizado sobre a autoridade e a hierarquia. Tem de si uma autocompreensão supervalorizada, que lhe advém da interpretação teológica sobre a Igreja e donde se imprimiu a crença de Igreja-Legado de Cristo. Portanto, convicção de que sua precedência lhe vem do “alto” e por isso possui uma força mentalizadora poderosa a determinar os passos de seus integrantes conferindo-lhes sentido e senso de pertença e sedimentando convicções práticas a serem vividas no cotidiano.

A Igreja dessa época tem o papa e os bispos como eixo organizador de sua

⁴. WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987, p. 12.

estrutura visível e de sua compreensão. É a igreja-poder que orienta sua presença na sociedade considerando-se como a principal gerenciadora do religioso e quase exclusiva portadora da revelação de Deus ao mundo. Em sua compreensão, é encarregada por Ele de proclamar, explicar e manter esta revelação livre de erros e desvios. Sua mensagem é transcendental porque relaciona o homem a um fim último, o Criador e, como tal, portadora de salvação, atualizando sempre de novo o gesto redentor de Cristo. Faz isso mediante os sacramentos e a vida litúrgica, usando como instrumento a organização das paróquias e dioceses, com a missão de “marcar” o objeto de sua influência com a mensagem de Cristo. A maneira como se entende, se apresenta e age é a autocompreensão romanizada que se apresenta com estética perfeita, simétrica e majestosa em seus ritos, autoritária em seu poder, terrível em suas sanções.

Esta compreensão leva a defender o papel do Papa, dos bispos e do clero no tecido eclesial, com prática voltada quase exclusivamente para dentro. A eclesiologia assume uma orientação marcadamente social, jurídica, institucional e polêmica sustentada por uma visão defensiva e apoiada na autoridade da hierarquia. A Igreja torna-se mais “católica-romana” e mais intransigente quanto à ortodoxia. Tem autoconsciência de “mestra da verdade” e por isso com direito de existência e divulgação. Esta autoconsciência de mestra da verdade levou a Igreja a proclamar o dogma da infalibilidade do Papa⁵, ancorou seu poder e fez a figura papal irromper como baluarte inquebrantável que nos quadros internos da Igreja soou como argumento também infalível e consequentemente

5. O objetivo da prerrogativa não é a identificação de novas doutrinas, mas a guarda e a exposição fiel da revelação transmitida pelos apóstolos, ou seja, o “depósito da fé”. Por isso é proclamado como “dogma divinamente revelado que o pontífice romano, quando fala *ex cátedra* ou quando cumprindo seu ofício de pastor e mestre de todos os cristãos, em virtude da suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina referente à fé deve ser crida por toda a Igreja”. Foi proclamado no Concílio Vaticano I (1869-1870).

inquestionável. Como consequência assume a luta contra “as portas do inferno” que “não hão de prevalecer contra ela”.

O “inquestionável” da figura papal transferiu-se, quase por ilação, aos bispos de outras partes do mundo. Alojou-se por fim nas milhares de paróquias, dispersas pelos continentes (neste tempo já também nas Américas). O fundamento e o resguardo teológico deste princípio, custodiou-o, na história, o exército jesuítico de Inácio de Loyola.

Por força desta consciência e compreensão, a Igreja proclama sua autonomia frente ao Estado. Dom Vital de Oliveira, bispo de Pernambuco, diz categoricamente: “ *Os príncipes e monarcas são ovelhas de Jesus Cristo e não pastores; são filhos da Santa Madre Igreja, e não pais; são seus súditos e não prelados*”⁶ ou, como diz Elias Canetti, “*Comparados com a Igreja, todos os poderosos dão a impressão de serem modestos diletantes*”⁷.

Dentro dessa compreensão e espírito, é célebre a clássica definição de Belarmino⁸ que proclama a Igreja como sociedade perfeita:

*“A Igreja é a sociedade composta de todos os cristãos unidos entre si pela profissão de uma única e idêntica fé, pela comunhão aos mesmos sacramentos e sob a jurisdição dos legítimos pastores, principalmente do Papa”*⁹.

Compreendida sob esta definição, a Igreja tem a autoconsciência de que recebe de Deus uma ordem própria para exercer a autoridade. Esta ordem é dotada não somente de realidades espirituais, mas de meios visíveis, exteriores, que orientam, dirigem,

⁶ Ap. BEOZZO, José Oscar (coord). *História Geral da Igreja na América Latina*. Petrópolis, RJ: Paulinas/Vozes, 1985, p.145.

⁷ CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Melhoramentos, 1986, p.171.

⁸ Roberto Belarmino (1542-1621) teólogo católico, jesuíta, arcebispo e cardeal. Homem de grande saber, foi o maior defensor do Papa e das instituições da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁹ *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982, 89ª edição, p. 29.

(domesticam) as consciências. É dotada de ministérios hierárquicos e representa aqui na terra, de maneira visível e propriamente jurídica, uma autoridade sobrenatural, conferida por Deus, separada das condições naturais de relacionamento.

Junto com a imagem de “ sociedade perfeita”¹⁰, a Igreja só pode ser entendida e definida à luz da figura de Cristo: mestre que ensina tudo o que ouviu do Pai; legislador que promulga as leis ordenadas pelo mesmo Pai; sacerdote mediador entre o Pai e os homens.

Aprofunda-se nessa autocompreensão a assimetria de vinculação com o sagrado proposta por Orlandi ao analisar a dinâmica do discurso religioso. Ou seja, Deus (o locutor) liga-se mais diretamente com seus representantes (hierarquia) do que com a massa anônima dos fiéis.

“O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens”¹¹.

Assim, na Igreja, além das estruturas necessárias para subsistir como instituição, encontram-se as funções do “ sacrum magisterium” que interpreta e transmite a revelação; o “ sacrum imperium” que lhe dá o poder de legislar e ordenar; o “ sacrum ministerium” que guarda as graças das quais é não só depositária mas o órgão competente para dispensá-las. A dogmática é rígida e a visão jurídica é aquela formada pelas mentes que se sentem ocupando lugar de mando. *A Igreja é a escola que instrui a respeito das verdades que devem ser conhecidas e vividas por causa da salvação eterna*¹². É uma escola na qual os

¹⁰ “Sociedade perfeita” - no sentido que não está subordinada a nenhuma outra e de nada carece para ser institucionalmente completa.

¹¹. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 243.

¹². DULLES, Avery. *A Igreja e seus modelos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978, p. 41.

mestres fazem uso do discurso autoritário. Não permitem a polissemia. Aquele que fala põe os que ouvem em posição passiva. Como diz Leonardo Boff:

*“ A Igreja emerge como mater et magistra. Sobre todas as questões possui uma lição que tira do seu depósito feito da Escritura e da Tradição, dos ensinamentos do Magistério e de um certo tipo de leitura da lei natural”.*¹³

Esta imagem eclesial, cuja visibilidade pode resumir-se no Papa e a cuja autoridade se faz constante referência, foi-se fortalecendo pelos pronunciamentos oficiais da Igreja que sempre tiveram esta orientação e a reforçaram. Em termos de decisão o eixo circula em torno do Papa, dos bispos e dos presbíteros, excluindo o leigo. A este restou crer, pois o poder autoritário isenta os seus portadores ou detentores do reconhecimento livre e espontâneo dos súditos. O sistema se vê e se apresenta como perfeito, vindo diretamente de Deus, para os fiéis que devem acolhê-lo na fé.

Nesta perspectiva de Igreja-sociedade perfeita, a precedência fica com a Igreja de Roma. As igrejas locais ou particulares de qualquer parte do mundo, tem como referência principal em termos de controle e doutrina, a Igreja universal com seu centro no Vaticano e devem a ela, Igreja de Roma, submissão e obediência porque todas elas são parte da Igreja Maior da qual dependem para orientação e sustentação e não entidades distintas, separadas e independentes. Como diz Alcir Lenharo:

*“Ela se rege pela imagem de um corpo instituído sem divisão, relacionada consigo mesma em todas as suas partes, soldada por uma aliança de identificação com o poder que a rege”*¹⁴

¹³. BOFF, Leonardo. *A Igreja Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.19.

¹⁴. LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. São Paulo: Papyrus, 1986, p. 02.

A presença eclesial em termos de articulação com o mundo da política se relaciona a nível de cúpula, com os poderes estabelecidos e não com os movimentos históricos emergentes. Como instituição, faz alianças, pactos e concordatas. As relações com os poderes do mundo são facilitadas porque a concentração do poder na Igreja está em poucas mãos. Além disso, a Igreja sempre lhe é superior pois é sobrenatural.

A comunidade eclesial é perfeitamente identificável. O indivíduo começa a fazer parte pelo rito do batismo de onde se impõe a obediência às leis, a ortodoxia do ensino e a ligação explícita com a hierarquia. Através de sucessivos ritos, o católico, leigo ou religioso, aprofunda a vivência de uma identidade maior que ultrapassa a individualidade. Assim impõe-se, como quer Bourdieu, “*um nome, uma essência social*”. Impõe-se “*um direito de ser que é também um dever de ser*¹⁵”. Há uma forte consciência de auto-identidade eclesial; considerável sentido de corpo, até o triunfalismo. Igualmente há grande culto à autoridade e aos heróis da instituição, os chamados *santos*. A autoridade é exercida de maneira piramidal e a instituição deve dar demonstração de força e poder, de prestígio e eficácia o que é visualizado nas relações cotidianas e na própria liturgia, conforme notou Artur Cesar Isaia:

“As excelências da instituição eclesial capaz de emprestar às organizações humanas a simetria e a ordem que caracterizavam seu edifício doutrinário e que se refletiam no brilho e organização do seu culto, eram louvadas em oposição ao caráter sempre discutível das instituições humanas...”¹⁶

Por isso, neste modelo, sobretudo em questões doutrinárias a Igreja se mostra conservadora. Como ela se declara “católica” é interessante saber ‘quanto’ ela marca

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996, p. 100.

¹⁶ ISAIA, Artur Cesar. *Cristo Rei e a República: Catolicismo e identidade nacional no Brasil*. In: “Teocomunicação”, 26 (112): 224.

presença no mundo e o quantitativo ganha muita importância¹⁷. A grande virtude é a obediência, a disciplina, a tradição. Não há lugar para muitas interrogações e pesquisas. As respostas já estão prontas e se por acaso não estão, a autoridade logo as dará. Tudo deve estar claro e explícito. A Igreja é fundamentalmente a “mãe e a mestra”.

A instituição, nessa autocompreensão, necessita de leis claras, precisas, universais. Para atuar com segurança e sem o perigo de errar, na dúvida, deve-se esperar que chegue a lei. Assim tudo acaba sendo regulamentado. Até o poder de ensinar e santificar. Desenvolve-se um forte sistema de controle. E durante muito tempo, durante séculos, o poder fez a Igreja fechar-se aos desafios da História, acusando de infidelidade e desvio tudo o que pudesse ameaçar a sustentação desse poder.

Como recurso metodológico usa a religionização¹⁸ e para obter comportamentos sacrificados encobre-os com razões divinas que, de per si, deviam ser indiscutíveis. Elementos novos, carismáticos, questionadores são sempre olhados com desconfiança e colocados sob suspeita, quando não perseguidos ou condenados. A uniformidade é de primeira importância prática. O culto, principalmente a Eucaristia, um dos fundamentos

¹⁷. As paróquias registravam cuidadosamente o número de comunhões, confissões, batizados, casamentos, primeiras comunhões, etc.. A soma disso tudo era importante pois se constituía numa forma visível de computar o fervor do povo e o zelo da paróquia e constava dos relatórios anuais apresentados à instâncias superiores, contendo, em sua maior parte, dados quantitativos: n.º de batizados, crismas, confissões, comunhões, casamentos, visitas às capelas, etc.. A Crônica das Catequistas também tem registrado dados a este respeito: “O povo agora frequenta mais a igreja. Nesses dias passados tivemos santa missa e a gente foi receber a Páscoa. Tinha 116 confissões e alguns anos atrás o padre disse que não ia ninguém”. L.8, fls. 19v. Ano de 1934. Dentro desta mesma compreensão eram feitos os chamados “ramalhetes espirituais” que se ofereciam ao bispo, vigário, néo-sacerdote, e na vida religiosa aos superiores, aos mestres, ao diretor da congregação. Nestes “ramalhetes” se juntavam, somando, a quantidade de missas, comunhões, terços, sacrifícios, jaculatórias etc., que cada pessoa oferecia nas intenções de uma determinada pessoa. Era o ‘presente’, a lembrança que se oferecia.

¹⁸. “Religionização é convencer a outrem de que determinado ato está vinculado à vontade de Deus, à salvação eterna, tornando-se, nesse caso, inescusável seu cumprimento. Dessa forma, também Moisés conseguiu regular o comportamento do povo hebreu que admitia Deus como juiz supremo de tudo e a quem desobedecer seria a desgraça”. GREGORI, Waldemar de. “Endoculturação de modelos sócio-políticos”. São Paulo: Escola Pós Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977, p. 68. Tese de doutorado.

teológicos da obra restauradora, reveste-se de expressões solenes, semelhantes ao triunfo do rei e sua corte. Igrejas suntuosas, altares cobertos de ouro, imagens com pedras preciosas, alfaias de puro linho e bordadas com fios de ouro, remetem força, respeito e admiração à representação simbólica da fé. Os símbolos do poder da Igreja são os mesmos da sociedade rica e de prestígio humano, porque

“a prática ritual faz parte do jogo do poder, do domínio social, sugerindo a assimilação de valores e a cristalização do imaginário da unidade. O espaço do rito revela a criação da sociedade pelo indivíduo que se orienta do mesmo modo em espaços diferentes, sinal de sua identidade e de sua autenticidade. A partir daí, o indivíduo se vê inserido na construção de um mundo referendado por um rito que sugere a interferência do sagrado”¹⁹.

A missão, conforme a visão e compreensão do período, é entendida como tarefa de passar a fé transmitida pela pregação proclamada com autoridade aos que não pertencem a ela e fazê-los passar à Instituição-Igreja. Para entrar é exigido: professar a doutrina aprovada, ser batizado, receber os legítimos sacramentos, obedecer aos legítimos pastores²⁰. Segundo Pio XII na “*Mystici Corporis*”²¹, exige-se: “*professar a verdadeira fé, ser batizado, não separar-se do corpo da Igreja ou não ser dele excluído pelas autoridades legítimas*”.

O mundo não possui consistência teológica e os que estão fora da Igreja e não se convertem devem ser combatidos. A fé é a doutrina. Os demais problemas são absorvidos

¹⁹. SOUZA, Rogério Luiz de. *A Construção de uma Nova Ordem. Catolicismo e Ideal Nacional em Santa Catarina*. (1930-1945). Florianópolis: UFSC, 1996, p. 47. Dissertação de Mestrado.

²⁰. *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*. . Op. cit, p. 30.

²¹ *Mystici Corporis Christi* - Carta encíclica do Papa Pio XII, de 29 de junho de 1943.

por ela. E todas as oportunidades devem ser aproveitadas para ensinar a doutrina ortodoxa, para catequizar segundo os catecismos aprovados.

A infra-estrutura eclesial tende a ser cada vez mais ampla e poderosa. A Igreja se enriquece e passa a ter entre as suas preocupações a de possuir uma base econômica avantajada. Esta lhe possibilita a realização dos projetos e os bens constituem instrumento normal de trabalho através do qual exerce seu apostolado. A ganância com todo seu jogo, o dinheiro, a riqueza passa a ser uma necessidade de qualquer autoridade. Com discurso conservador, a Igreja vive um modelo institucional e não-carismático; apologético e não profético. O “exterior” da Igreja é dimensão realçada e a tendência uniformizante constitui-se numa preocupação da mesma na manifestação de sua vida. Marcada pela centralização institucional em Roma, fechada sobre si mesma, recusa-se a acolher e aceitar o *“mundo moderno que se desenvolvia sem obedecer aos preceitos católicos e controle da Igreja”*²². Por isso, o juramento anti-modernista era exigido de todos os que faziam parte do clero.

Os bispos que no regime do padroado tinham pouca atividade pastoral porque as funções episcopais eram limitadas e quase anuladas pelo poder civil, passaram a dar maior atenção às normas emanadas de Roma que exigiam deles constante comunicação com os vários setores da Santa Sé. Eles, os bispos, são possuidores de especial “carisma da verdade”. São mestres. O clero, que no sistema de colonização perdera suas características porque muito sujeito a interferências alheias ao evangelho e à missão eclesial dos padres, goza agora de maior prestígio. Volta a ser a peça mestra de todo sistema e modelo institucional de Igreja. Sob a obediência dos bispos e estes do papa, o clero - *“cuja unidade*

²² MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina. Uma face do conservadorismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996, p. 41.

é muito mais importante que seu tamanho”²³, apresenta-se como elite dominante, ministério único, monárquico, única fonte de iniciativa, oficial público à serviço da instituição em tempo integral e delegado para representá-la oficialmente. Eles

*“aprenderam o que fazer ou que convicção devem ter. Suas atividades estão pré-fixadas. Quem os vê ou os vir deve sentir, antes de mais nada, que eles jamais se desintegrarão”*²⁴.

Podem ser comparados a “cristais” que servem para desencadear massas, mas, mesmo misturado à massa dos fiéis, não perdem a singularidade do seu estado.

*“Zelam pela preservação do modelo vigente de Igreja hierárquica, onde deve ser mantida bem nítida a distância entre a Igreja discente e a Igreja docente, entre superiores e inferiores, entre chefes e súditos”*²⁵.

Porque é a parte superior da hierarquia masculina que sabe e tem a verdade, há preocupação para que não falem sacerdotes em nenhum dos setores da Igreja: professores de seminários, encarregados das cúrias diocesanas, diretores de escolas católicas e não somente na coordenação das comunidades eclesiais²⁶.

O clero deve ser celibatário, culto, sábio e santo, deve vigiar pela conservação dos contornos visíveis da Igreja e manter os pontos ortodoxos da vida e da fé cristã passa a ter

²³ CANETTI, Elias. Op. cit., p. 78. A recorrência a um autor como Canetti, não comprometido com o primado da investigação empírica, justifica-se pela inexistência do monopólio científico de acesso à verdade, conforme postulou Bachelard. Assim: “Por diferentes que sejam, a razão e a imaginação, a ciência e a poesia dão acesso igualmente ao universo do espírito, que é *irreal* enquanto nega a percepção, mas que por isso mesmo é profundamente “super-real”. Bachelard dirá que o homem é aquele que tem poder de “despertar as fontes”, e esse poder inesgotável encontra-se na origem tanto do aspecto polêmico da razão científica, em sua oposição ao realismo empírico e ao dado imediato, quanto da imaginação poética”. (Cf. FELÍCIO, Vera Lúcia G. “A Imaginação Simbólica”. São Paulo: Ed. USP 1994, p. 3.)

²⁴ CANETTI, Elias. Op. cit., 1986, p. 78-79.

²⁵ AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 42.

²⁶ Cf. MARINS, José e equipe. *Modelos de Igreja. Comunidade Eclesial de Base na América Latina*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977, p. 54.

maior controle sobre os leigos. O juridicismo tende a exagerar o papel da autoridade humana. O próprio evangelho é transformado em lei pois à Igreja institucional interessa a visibilidade de uma organização perfeita.

O leigo, portanto, nessa estrutura fica marginalizado, reduzido à condição de passividade e a fazer do seu apostolado *“um mero apêndice do apostolado da hierarquia”*²⁷. Conforme Elias Canetti, referindo-se à relação hierarquia-fieis no catolicismo tridentino,

*“... a palavra do crente simples não tem valor algum de santidade. Tudo o que ele espera, tudo o que tenha a resolver, a pressão múltipla exercida sobre ele, emanam sempre de uma fonte superior; o que não lhe é explicado, ele nem sequer compreende. A palavra santa lhe é ministrada já mastigada e dosada”*²⁸.

Continuamente vigiados pelo poder coercitivo da Igreja que exerce permanente vigilância, são considerados tanto melhores quanto mais se comportam como súditos obedientes às ordens dos que têm todo poder e autoridade sobre eles. *“São o rebanho a ser apascentado, a ser instruído, a ser santificado”*²⁹. Ainda segundo Canetti:

*“Até mesmo os seus pecados pertencem aos sacerdotes, aos quais deve confessá-los. Não é um alívio para ele comunicá-los a outros fieis, e ele também não pode guardá-los para si. Em todas as questões morais mais profundas, ele encara somente o clero; em troca da vida mediatamente satisfeita que o clero lhe oferece, ele se entrega totalmente”*³⁰.

Furar este cerco no universo interno da Igreja não era missão fácil para o leigo que descortinava apenas o verbo “obedecer” e a quem os caminhos da participação mais efetiva

²⁷. DULLES, Avery. Op. cit., p. 44.

²⁸. CANETTI, Elias. Op. cit., p. 171.

²⁹. MONDIN, Battista. *As Novas Eclesiologias*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984, p. 380.

³⁰. CANETTI, Elias. Op. cit., p. 171.

nas decisões que interessam à comunidade eram cortados, porque ele, o leigo, não participa da pirâmide do poder da Igreja. Fala-se isto olhando-se a Igreja de dentro de si mesma e para si mesma. Outra certamente é a visão laica sobre ela, principalmente porque neste mesmo tempo se deu o florescimento da ciência que tudo indaga, questiona e critica.

No Brasil, enquanto a Igreja colonial mantinha características mais vinculadas ao mundo medieval com um catolicismo de cunho leigo, devocional, familiar, impregnando o cotidiano das pessoas e a sociedade de uma “cultura cristã” e com relações mais estreitas com os Estados ibéricos do que com o Papado, a nova Igreja que se implanta busca sua inspiração na reforma tridentina, reforçada pelo ultramontanismo³¹ do Concílio Vaticano I. Este pedia fidelidade total ao magistério da Igreja, com sua característica clerical, sacramental, com ênfase no aspecto doutrinário da fé.

É a própria Santa Sé quem proclama a urgência de que esse modelo de Igreja seja implantado na América Latina e, especialmente no Brasil, auxiliado pela Nunciatura instituída no país e a vinda de novos institutos religiosos. Pela ação do nuncio apostólico, Roma queria exercer influência sobre o episcopado e, conseqüentemente, sobre toda a organização da Igreja. Com os religiosos, porta-vozes significativos das novas orientações da Igreja de Roma, buscava influenciar na formação do clero pela presença, direção e atuação nos seminários³², onde os grandes modelos são os santos que deixaram por completo as solitações do mundo e da sexualidade: para os homens, São Luís de Gonzaga, para as mulheres, Santa Inês.

³¹ Ultramontanismo - No catolicismo este nome é dado, principalmente na França, ao partido que considera o Papa (que reside em Roma, além das montanhas dos Alpes) como dotado de autoridade excepcional em matéria de fé e de moral. Expressivas figuras do ultramontanismo no Brasil foram: D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará e D. Vital de Oliveira, bispo de Pernambuco. D. Macedo ao participar do Concílio Vaticano I escrevia de Roma: “*A tese ultramontana em breve será simplesmente chamada católica*”.

³² AZZI, Riolando. *O altar unido ao Trono. Um projeto conservador. História do pensamento católico no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 114.

No Brasil, o governo de D. Pedro II reagia negativamente às tendências oriundas do período regencial, valorizando o clero ultramontano. Por isto, indicou para o cargo de bispos, os padres que se mantinham longe das atividades políticas que tanto haviam envolvido o clero liberal e patriota. E o Imperador, talvez até sem querer, contribuiu para que se operassem as mudanças pedidas por Roma³³. Assim, a Sé Apostólica com um clero reformado teria apoio efetivo da hierarquia e com mais resultados aplicaria orientações visando a reconduzir os sacerdotes para o recinto das igrejas.

Desta convergência de objetivos nasceu o movimento dos bispos reformadores articulado no início por Dom Antônio Ferreira Viçoso, um dos mais zelosos promotores da reforma e bispo de Mariana, MG, em 1844³⁴. Duas eram as metas principais: reforma do clero, em primeiro lugar, afastando-o das lides políticas e reconduzindo-o à observância do celibato, à vivência no interior da igreja, dedicado às atividades do altar, do púlpito e do confessionário; outra meta era mudar a fé tipicamente devocional do povo para uma expressão religiosa fundada nos sacramentos e sustentada por uma sadia doutrina buscada no catecismo. Desta forma, a fé católica foi restaurada mas os brasileiros ficaram “marginalizados”, pois não compreendiam a nova forma de religião que chegava para suplantar a que fora até então organizada quase à margem da instituição Igreja e da fé romana, coordenada por leigos irmanados pela comunhão feita através das irmandades e confrarias, formas cristãs muito caras aos portugueses e eivadas também de elementos da

³³. Boehrer comenta a nomeação de bispos: “Se a filosofia de um candidato era aceitável, a sua moral, geralmente, não era. Frequentemente, portanto, o Imperador teve de recorrer ao clero ultramontano, cujas vidas privadas lhe eram toleráveis.” (Apud BRUNEAU, Thomas. *O Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Ed. Loyola, 1974, p. 60.)

³⁴. Cf. AZZI, Riolando. *A Vida Religiosa no Brasil, enfoques históricos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

cultura afro e indígena. Na verdade, até a publicação da Bula *Beneficentissimo* do Papa Gregório XVI³⁵ que fora prefeito da congregação “Propaganda Fidei” ou das chamadas “missões estrangeiras” e inaugura a lista dos novos textos papais para a América Latina, o catolicismo hispano-luso-americano não fazia parte das grandes preocupações de Roma. Durante cerca de 250 anos os papas calaram a respeito da América Latina. Simplesmente não diziam nada. O Novo Mundo vivia muito distante de Roma e a religião católica se consolidava aqui em nova forma resultante basicamente do encontro entre colonos europeus e diversos segmentos da população indígena ou de negros. A bula acima citada fala do continente em termos tristes:

*“a região contém homens miseráveis, envolvidos em neblina de erros muito densas, sentados nas trevas e na sombra da morte. O cristianismo da América Latina está errado. Precisa ser corrigido”*³⁶.

Diante de um quadro assim apresentado, podemos imaginar com que espírito Roma assume a tarefa de tomar nas mãos o controle sobre o destino da religião católica aqui no continente.

Quando surge a navegação a vapor e as viagens se tornaram menos perigosas, Roma começou a ser melhor informada a respeito das coisas que por aqui se passavam e foi se interessando mais pelo novo continente.

Assim iniciou-se a chamada “romanização” do cristianismo latino-americano. Roma não aceita o catolicismo hispano-lusitano do povo que se formara ao longo dos séculos. Realmente ele se distanciava dos parâmetros romanos. A Igreja iniciou também um combate ao pensamento da modernidade, cujas vítimas deviam urgentemente ser

³⁵ Bula - o mais formal e autoritário dos documentos emitidos pelo Papa. As bulas transmitem as decisões papais sobre assuntos doutrinários ou temas de maior importância. São redigidos em latim e se designam por suas palavras iniciais.

³⁶. Apud HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Ed. Paulus, 1994, p. 320.

protegidas. Era o esforço, o zelo da instituição que pela ortodoxia tentou, não sem conflitos, disciplinar o catolicismo.

Para isso a Igreja precisava de novos padres e novos seminários. Nos seminários, como seria difícil formar os moços que já “viram” e “experimentaram” a vida, mas não os meninos que ainda não foram manchados pela profanidade do mundo, estes mesmos seminários se encheram de crianças, meninos de 10 a 12 anos.

Contudo, além do esforço da hierarquia, surgiram também pessoas isoladas quanto movimentos, de abrangência apenas paroquial ou de envergadura maior, que passaram a fazer com que sua voz ou seus atos fossem ouvidos ou vistos.

No ambiente intelectual do Brasil, é curioso verem-se no início do século figuras como Jakson de Figueiredo, Tristão de Atayde, Gustavo Corção, Sobral Pinto entre tantos outros, pessoas de alto fôlego acadêmico se reunirem em torno de debates teológicos e emprestarem sua contribuição ao pensar da Igreja. Esta sentiu que o bloqueio estava se rompendo, mas ainda não lhes cedeu espaço para o exercício no magistério eclesiástico.

No ambiente administrativo surgiram figuras importantes a exercer suas atividades no comando de instituições eclesiais ou obras, referindo-se principalmente aos provedores, administradores, ecônomos ou reitores das universidades, hospitais, santas casas e outras figuras locais fortes ou até de reconhecimento regional ou nacional.

Mas foi principalmente no ambiente das comunidades, nas chamadas paróquias ou capelas que figuras leigas se manifestaram, não tanto substituindo o vigário, mas exercendo muito o papel dele. Na área da catequese - onde depois as Catequistas, a partir de Rodeio, SC, tanto atuaram - apareceram pessoas que muitas vezes ligaram o magistério à função de catequese e, assim como ensinavam nas escolas, catequizavam na igreja. Eram respeitados pelo seu “saber teológico”. Igualmente salientavam-se nas comunidades

senhoras e senhores cuja função era claramente ligada à doença e à morte: rezar na casa dos doentes, marcar presença no seu passamento, conferir-lhe um enterro cristão, confortar com símbolos e palavras de fé os familiares em luto. Estas pessoas eram rodeadas de uma aura significativa, do respeito de toda a comunidade, semelhante à que se atribuía, por exemplo à parteira, no interior.

Outro leigo de presença forte na comunidade era o “capelão”³⁷. Era ele quem dirigia o culto onde não havia sacerdote que pontificasse a missa. Além de dirigir o culto, o capelão dava avisos de interesse geral, anunciava perdidos e achados, comunicava situações especiais na comunidade: doenças mais sérias nalguma família, chegada de novo morador e até convidava para mutirões de ajuda a pessoas ou de ajuda à própria comunidade como melhorar uma estrada, construir uma escola ou capela ou mesmo colher a plantação de alguém doente. Por sua liderança, reconhecida e aceita por todos, exercia ainda a importante função de juiz de paz.

Conheciam-se igualmente instituições ou movimentos que se organizavam e se difundiam nas paróquias e pequenas comunidades. Se alguns tinham objetivos filantrópicos, todos cultivavam ascese e mística própria. Para que, em seu caráter de movimento fossem fecundos, necessitavam de manifestações externas - as obras. Daí surgirem obras beneficentes ou pequenas e repetidas ações que mantinham o grupo integrado. Foram muito atuantes e pertenciam a irmandades as mais diversas algumas conhecidas ainda hoje³⁸ e a associações como Apostolado da Oração, Congregação Mariana (para os homens), Filhas

³⁷. Capelão era uma pessoa que, além de orientar o culto, se salientava por seu interesse, conhecimento e principalmente por seu testemunho de vida cristã nas comunidades.

³⁸. Entre as irmandades ainda hoje muito conhecidas entre nós está a “Irmandade do Senhor dos Passos”, “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos”, “Irmandade do Divino”.

de Maria (para moças³⁹), Cruzada Eucarística (para as crianças), Ordem Terceira (para leigos casados ou solteiros que desejavam pertencer ao grupo de seguidores de São Francisco de Assis). Os líderes dessas instituições eram pessoas notáveis nas comunidades que tinham garantido seu espaço de precedência e conferiam forte tonalidade laica à Igreja.

Do ponto de vista administrativo, as comunidades tanto isoladas e pequenas quanto as paróquias, elegiam algumas pessoas responsáveis pelos cuidados globais da “coisa da igreja” na comunidade. Eram os “fabriqueiros”, assim chamados por cuidarem da “res eclesiástica” da fábrica da Igreja e seus pertences”: suas terras, seus bens, seu acervo. Responsabilizavam-se pelas festas, pela organização da comunidade, nomeavam pessoas para certas funções como providenciar donativos para a igreja, organizar quermesses buscar o padre para as visitas nas capelas ou para algum doente em fase terminal .

Embora todas estas funções e pessoas fossem muito tuteladas pela autoridade eclesiástica, aos poucos muitas delas tiveram luz e voz próprias. Isto posto, algo novo acontece nas comunidades quando da inserção das Catequistas no seio das comunidades interioranas. Elas, preparadas para funções específicas, proporcionaram um salto de qualidade na vida das comunidades, principalmente na orientação do culto e sua liturgia, nas celebrações das festas, na ordem e asseio de tudo o que estava ligado à capela e suas dependências. É claro que aqui aponta outro fato: se por um lado enriqueceu sobremaneira as comunidades, por outro, muitas vezes também terá substituído lideranças e pessoas de iniciativa que, embora com mais pobreza faziam a seu modo e de forma muito mais aculturada, o acontecer da vida cristã na comunidade. Igualmente mal-estar e até conflitos podiam ocorrer entre os fabriqueiros ciosos de suas funções e as Catequistas que

³⁹. Dentre as Filhas de Maria, igualmente membros da Ordem Terceira é que o fundador das Catequistas vai buscar as moças para o início de sua obra: catequese e educação.

nem sempre tinham diplomacia e tato suficiente para as devidas negociações e nem a humildade e sabedoria para deixar com os fabriqueiros a liderança da “coisa da igreja”.

A ROMANIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

Santa Catarina, no século XIX, era uma região periférica no contexto nacional e a romanização do catolicismo no estado, “*não pode ser estudada sem se levar em conta a ação dos missionários e sua aceitação nos meios populares*”⁴⁰.

Para contextualizar o que será o núcleo do presente trabalho, descrevo abaixo um pouco da situação histórica eclesial da época.

Com a finalidade de colonizar o Sul do país, mais particularmente o território de Santa Catarina, logo após a independência, o governo brasileiro promovera a imigração de colonizadores europeus não-portugueses, para a região Sul. Chegaram principalmente alemães, italianos e poloneses. Este movimento imigratório patrocinado pelo governo brasileiro que prometia terras férteis e a necessária assistência para os imigrantes poderem construir futuro para si e para seus filhos, tinha a intenção de ocupar o que estava praticamente vazio de população branca no território catarinense e ajudar a colonizar imensas regiões ainda incultas do território brasileiro. Até então, a faixa mais ocupada, mesmo pelos indígenas, era a do litoral.

Como todo o Brasil, a partir de meados do século XIX, Santa Catarina não fugia à regra de viver numa Igreja romanizada. Dado que no catolicismo romanizado as decisões

⁴⁰ BESEN, Artulino José. *Dois Formas de Catolicismo. O processo de romanização em Santa Catarina*. In: “Encontros Teológicos, Revista do ITESC 9 (17), 1994, p.53.

eram centralizadas no poder do Papa, ele também reforçava a autoridade do bispo, nomeado pelo Vaticano para cada diocese. Assim, conforme Augustin Wernet,

*“no plano diocesano, a romanização significava uma centralização do poder religioso na figura do bispo e um reforço da autoridade episcopal sobre o clero regular, secular e associações leigas”*⁴¹.

No Sul do Brasil, o alinhamento com Roma foi obra dos bispos chamados reformadores: Dom José de Camargo Barros (Curitiba), Dom João Becker e Dom Joaquim Domingues de Oliveira (Florianópolis)⁴² e um pouco mais tarde, Dom Daniel Hostin (Lages).

Estes bispos foram auxiliados por sacerdotes estrangeiros, principalmente do clero vindo da Alemanha, uma vez que o clero local era reduzidíssimo. Segundo o Pe. Besen,⁴³

“no início do século XX, os sacerdotes brasileiros em Santa Catarina eram quatro: Pe. José Fabriciano Pereira Serpa, em Santo Antônio de Lisboa; Pe. Manoel João Luiz da Silva, em Laguna; Pe. Antônio Francisco da Nóbrega em São Francisco do Sul; Pe. João Nepomuceno Manfredo Leite, em São José”.

Por isso, para minorar a questão da falta de sacerdotes, foi encontrada uma solução fazendo com que o processo migratório dos colonos, fosse acompanhado por sacerdotes das respectivas nações. Assim, sacerdotes italianos para os imigrantes italianos, alemães para os alemães, poloneses para os poloneses. É claro que havia exceções, como foi o caso dos frades alemães da paróquia de Rodeio e Ascurra, região colonizada por imigrantes italianos e da qual tratarei mais adiante.

⁴¹. Apud ISAIA, Artur Cesar. *O Cajado da Ordem: Catolicismo e Projeto Político no Rio Grande do Sul - Dom João Becker e o Autoritarismo*. São Paulo: PUC, 1992, p.19 (Tese de doutorado).

⁴². A Diocese de Florianópolis foi criada pela Bula *“Quum Sanctissimus Dominus Noster”* do Papa Pio X, de 19 de março de 1908. Esta mesma Bula delimitava a área a ser separada do bispado de Curitiba e afirmava: *“Os limites da Diocese de Florianópolis serão os atuais ou futuros limites do Estado de Santa Catarina; não lhe sendo atribuídas outras áreas do que as que constituem ou constituirão o mesmo Estado.”*

⁴³. BESEN, Artulino José. Op. cit., p. 53.

Estes sacerdotes, já fruto de uma formação nova, sem exceção, chegaram a Santa Catarina trazendo o espírito da Igreja romanizada. É bom lembrar que também os imigrantes do século XIX provinham de regiões européias já atingidas pela romanização. Já eram da Igreja tridentina e aqui no país viviam o catolicismo de suas origens. Portanto, no Sul do Brasil, onde o maior número de imigrantes chegavam da Europa,

“o catolicismo continua a apresentar uma fisionomia essencialmente européia em relação à qual as Igrejas do continente americano ou as missões, exercem um papel marginal”⁴⁴.

O conhecimento religioso era obtido através da catequese, vivido na prática cotidiana e celebrado na participação dos sacramentos, principalmente da confissão e missa. Como os imigrantes não gozavam de muita proteção do governo, eles foram fazendo a vida do jeito que era possível. Viviam em colônias identificadas principalmente por dois elementos: língua e religião. Por isso, uma das primeiras preocupações era construir uma escola e uma capela como espaços para atender a essas duas dimensões. Na escola cultivavam a língua que os deixavam unidos à mãe-pátria e na igreja, a fé que lhes dava forças para acolher as duras situações por que passavam e as dificuldades que tinham a enfrentar⁴⁵.

O padre era o elo de ligação da comunidade entre si e da comunidade com a Igreja Romana. Tão importante era a presença do sacerdote que possibilitasse os serviços religiosos de celebração do culto e administração dos sacramentos, que a falta deles se constituía numa das maiores dificuldades para os imigrantes que provinham de regiões onde não faltavam igrejas e capelas e nem sacerdotes para realizar as funções sagradas.

⁴⁴ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995, p. 367.

⁴⁵ Cf. WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau - Cotidiano e Trabalho (1850-1900)*. São Paulo: PUC, 1991 (Dissertação de mestrado).

Houve até quem voltasse à terra natal por não suportar e superar o “vazio” que deixava a falta das práticas religiosas sob a direção de um sacerdote e numa igreja. Cartas publicadas em jornais do Norte da Itália, nos dão conta do que significava o sacerdote nas comunidades de imigrantes:

“Aquilo que mais que outra coisa, induziu-me a retornar à pátria foi o isolamento em que me encontrava, e ainda mais pelo grande vazio que eu encontrava na falta das práticas religiosas sob a direção de um sacerdote e numa igreja. Podem não crer-me, mas quem foi habituado a viver num lugar católico e civilizado, ver casas, igrejas, a ouvir o som do sino, encontra um tal vazio naquele silêncio do isolamento, naquela privação de tantas coisas, que só isto basta para bater a nostalgia e o desejo de voltar”.

“... E todos levantam as mãos e pedem sacerdotes e ajuda espiritual, e choram a sorte de seus filhos vivendo como selvagens nestas matas... Mas quem escuta estes gritos de dor? Tantos bons sacerdotes, que na bela Itália se contentam em rezar devotamente a sua missa...e aqui os pobres italianos vivem e morrem sem sacramentos”⁴⁶.

O povo, na verdade se organizava em torno da igreja e o centro de encontros dos imigrantes era a igreja, a capela onde o padre era não só o líder religioso e espiritual, mas também político. Muitos sacerdotes se admiravam e escreviam a respeito do sentimento religioso do povo. O franciscano Frei Lucínio Korte, sacerdote alemão que havia estado dois anos na Itália e conhecia bem a língua, referindo-se a Rodeio onde atuava, escreve a um confrade:

“O povo destas colônias, falando principalmente dos italianos, é em sua quase totalidade bom, profundamente religioso, fervoroso e pronto para sacrifícios pela religião. Era portanto um verdadeiro prazer trabalhar nestes lugares. Um pároco vizinho que nos primeiros anos nos fez uma visita, confessou

⁴⁶. Apud ROSELYS, Izabel C. dos Santos. *Anjos da Providência nas Colônias Italianas de Santa Catarina*. In: “Encontros Teológicos” Ano 10 (19), 1995, p.72.

abertamente: - sua paróquia parece-nos um paraíso. - E de fato o era, por causa da paz e boa harmonia, a plena confiança e obediência que se encontrava quase em todas as partes⁴⁷”.

Também o Bispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, de Curitiba, depois de uma visita a Rodeio e arredores, escrevia:

“Quão mesquinho se achou vosso pobre bispo, quão pequeno e indigno se sentiu ele, vendo ajoelhadas a seus pés, implorando sua bênção, uma palavra, uma olhada pelo menos, multidão de homens, de mulheres e de crianças, em cujos peitos vibram sonoras as notas alegres de um hino de fé, em cujos corações reina e triunfa Jesus Cristo, Rei imortal de nossas almas”⁴⁸

Quando pelo processo migratório chegaram a Santa Catarina também os não-católicos, a novidade firmou ainda mais o caráter doutrinário da Igreja romanizada. O elemento protestante, cuja igreja *“não estava preocupada em conquistar novos adeptos”⁴⁹*, como no caso dos luteranos, foi fator que congregou ainda mais o católico em torno do Papa, do bispo e do padre. E as colunas de sustentação da Igreja restaurada pelo concílio foram os bispos, à frente das dioceses com poderes aumentados e deveres reforçados e os párocos em frente às paróquias, priorizando o ministério pastoral.

Nestas circunstâncias, o catolicismo popular das novenas, das festas populares, das bandeiras do Divino e das Irmandades não eram valorizadas pelos imigrantes não lusos. Suas manifestações de fé eram vistas como *“religião de brasileiro”* e não eram entendidas pelos imigrantes e nem mesmo pelo padre estrangeiro que não olhavam com bons olhos o

⁴⁷. GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer. Camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987, p. 445.

⁴⁸. GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., 446.

⁴⁹. KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina. A comunidade alemã de Desterro – Florianópolis*. Florianópolis: Ed. Papa-Livro, 1994, p. 149.

catolicismo catarinense sem o Apostolado da Oração, a devoção ao Santíssimo Sacramento, a confissão e missa freqüentes. Por falta de apoio, usado como estratégia pela Igreja romanizada - com objetivo de alcançar a mudança de práticas religiosa-devocionais e acelerar o processo romanizador - as irmandades, as confrarias e ordens terceiras tiveram seu poder enfraquecido com o aparecimento das novas devoções e associações religiosas. Os símbolos do imaginário popular foram substituídos por outros e o clero, com a passagem de todas as atividades religiosas para a supervisão e ação paroquial⁵⁰, passou a exercer mais controle sobre o leigo.

A VIDA RELIGIOSA

A vida religiosa ou vida consagrada⁵¹ configura-se como realidade eclesial histórica nos começos do século IV. As manifestações históricas desse gênero de vida transformam-se progressivamente, com expressão e crescimento, tanto no oriente como no ocidente⁵².

Por muito tempo, durante séculos, esta vida teve um percorrer sossegado e seguro, num caminhar uniforme, homogêneo e quase monolítico onde foi se estruturando e institucionalizando. Tudo nela ficou programado e medido. Os princípios normativos, como

⁵⁰. Cf. DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil. 1922-1933*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 20.

⁵¹ Fazem parte da vida consagrada: a) a Vida Monástica - vida de clausura, de oração, jejuns e vigílias; é confiada aos cuidados de um bispo

b) a Ordem das Virgens, Eremitas e Viúvas - consagradas pelo bispo diocesano

c) os Institutos dedicados à contemplação - separados do mundo, no silêncio e solidão

d) a Vida Religiosa Apostólica - faz profissão pública dos conselhos evangélicos, por meio de votos perpétuos

e) os Institutos Seculares - vivem a consagração a Deus no mundo

f) as Sociedades de Vida Apostólica - sem votos religiosos, com vida fraterna comum. (Cf. Código de Direito Canônico, cânones: 613, 603, 607, 710, 731.)

⁵² Mesmo superando mais de um milhão de membros, a vida consagrada é uma opção de vida assumida por uma minoria no conjunto da Igreja. Segundo as estatísticas de 1992, há na Igreja 1673 institutos e congregações. Deste número, 1423 são de mulheres e 250 de homens. A vida consagrada (leigas/os) e sacerdotes consagrados representam apenas 0,12% do total dos católicos. Destes 0,12%, a maioria absoluta é formada por Irmãs e Irmãos (que não pertencem ao clero), ou seja 82,2% de todos os consagrados são leigas e leigos e deste percentual, 72% são formados por mulheres.

pedras angulares da consagração religiosa, passavam de geração em geração sem mudanças ou alterações substanciais. Princípios não se discutiam e nem se contestavam. Simplesmente se obedeciam, se internalizavam e se viviam com entusiasmo institucional muito sério. No século XVI, a reforma das ordens antigas repercute também nas formas de colocar-se diante das novas questões sociais nos inícios da Idade Moderna.

Concomitantemente a este movimento de reforma há também um surto de novas fundações que, em geral, se situam nas novas fronteiras que a modernidade abre para o mundo e para a Igreja. As novas fundações põem em evidência que trazem consigo um carisma que orienta as atividades para responder a uma necessidade surgida dentro de um determinado contexto sócio-ecclesial e orientada, em geral, à missão apostólica nos vários campos da atividade humana. Um desses contextos e campos são as novas fronteiras constituídas pelo chamado *mundo novo* que compreendia as novas terras descobertas pela Espanha e Portugal⁵³.

A ocupação das novas terras obedecia a um plano das Coroas. O plano incluía a propagação da fé cristã, o projeto sagrado que trouxe ao Novo Mundo os primeiros missionários religiosos.

Se a idéia e compreensão de Igreja vivida pelo clero ultramontano da Igreja romanizada de ser ela a portadora da verdade desde sempre estabelecida e claramente definida devia ser aplicada a todo mundo católico, com maior razão e radicalidade o devia ser aos que se dispunham a viver a chamada vida religiosa. Dela se exigia perfeição .

⁵³ DE FREITAS, Carmelita Maria. *Inserção: novo modo de ser da vida religiosa*. RJ. Publicações da CRB, 1989, p.19.

Mas afinal, o que é vida consagrada feminina, mais comumente conhecida por vida religiosa? Esta vocação guardará algum mito? Esconderá alguma magia? Algum segredo? Será a religiosa uma pessoa cuja vida é totalmente inspirada pela fé, dedicada aos programas de religião e com a qual só se trata de assuntos de Deus e de Igreja? Ou será ela uma mulher igual a tantas outras que não buscaram a vida religiosa? Terão elas sonhos, alegrias, frustrações, tentações? Como e de que é tecido o cotidiano da religiosa? Que elementos constituem a vida consagrada?

Ao tratarmos de vida religiosa, em geral corremos o risco de pensar apenas numa abstração e falarmos dela quase como que de algo sagrado, de acesso dificultado por visões um tanto herméticas quando não mitificadas. A vida religiosa não é uma idéia ou um conceito. Não é um mundo em si que cai do céu misteriosamente sobre o caminho dos homens. Nem produto celestial, coisa santa e intocável vivida fora da história. É uma realidade que se constrói e continuamente é construída no caminho eclesial. Na dimensão da fé ela é um sinal. Mas sinal humano, formado por religiosos e religiosas e constitui-se de um conjunto de práticas vividas no contexto de Igreja, no presente caso, da Igreja Católica. Está situada historicamente na sociedade e nunca dissociada do chão da cotidianidade e realidade humanas. A vida religiosa são homens e mulheres como todos os homens e mulheres, limitados por espaço e tempo. Os religiosos, as religiosas não são 'almas' consagradas. São seres corpóreos, pessoas humanas que vivem o encontro e o desencontro, o encanto e o desencanto, as dores e os consolos, as fadigas e a exultação da vida comunitária e fraterna. Orientados por cosmovisões e idéias, vivem convicções próprias que os levam a posições e decisões grupais e pessoais de acordo com o projeto

comum de vida de cada instituto, congregação ou ordem, balizada pelo carisma⁵⁴, pautada pela autocompreensão à qual se subordina. Representa

“ organização hierarquizada, ritualizada, que submete a uma mesma disciplina todos aqueles que reúne, unindo-os na busca de um mesmo designio, permitindo-lhes reconhecerem-se em torno dos mesmos símbolos e em uma mesma liturgia ”⁵⁵.

Mesmo com metas claras que apontam para valores perenes, mesmo com desejos “puros” de perfeição, são pessoas constituídas do barro da terra. Mesmo copiando sua forma de vida do evangelho de Jesus Cristo, não conseguem isentá-la dos mecanismos humanos do poder e podem reproduzir nos conventos as mesmas dinâmicas do sistema dominante. É importante lembrar que “ser freira” não é uma profissão. É uma forma de vida.

Segundo o discurso religioso, a vida consagrada se constitui fundamentalmente de três elementos: experiência de Deus, vida comunitária e missão apostólica. Estes três elementos, nos diferentes momentos da história da Igreja, encontraram motivações concretas também diferentes e que podem ser compreendidas e explicitadas através das mediações históricas. O que mais claramente configurou a identidade desta forma de vida sempre foi a profissão dos chamados votos de pobreza, obediência e castidade⁵⁶ que apontam para três centros fundamentais da vida humana, para três valores arquetípos, as

⁵⁴ Carisma - força que inspira e chave que explica a originalidade da experiência e da prática dos conselhos evangélicos de cada família religiosa, sua espiritualidade, sua vida comunitária, sua missão, formação e organização.

⁵⁵ GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Apud SOUZA, Rogério Luís de. *A Construção de uma Nova Ordem. Catolicismo e Ideal Nacional em SC (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado Florianópolis: USFC, 1996, p. 63.

⁵⁶ Voto é a promessa deliberada e livre, feita a Deus, de um bem possível e melhor, isto é, de um ato mais perfeito que o seu contrário e deve ser cumprido em razão da virtude da religião. (Cf. Código de Direito Canônico, Cânon 1191. São Paulo: Ed. Loyola, 10ª Edição, 1997).

pulsações-chaves, os instintos do ter, do prazer e do poder, “três inapagáveis direções em que o próprio desejo busca realizar-se”⁵⁷.

Estes votos, de alguma forma, foram praticados em todas as tradições religiosas como prática testemunhal e contra-cultural nessas três áreas. Já na primeira regra de São Francisco de Assis, no século XII, lê-se:

*“A regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade”*⁵⁸.

Esses três votos são como que o símbolo de toda entrega: renúncia à posse de bens, ao amor exclusivo, à vontade própria. Ou então, a pobreza como austeridade e resistência cultural contra a ânsia de possuir; a castidade como experiência do amor oblato e gratuito e resistência contra a ânsia do prazer; a obediência como fidelidade à vontade de Deus e serviço aos irmãos e resistência contra a ânsia de domínio. Era sobre este último, a obediência, que mais se apoiava a autocompreensão da vida religiosa da Igreja romanizada.

O assumir dos votos na vida religiosa se fazia por cerimônias solenes, festivas mas que não deixavam de expressar, por seu significado simbólico, que a pessoa abraçava uma vocação relacionada com morte: “mortos para o mundo”. Detalhes das cerimônias como corte de cabelo, mudança de nome, hábitos pesados, véus negros, prostração no chão, tudo lembrava que a jovem buscava uma vida de renúncias. O ritual acentuava a dimensão ascética dos votos e o compromisso com seus ideais clássicos: “*fuga mundi*” e “*santificação pessoal*”. A jovem irmã passava a se dedicar ao cultivo intimista do

⁵⁷. ALMEIDA, Dalton Barros de. *A Vida Religiosa enquanto instituição. Leitura psicológica*. S.Paulo: Ed. Loyola, Publicações da CRB, 1982, p.180.

⁵⁸. BINDER, Frei Edmundo, O.F.M. *Os escritos de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 98.

espiritual, libertando-se, pela ascese, pela renúncia, pela solidão, pelos muitos “não”, das interferências corporais com seus perigos e ameaças.

Era o *modus vivendi* que a pessoa vocacionada a este tipo de vida devia seguir. Era o modelo que a Igreja considerava próprio para tal vivência. Modelo esse ditado pelas diferentes e históricas autocompreensões. Assim, a vida consagrada da Igreja romanizada seguia padrões de comportamento e normas do viver cotidiano num esquema rígido, disciplinar, altamente autoritário e controlador. Tão logo surgisse uma nova família religiosa, nascida carismática, profética e leiga, por iniciativa de um fundador ou fundadora, em pouco tempo lhe eram solicitadas, normas, regras e constituições que lhe davam roupagem institucional. Essas regras e constituições aprovadas pela hierarquia lhe garantiam a ortodoxia e acolhiam-na na comunhão eclesial. Porém, freqüentemente, supunha um corte do frescor e da coragem profética⁵⁹. A Igreja que lhe pedia constituições, organização oficial de grupo, a mantinha sempre em situação subalterna e colocada sob a égide e tutela de um bispo ou sacerdote. Igualmente o governo interno que se estabelecia para cada nova fundação apresentava com clareza a verticalidade do poder, que ficava nas mãos da superiora, da priora ou da abadessa, dependendo se a vida consagrada fosse em casa religiosa, convento ou mosteiro.

Geralmente dedicadas a obras que procuravam responder a uma situação configurada como problema social, buscavam motivação nas chamadas “obras de misericórdia”⁶⁰ e a congregação respondia à necessidade com serviços assistenciais. E as

⁵⁹ DIEZ, Felicísimo Martínez. *Vida Religiosa: carisma e missão profética*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 38.

⁶⁰ Essas “obras de misericórdia” estavam elencadas em catorze, distribuídas em dois grupos de sete: as corporais (dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; visitar os enfermos e encarcerados; remir os cativos e enterrar os mortos) e as espirituais (dar bom conselho; ensinar os ignorantes; castigar os que erram; perdoar as injúrias; consolar os aflitos; sofrer com paciência as fraquezas do próximo; rogar a Deus pelos vivos e defuntos).

congregações, pouco a pouco, se identificavam com suas obras, desviando-se possivelmente da inspiração fundante.

Sob a autoridade e o controle das superiores ampliados na pessoa das mestras, ficavam a vida e praticamente todos os atos das religiosas. As regras eram claras, as advertências exatas, as proibições inquestionáveis e os porquês considerados diabólicos. As normas disciplinares eram impostas com toda normalidade e aceitas sem discussão. O treinamento para viver este modelo era um dos objetivos básicos dos programas de formação. Através dela era feita a programação ou reprogramação mental com a instalação de mecanismos automáticos de auto-regulagem, auto condução, de controle e feedback, para a preservação das tradições e alcance dos fins ou metas da instituição. A disciplina era o recurso mais corrente para conseguir os objetivos previstos. O clássico princípio: *“Quem obedece não erra”* deixava as responsabilidades com quem mandava.

O acompanhamento era permanente e as avaliações freqüentes. Acompanhamento especial tinha tudo o que se referia à chamada vida espiritual. Sem termômetros para medir o fervor e progresso nessa vida - que devia ser buscada acima de tudo criavam-se certos mecanismos e técnicas que pudessem visualizar a caminhada de cada uma. Eram apontamentos tomados por escrito sobre o resultado de exercícios espirituais e práticas devocionais bem como o empenho colocado na observação e realização de cada um dos elementos anotados. Era um tipo de “balancete” indicado principalmente para as irmãs mais jovens, sobretudo no noviciado, onde tais práticas se constituíam na aquisição dos hábitos que definiriam a religiosa. Abandonar essas práticas seria enfraquecer pouco a pouco o espírito religioso, mundanizar-se e perder a vocação. Os exercícios tinham a finalidade de auxiliar no caminho da perfeição. Para isso haviam vários modelos. Por exemplo:

1. cada exercício cumprido se poderia assinalar com uma cruzinha (+), omitido sem culpa, com um traço (-), omitido com culpa com um zero (0);

2. para a prática das virtudes poderiam ser atribuídas notas: 1 para o ótimo; 2 para o bom; 3 para o suficiente; 4 para deficiente; 5 para o insuficiente;

3. marcar com traços de tamanhos diversos, designando os traços maiores as faltas e atos de virtudes mais importantes, e os traços menores, as faltas e atos virtuosos de somenos importância⁶¹.

⁶¹. WALLENSTEIN, Antônio, O.F.M. *Catecismo da Perfeição Cristã*. . Petrópolis: Vozes, 1956, 3ª edição, p. 79 e 82.

A estruturação do esquema 1, tinha mais ou menos a seguinte configuração:

Data: Outubro, 19.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	...
Pontualidade no levantar	+											
Meditação	+											
Santa Missa	+											
Sagrada Comunhão	+											
Exame de consciência particular	-											
Leitura espiritual	0											
Oração da noite	+											
Reta intenção	3											
Humildade	3											
Obediência	2											
Caridade	4											

WALLENSTEIN, Antônio, O.F.M. Op. cit., p.80

Os pontos a serem anotados variavam de acordo com o plano de cada pessoa, seguindo as orientações da mestra de noviças. Para que o “balanço” mensal pudesse apresentar mais perfeição no cumprimento dos exercícios de piedade e avanços na prática das virtudes, os escores positivos deviam superar os negativos e superarem-se mês-a-mês. Quando se alcançava superar os limites de um defeito, passava-se a outro.

Gráfico esquemático para anotação dos resultados do exame particular⁶², feito duas vezes ao dia. Ele reafirmava a necessidade da vigilância e de sempre de novo se voltar à vida interior. No modelo poder-se-ia colocar: número de vezes que se caiu em falta ou aplicar-se uma nota. A tabela podia visualizar todos os dias do mês ou as semanas.

(M) quer dizer: ao meio dia,

(N) quer dizer: à noite.

OBJETO: S I L Ê N C I O						
S E M A N A		4-10 VII	11-17 VII	18-24 VII	etc.	
Domingo	M.	4				
	N.	2				
Segunda-feira	M.	5				
	N.	2				
Têrça-feira	M.	4				
	N.	4				
Quarta-feira	M.	7				
	N.	4				
Quinta-feira	M.	3				
	N.	2				
Sexta-feira	M.	6				
	N.	4				
Sábado	M.	5				
	N.	5				
Soma		57				

WALLENSTEIN, Antônio, O.F.M. Op. cit., p. 83

⁶². O exame particular se restringia a um ponto só, bem determinado. Por exemplo: a extirpação de um defeito ou aquisição de uma virtude. Era feito duas vezes por dia com o objetivo de tornar mais fácil e eficiente o propósito do seu objetivo. Dele também se dava conta na confissão semanal, declarando, depois de confessados os pecados: "A matéria do meu exame particular é ... Na semana passada caí tantas vezes. Nesta semana, tantas. (Cf. Walenstein, Antônio. Op. cit., p. 80-81).

Esquema para anotações com traços de vários tamanhos, considerado o mais completo⁶³. O tamanho dos traços determinam, neste modelo, a maior ou menor perfeição no exercício. Quanto menor, menos perfeito. Também este modelo podia visualizar todos os dias do mês.

OBJETO: PACIÊNCIA NO TRABALHO				
S E M A N A		4-10-VII	11-17. VII	etc.
Domingo	M.		.	
	N.	
Segunda-feira	M.	
	N.	
Têrça-feira	M.	
	N.	
Quarta-feira	M.	
	N.	
Quinta-feira	M.	
	N.	
Sexta-feira	M.	
	N.	
Sábado	M.	
	N.	
Soma		21 32 24	28 32 33	

WALLENSTEIN, Antônio, O.F.M. Op. cit., p. 84

⁶³. WALLENSTEIN, Antônio. Op. cit., p. 84.

Esses exercícios, sedimentados na longa experiência da vida religiosa, tinham a função de manter acesa a dimensão primeira da consagração e a viver a experiência fundante de ser de Deus.

Desta forma a importância da relação com Deus, com o divino era vivida na medida em que os religiosos assumiam essas práticas de piedade e exercícios espirituais, muitos deles consagrados pela tradição como modelo comprovado de santidade, pois fundadores e membros de congregações tinham alcançado a glória dos altares com este modo “teologal” de viver. Acreditava-se no testemunho dos santos e nas palavras dos superiores. Por isso, valia o esforço, o máximo do esforço para participar desse patrimônio espiritual que crescia com a soma da parcela de cada um dos seus membros e que se definia de modo claro e verificável ⁶⁴.

Confidências eram partilhadas só com quem possuía o poder de ouvi-las; sentimentos só com quem tinha direito de conhecê-los. Sob controle e vigilância da autoridade ficavam até as amizades. Ninguém era livre de construí-la sem o “placet” dos superiores. Elas poderiam se tornar perigosas. Eram as chamadas amizades particulares. Para onde os olhos e ouvidos dos superiores e mestres não pudessem estar presentes, havia a Regra, as Constituições, o Regulamento da casa, os Costumes. Isso tudo era de tal modo introjetado na mente da pessoa que funcionava mais que os passos da superiora. Em algumas congregações e conventos, havia como que um olho invisível, lembrado por frases colocadas em pontos estratégicos do ambiente doméstico, como: “**Deus me vê**”. Era a instituição retendo cativa a liberdade de realizar criativamente os atos e fatos da

⁶⁴. Cf. LIBÂNIO, José Batista. *As grandes rupturas socioculturais e eclesiais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1980, p. 40-43.

cotidianidade. Era a vigilância acima da vigilância humana, funcionando como “cão de guarda” que ameaçava, tirava a paz e levava a jovem ou a irmã, ao confessor caso não respeitasse seus chamados de alerta. Este era o método para ir enquadrando a pessoa e testar-lhe a capacidade de viver a forma de vida que buscava. Este era o poder servindo-se das normas disciplinares e do controle instalado com minúcia e detalhe.

A meta devia ser muito clara e objetiva: chegar aos “esponsais místicos”, mesmo que isto significasse passar por cima de si mesma. Uma canção cantada no período de minha formação e considerada o Hino do Noviciado, dá uma noção dos ideais, dos sonhos de uma jovem que, não poucas vezes, lutava contra muitas ‘tentações’:

*Eis o porto plácido com que eu sonhava.
Eis o porto azul, todo banhado em luz...
Vida da minha alma, ó meu Jesus amado
Sonho virginal da minha vida em flor.
Dá-me esta grinalda do eternal noivado.
Serei toda tua, serás meu Senhor. ...*

Para passar de uma etapa de formação a outra, o juízo de idoneidade era emitido pela formadora, pela mestra. Ela, a formadora, era a especialista que não só determinava a possibilidade de a candidata ser ou não aceita, mas a ia conduzindo, formando para os compromissos exigidos pelas constituições, tradições e costumes. Terminada a etapa que concluía com o noviciado, a candidata era submetida ao chamado “exame canônico” feito com o bispo ou seu delegado, onde, sob juramento, a candidata declarava abraçar a vida religiosa, livre e consciente.

O cotidiano era também marcado pela leitura da vida dos santos, os escritos de espiritualidade, as exortações dos superiores e dos padres espirituais. A vida dos santos se constituía em exemplos colocados à imitação das candidatas e das irmãs. Eram exemplos de oração, de obediência cega - que fez santos mas deixou muita gente infantil - sacrifícios

de toda espécie, enfim, modelos de vida e contraponto à modernidade. Havia também os livros de leituras moralizantes e ameaçadoras.

Lembro-me que, aluna da Congregação das Irmãs da Divina Providência, nos enchia de pavor a leitura feita às internas no café da manhã. Eram leituras de livros de inspiração ultramontana que usavam a teologia do medo e criavam uma atmosfera carregada de máximas que enchiam nossas mentes de temores e os corações de complexos de culpa. Esses livros tratavam principalmente de temas relacionados à moral sexual e uso do corpo, assuntos ligados ao sexto mandamento: “*não pecar contra a castidade*” e cujo conteúdo se constituía sempre em matéria para pecados graves e por isso mesmo pedia fiscalização mais atenta, controle mais sério, acompanhamento mais amigável e profundo. Quedas nesse campo exigiam confissão detalhada sobre como, quantas vezes, se praticado a sós ou com outros, se acompanhado de gestos ou não. O corpo, afinal, era símbolo da materialidade, da caducidade. Ele se tornaria pó. Devia ser vigiado porque era matéria corrompida, espaço para muitos pecados, lugar de tentações. Seus apelos eram perigosos e deviam ser combatidos e recusados; seus desejos vencidos com penitências e suas formas ocultadas por largas e pesadas roupas, disfarçadas por capas ou quase mutiladas por peças apertadas ao próprio corpo. Elas tinham um objetivo: lembrar que não se era mais do “mundo” e a vaidade devia ser cortada pela raiz⁶⁵. Reicindentemente persistia-se no discurso maniqueísta e dualista que contrapunham corpo e alma, carne e espírito, profano e sagrado, matrimônio e virgindade. Esse campo que não era anulado pelo voto de castidade, pedia normas não só disciplinares mas também ascéticas e morais. As vaidades se cortavam com

⁶⁵. Lembro-me de uma jovem que no tempo do noviciado conservava um pequeno espelho debaixo do travesseiro. A mestra o descobriu. Tomou o espelho, retirou a lâmina brilhante e em seu lugar colocou uma imagem de Nossa Senhora com a inscrição: “Seja ela o teu espelho”.

expições, oblações, sacrifícios, conforme a mentalidade jansenista. Afinal, a castidade, o celibato “*não é um modo de amar sem corpo, mas, antes, um modo particular de viver o próprio corpo*”⁶⁶.

A prudência no relacionamento era exigência básica. Mesmo com a própria família - pais, irmãos, sobrinhos, primos. Olhar reservado, olhos baixos, caminhar circunspecto, nada que pudesse chamar a atenção. Afinal, a vida religiosa devia ser modelo de perfeição, privilégio de poucos, desempenho reservado a especialistas. Quase um luxo. Esta perfeição, segundo Elias Canetti,

*“contém os cristãos propriamente ditos, que vivem para a obediência, a pobreza e a castidade. Eles servem para colocar de vez em quando à vista dos outros, dos muitos que se denominam cristãos mas não são capazes de viver como tais, exemplos de pessoas que realmente o são. Seu traje funciona como o mais importante meio para conseguir este objetivo. Ele significa renúncia e desprendimento do laço costumeiro com os familiares”*⁶⁷

O objetivo, portanto, era apresentar e viver sempre a dimensão transcendental da vida religiosa

*“através do sentir a presença de Deus, que penetra a alma e a transforma profundamente, abrindo-se ao conhecimento da própria indigência e da necessidade de Deus, como realidade universal detectada, aceita e proclamada, razão última da vida, do mundo e da história”*⁶⁸.

Foi dessa forma que a consagração religiosa criou um singular estilo de vida: horários, costumes vividos na clausura, modo de se apresentar e falar, jeito de andar, de vestir e de rezar. Um jeito que se apresentava solene, respeitoso, hierárquico e que faz Elias

⁶⁶. Apud GIORDANI, Bruno. *A mulher na Vida Religiosa. Aspectos psicológicos*. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, p. 279.

⁶⁷. CANETTI, Elias. Op. cit., 1986, p. 173.

⁶⁸. *Vida segundo o Espírito nas comunidades religiosas da América Latina*. Rio de Janeiro: Publicações da CRB, Coleção Vida Religiosa, 1973, p. 18.

Canetti referir-se ao cotidiano do catolicismo tridentino comparando-o com o lento desfilar das procissões.

“As procissões são um exemplo impressionante. Elas devem ser vistas pelo maior número possível de pessoas; seus movimentos são orientados neste sentido - ela flui lentamente. As procissões reúnem os crentes, passando ao longo deles para incorporá-los paulatinamente, sem provocar grandes movimentos a não ser cair de joelhos e entrar na seqüência prevista no final do cortejo, sem que os crentes tenham a idéia ou mesmo o menor desejo de subir de posição dentro da seqüência estabelecida”⁶⁹.

A aceitação das práticas propostas era o exercício ascético diário para transformá-los em valores pessoais, para fazer a *“culturalização das aspirações da particularidade individual”⁷⁰* porque

“ as exigências e normas da ética formam a intimação que a integração específica determinada dirige ao indivíduo, a fim de que esse submeta sua particularidade ao genérico e converta essa intimação em motivação interior...”⁷¹

A organização da vida comunitária era de tal modo planejada que permitisse fazer do convento o lugar para viver o absoluto de Deus. Os comportamentos estavam todos regradados em vista do espiritual. O silêncio, as regras de relacionamento, os assuntos a serem tratados eram feitos no sentido de propiciar clima para cultivar a vida espiritual. Assim, a repetição de normas prescritivas, as regras disciplinares, principalmente as de “observância regular” e o esforço de cada membro para atingir a perfeição em tudo, fazia a coesão do grupo. A disciplina aceita como norma resolvia os problemas criando um

⁶⁹. *Vida segundo o Espírito nas comunidades religiosas da América latina. Op. cit., p. 172.*

⁷⁰ HELLER, Agnes Op. cit., 1992, p.23.

⁷¹. Ibid.

ambiente de segurança coletiva; a metodologia do perdão solicitado, dado e recebido recompunha os quadros criados por tensões e conflitos, tornava a vivência harmônica e formava a comunidade. Este era o modelo prescritivo. Esta era a ‘forma’ que dava forma às mulheres que decidiam, na dimensão da fé, assumir a vocação de ser freira; uma vida um tanto fora de série que, como qualquer outra, devia ser aprendida através dos cânones e modelos já testados e aprovados pela Igreja.

Junto com todo o material oferecido e os treinamentos feitos para viver “segundo o Espírito”, havia conteúdo programático para a formação teológica e doutrinal da religiosa de congregação de vida apostólica, de vida ativa e não-claustral. A religiosa se dedicaria também a tarefas envolvendo pessoas e grupos conforme os objetivos e metas das diferentes congregações e a preparação profissional era imprescindível.

Neste sentido, o grande tear sobre o qual se tecia a vida da futura religiosa era o programa formativo que constava de conteúdos na linha teológica, bíblica, litúrgica, catequética e as matérias específicas para dar respostas à missão a que o carisma orientava: saúde, ensino, assistência social. Os serviços e atividades eram determinados pela finalidade do instituto que “*freqüentemente era o critério último para o exercício da autoridade e das práticas da obediência*”⁷².

Fica claro, portanto, pelo acima dito, que a formação não era ‘só’ para as coisas de Deus e da vida comunitária vivida “ad intra”. Havia formação e treinamento para o exercício da missão, da vida vivida “ad extra”. Esta formação, orientada pelo carisma e exigências do ministério apostólico, ocupava boa parte do cotidiano, principalmente no

⁷². DIEZ, Felicissimo Martinez. *Vida Religiosa. Carisma e missão profética*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995, p. 225.

tempo que antecedia o ano do noviciado⁷³. Variando de instituto para instituto, esta preparação, que visava atender o ministério específico, era feita nas chamadas “casas de formação” e sob a orientação de membros escolhidos dentre os julgados mais idôneos para a referida missão. No caso das Catequistas a formação para ser professora era feita também em escolas públicas da rede estadual ou em colégios particulares de congregações religiosas, já várias em Santa Catarina⁷⁴, no aproximar-se da época conciliar.

A vida religiosa chegou ao Brasil por ocasião do “descobrimento”. Sua presença todavia se oficializou em 1549 com a chegada dos jesuítas que vieram como enviados da Coroa de Portugal.

A vida religiosa feminina começou depois. É uma história de submissão institucional, fraca e pouco registrada em livros e outros documentos, fruto de uma compreensão que desvaloriza a mulher. Sabe-se que nos primeiros séculos de nossa História, entre o desejo de ser religiosa e sua concretização, as possibilidades eram remotas. Não querendo o governo que os portugueses casassem com negras e índias, o que aumentaria a mestiçagem e enfraqueceria o projeto da Coroa, ordenava que as jovens brancas - escassas na época - fossem destinadas ao matrimônio dentro do âmbito da classe senhorial⁷⁵. Casadas com os colonizadores, dessem filhos a eles, força para o trabalho e povoassem o território brasileiro cuja extensão era enorme, praticamente despovoada, e

⁷³. O noviciado é a etapa com a qual se começa a viver a vida religiosa do instituto. Segundo o C.D.C. destina-se “a que os noviços conheçam melhor a vocação divina, e mais precisamente a vocação própria do instituto...conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade”. *Op.cit.*, Can. 646..

⁷⁴. Meus estudos eu os fiz no Colégio dos Santos Anjos, das Irmãs Servas do Espírito Santo, em Porto União, SC e no Colégio Maria auxiliadora, das Salesianas, em Rio do Sul.

⁷⁵. AZZI, Riolando. *A Igreja e o menor na história social brasileira..* São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 42.

com áreas de fronteira imensas para serem protegidas. Daí, o controle sobre as brancas, fossem elas de classe alta ou pobres, para que não abraçassem a vida religiosa. Para alcançar esses objetivos, tomavam-se também medidas para impedi-las de irem aos conventos de Portugal e se dificultava a fundação de conventos na Colônia, onde só tardiamente foram introduzidos.

“ A Coroa resistiu firmemente à fundação desses conventos, motivada sobretudo pela necessidade de garantir a permanência e a hegemonia da minoria portuguesa nas terras conquistadas”⁷⁶.

“Assim mesmo, houve dois tipos de vida religiosa feminina: uma oficial, canônica, que se dava nos mosteiros para mulheres brancas e ricas da classe senhorial portuguesa; outra mais informal, vivida nos “recolhimentos” ou nas próprias casas das famílias, acessível às brancas pobres, às mulatas e negras. Ambas as formas de vida consagrada expressam a situação da mulher na sociedade e revela traços da estrutura colonial”⁷⁷.

Ao lado destas formas de vida religiosa, surgiram alternativas populares. Muitas moças se enclausuravam nas próprias famílias, ou em “beatários”. Faziam votos particulares, submetiam-se a penitências rigorosas e dedicavam-se a obras de caridade. Eram conhecidas como “beatas” e existiram em todas as regiões do Brasil colonial. Algumas delas vestiram hábito de penitência e tornaram-se peregrinas.

A partir do Segundo Reinado quando se inicia o período de “romanização” da Igreja e se implanta o novo modelo, chegam ao Brasil, religiosos vindos da Europa com a finalidade de pregar missões populares e fazer a reforma do clero, visando a substituição

⁷⁶ AZZI, Riolando. *Op. cit.*, p. 42.

⁷⁷ VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo... a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Joinville: S/ed. 1990, p. 44.

do catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo romano. Na mesma época chegam também novas congregações religiosas femininas de vida apostólica que se ocuparam do ensino, do cuidado dos doentes em hospitais, das obras assistenciais, sobretudo nos centros urbanos. Entre elas merecem destaque as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, as Irmãs de São José de Chambery e as Irmãs Dorotéias⁷⁸. De 1849 até o final do século, chegaram ao Brasil religiosas de vinte institutos femininos diferentes e houve três fundações no país. Entre 1900 a 1930, chegaram do exterior mais de 60 congregações e aqui foram fundadas nada menos que 16⁷⁹.

Com a proclamação da república o governo decretou a separação entre Igreja e Estado. É a ocasião em que a Igreja do Brasil de maneira mais forte se vincula à Cúria Romana. Com isto aumentou a vinda de religiosos que chegaram sempre a pedido dos padres para ajudá-los a enquadrar o catolicismo do Brasil nos parâmetros dos moldes europeus, imbuídos de mentalidade romanista. A consequência foi

“um catolicismo pregado segundo esquemas europeus, com uma visão de coisa, com uma mentalidade e uma doutrinação que somente a duras penas se ajustava aos condicionamentos locais e às reais necessidades da Igreja do Brasil”⁸⁰.

A chegada de maior número de religiosas possibilitou o incremento de vocações à vida consagrada, operou a reforma e restauração das antigas ordens religiosas e se iniciou um período de transição para esta mesma vida consagrada. Os antigos recolhimentos desapareceram e deram lugar a novas congregações que aqui abriram colégios, hospitais e

⁷⁸. Cf. AZZI, Riolando. Op. cit., p.17.

⁷⁹ VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 43.

⁸⁰. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil*. São Paulo: Giro, 1977, p. 59.

orfanatos. As religiosas desenvolveram serviços de maior relevância nas Santas Casas, nos orfanatos, nos asilos e principalmente para com os marginalizados da nova ordem econômico-social, de cunho capitalista e liberal que se instalava no país. Este modelo de vida religiosa desempenhando papéis sociais altamente prezados dentro da sociedade da época, como o ensino e o serviço hospitalar, tornou-se poderoso atrativo para a juventude feminina. A mulher, até então bastante limitada em suas funções na sociedade brasileira, encontrou na vocação religiosa um caminho de realização espiritual, de valorização humana e também ascensão social. Isto explica talvez o rápido crescimento dos efetivos recrutados diretamente do Brasil. Pode igualmente explicar a fundação de tantas congregações religiosas femininas no país ⁸¹.

Em Santa Catarina a vida religiosa não fugiu à regra. Corre paralela à presença desta mesma vida no Brasil.

“Os primeiros religiosos que aqui chegaram foram os franciscanos, seguidos pelos jesuítas. Durante a época colonial não se conheceram em Santa Catarina, mosteiros ou recolhimentos. Mas, como em outras regiões do país, também aqui ficou famosa a presença de uma “beata” peregrina, Joana Gomes de Gusmão, irmã de homens também famosos: Padre Alexandre de Gusmão, aviador e Bartolomeu Lourenço, estadista, secretário do Rei Dom João V de Portugal.

Joana, tendo ficado viúva, fez-se membro da Ordem Terceira de São Francisco e partiu de Paranaguá onde morrera seu marido, vestida com rústico hábito de penitente e, levando ao peito um pequeno oratório, iniciou uma peregrinação chegando até a cidade de Desterro (Florianópolis)⁸².

“Joana, cumprindo promessa de peregrinar pelo mundo difundindo a devoção ao Menino Deus, cuja imagem carregava sempre, estabeleceu-se no sopé do Morro onde hoje se encontra o Hospital de Caridade. Ali fixou residência com outras companheiras,

⁸¹. Em nossos dias, as congregações religiosas femininas fundadas no país ultrapassam o número de 100.

⁸². VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 44.

passando a viver como monja. Andava pelas ruas pedindo dinheiro para construir uma capela para o Menino Deus e fundou uma escola para crianças pobres. Por sua santidade e sabedoria, era visitada pelas pessoas importantes da cidade, que com ela vinham se aconselhar. Faleceu aos noventa e dois anos. Seus despojos estão guardados na capela do Menino Deus”⁸³.

A esta beata, mulher franciscana e asceta, a Vila do Desterro tributou estima e respeito e seu nome está perpetuado no Hospital Infantil da Capital.

Foi somente após a Proclamação da República que se estabeleceram definitivamente em Santa Catarina, sacerdotes e religiosos estrangeiros que vieram para dar assistência religiosa aos imigrantes e também para colaborar na implantação do catolicismo tridentino.

As congregações religiosas européias que aqui chegaram no século XIX e no decorrer da primeira metade do século XX, acompanhando os imigrantes ou vindo logo depois para atendê-los, simplesmente reproduziram aqui o modelo de seus países de origem. A vida vivida por essas congregações seja na Alemanha, França, Bélgica e Holanda chegou ao Brasil fazendo um verdadeiro transplante do cotidiano europeu vivido nos conventos da Europa. Apresentaram uma vida religiosa comprometida com as classes sociais que se formavam no bojo da modernização que se fazia. Dedicaram-se mais aos meios urbanos e a população branca da classe média, aliada aos grupos em processo de ascensão social. Para cá foram transplantados o mesmo sistema de poder, as normas de comportamento com os valores, símbolos, praxes e sanções de foro interno que eram depois impingidos às candidatas à vida religiosa do país. Também a língua, a culinária, o estilo de

⁸³ BESEN, Artulino José. *Igreja e Política em Santa Catarina*. In: “Encontros Teológicos”, Ano 10 (19) 1995, p.65.

construções. Igualmente, apesar de virem para um país tropical, conservou-se o mesmíssimo hábito:

grosso, pesado e fechado que diferenciava e distinguia as mulheres religiosas das outras mulheres. Além dos elementos acima citados, externos, materiais e certamente secundários, muitas outras formas de dependência, mais sutis e persistentes faziam o cotidiano das congregações que aqui chegaram e marcaram as relações internas das comunidades de vida religiosa. Conhecer e valorizar a cultura circundante não eram preocupações que acompanhavam as religiosas que deixavam a pátria-mãe para trabalhar no *Novo Mundo*. Não foi, ao pisarem este chão, o momento no qual a vida religiosa assumiu a cor e as expressões da América Latina e menos ainda o jeito brasileiro. Aliás, nesta época, nem a Igreja estava desperta e aberta para as questões culturais.

Um jeito novo de viver a vida consagrada foi iniciado por uma das várias congregações fundadas em Santa Catarina, (cf. nota nº1, p. 8) a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Sobre essa congregação passarei a descrever a partir do próximo capítulo com o objetivo de mostrar como, em terras catarinenses, nasce uma congregação religiosa feminina de vida apostólica, que faz, em sua forma de viver o cotidiano, um “**aggiornamento**” natural, espontâneo, antecipando-se por cinco décadas ao Vaticano II e deflagrando, como que através de uma visão antecipada, a renovação que João XXIII solicitou através do Concílio e na compreensão que ele deu a este “aggiornamento”.

Referindo-se a este Papa comenta-se de modo informal, no ambiente interno da Igreja, que a figura pacata de João XXIII, provocou admiração após sua eleição, em 1958. A crítica jornalística internacional recebeu com muita surpresa o resultado do escrutínio que fez dele o sucessor do luminar Pio XII. “É um Papa de transição”, assim foi dito.

Argumentava-se que ele seria apenas uma ponte entre o sábio Eugenio Pacelli e o preparado Montini, Cardeal de Milão, que viria a ser mais tarde Paulo VI.

João XXIII, logo depois de eleito o novo Papa da Igreja, teria se dirigido a uma das janelas dos aposentos papais, no Vaticano, e abrindo-a, tomou o ar que entrava, inspirou e disse: *“A Igreja precisa de novos ares”*. Em seguida, o filho de camponeses de Sotto il Monte teve a ousadia de convocar o Concílio Vaticano II, de acordo com alguns críticos, *“sem consciência exata das conseqüências desta convocação”* e deu aos preparativos do Concílio um norte fundamental que se chamou *“aggiornamento”*.

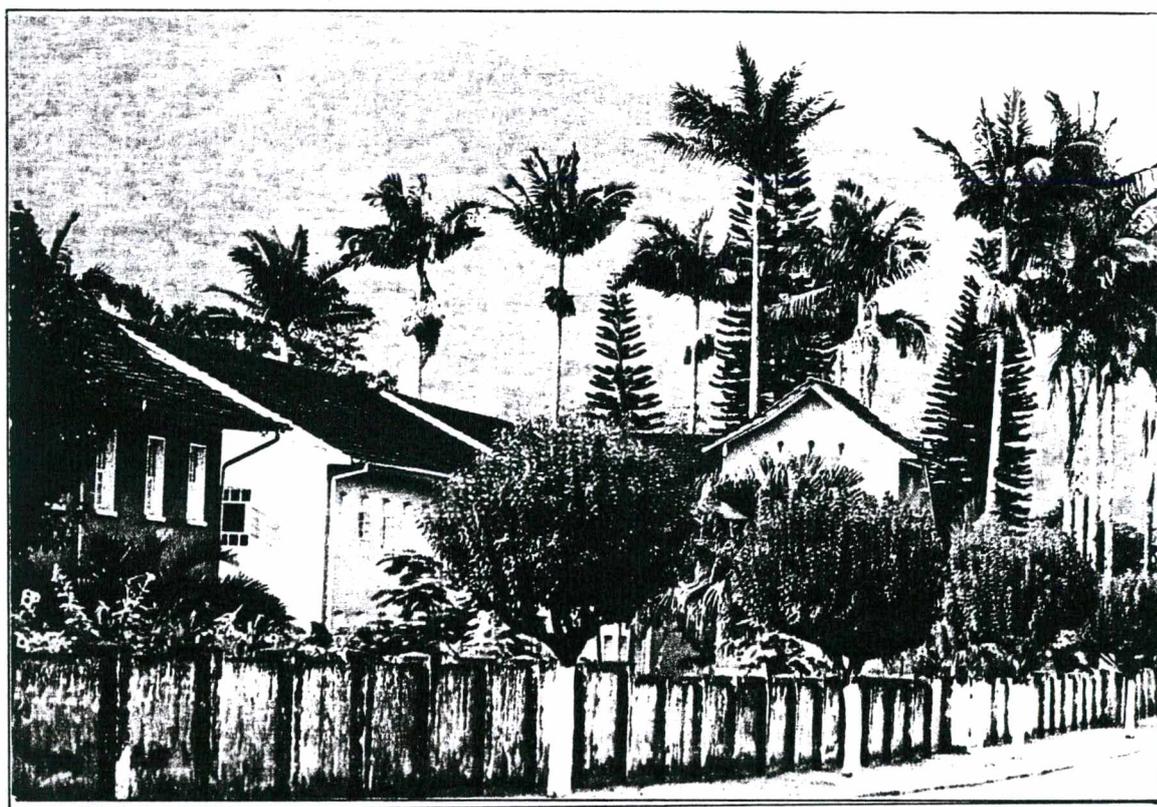
Entende-se, pois, por esta palavra, de modo um tanto figurado ou parabólico, o sentido de que novos ventos devem invadir os corredores internos da vida eclesiástica, sugerindo-se reformas em todas as suas entranhas. Reformas litúrgicas, doutrinárias, pastorais, de valores, de costumes. A Igreja estava por demais arraigada a práticas e praxes, procedimentos e valores de uma época passada e sem condições de se relacionar com as culturas e tecnologias que emergiram principalmente no último século.

“Aggionar” ou atualizar a Igreja frente aos novos paradigmas, uma tarefa que pedia muito equilíbrio, face à guinada que se deveria operar e principalmente face às resistências que certamente haveriam de se manifestar, para que a *“verdade eterna”* cedesse espaço à *“verdade situada”* no novo tempo. Mas o norte do Concílio estava delineado: **aggiornamento**. E assim se fez.

Os costumes e as práticas litúrgicas que alijavam o leigo da participação foram revistos; a língua oficial (o latim) foi substituída pelo vernáculo; a posição do presbítero (de costas para o povo) foi modificada e o leigo se fez ouvir nas assembléias. O *“aggiornamento”*, a *“agorização”*, a atualização passaram a se processar de modo singular em cada canto e em cada comunidade católica do universo.

O “aggiornamento”, mais que tudo é, pois, uma disposição interna da Igreja de aceitar suas limitações de um lado e os valores dos grupos humanos de outro. Valores atuais invadindo com novo ar, novos ventos a vida interna da Igreja.

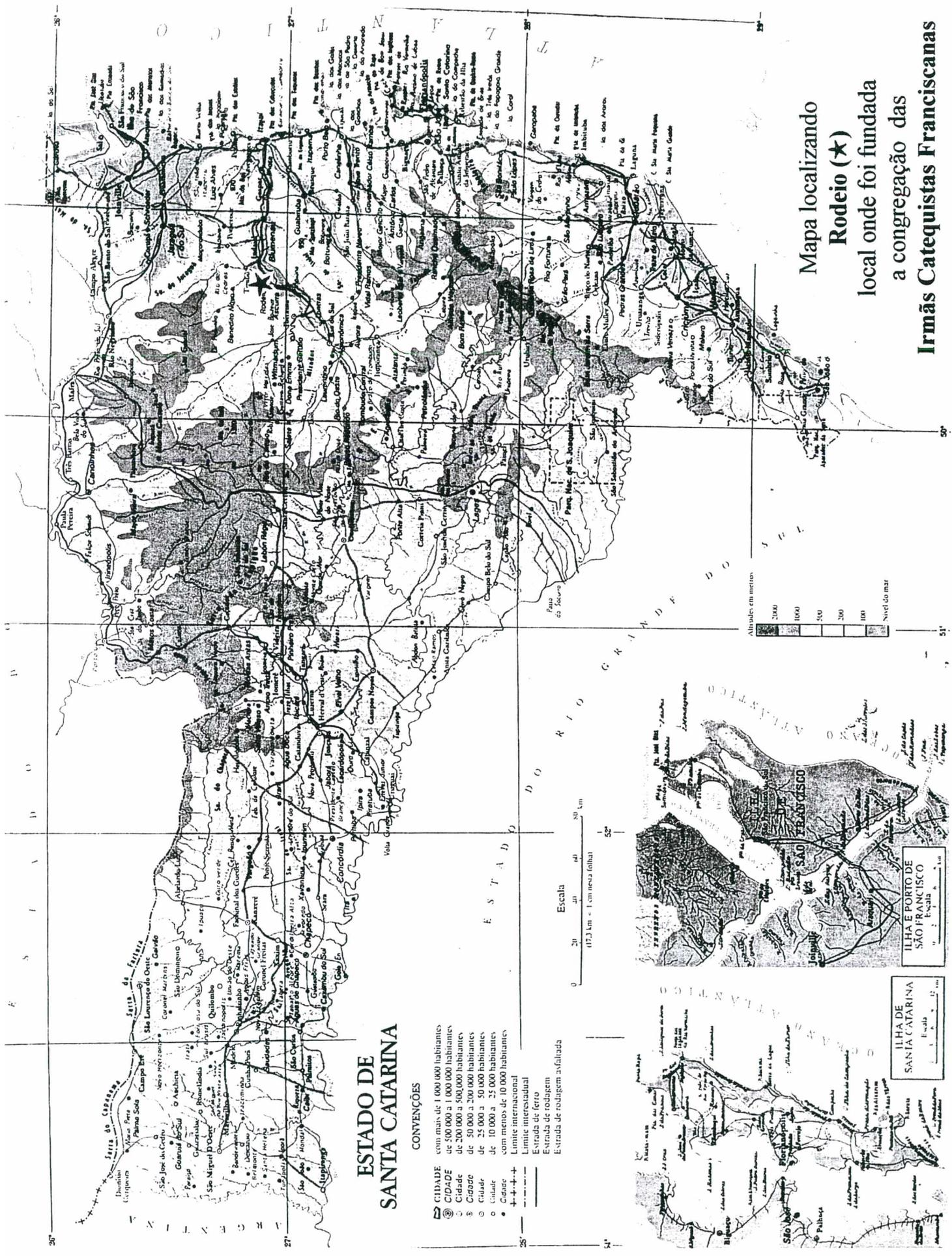
Como “aggiornamento” é um processo que, em dado momento histórico, se deflagra e é reconhecido como tal. Tem etapas, nuances, intuições antecipadas. Esta parece ter sido a experiência das Catequistas de Rodeio.



Casa – Mãe, Rodeio, SC. Foto da década de 1970



Detalhes
Do mapa do Trentino
Destacando-se a zona de partida
Dos trentinos com destino a
Santa Catarina.
GROSELLI, Renzo Maria.
Op. cit., p. 23-24.

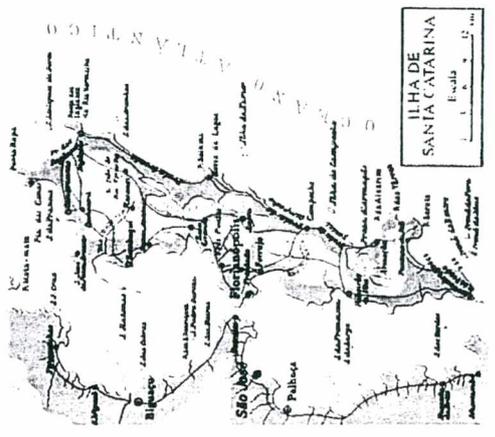
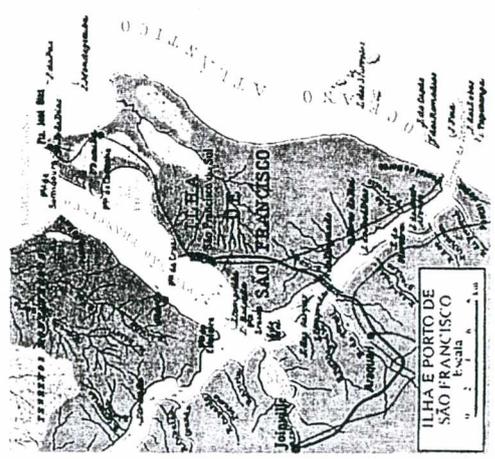


ESTADO DE SANTA CATARINA

CONVENÇÕES

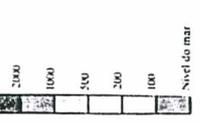
- com mais de 1 000 000 habitantes
- ⊙ de 500 000 a 1 000 000 habitantes
- ⊙ de 200 000 a 500 000 habitantes
- ⊙ de 50 000 a 200 000 habitantes
- ⊙ de 25 000 a 50 000 habitantes
- de 10 000 a 25 000 habitantes
- cidade
- vila
- povoado
- limite internacional
- limite interestadual
- entrada de ferro
- entrada de rodagem
- - - entrada de rodagem avulada

Escala
0 20 40 80 km
(1:250 000 - 1 cm nesta folha)



Mapa localizando Rodeio (★) local onde foi fundada a congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas

Altitude em metros

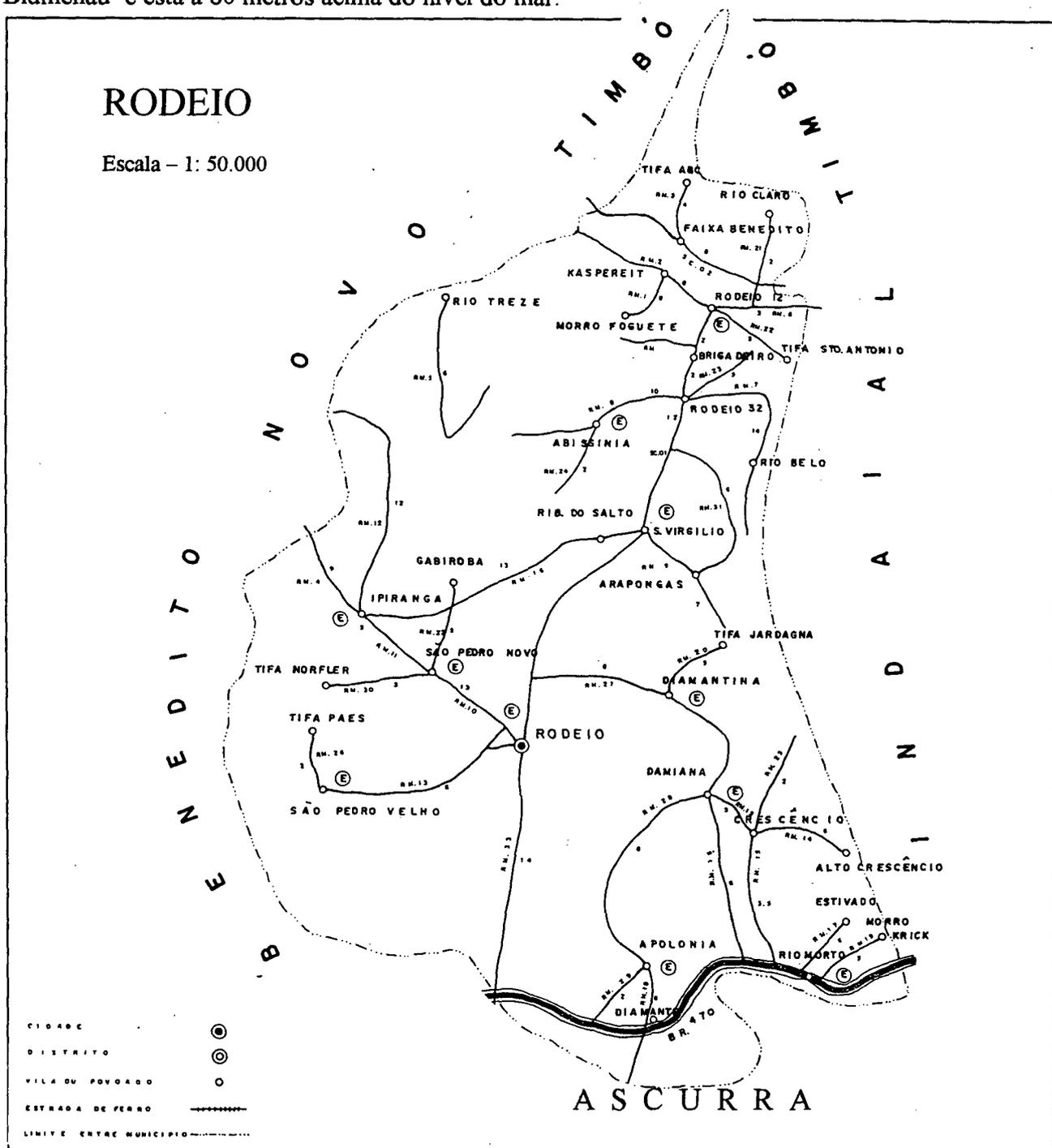


Nível do mar

CAPÍTULO II

A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS

Rodeio - berço da Congregação - fica na região Serra do Mar à margem do rio Itajaí-Açú. Dista, em linha reta, 108 quilômetros de Florianópolis, a menos de 50 de Blumenau e está a 80 metros acima do nível do mar.



Sua localização, numa região privilegiada da Serra do Mar, dá a todos os que a observam, olhando do alto da colina onde está a igreja dedicada a São Francisco de Assis, uma visão deslumbrante da região singularmente bela do vale rodeado de montanhas da pujante mata atlântica. Elas se erguem majestosas, encadeadas umas às outras como que abraçadas para manter sua força e formar um paredão colossal a proteger o vale úmido, em cuja várzea de terras planas se situa a cidade “desarrumada”. A paisagem é tranqüila e no plano do seu traçado guarda a lembrança de que obedeceu às vantagens dos fins agrícolas que lhe deram início. Com o aproveitamento dos muitos fios de água que descem das encostas, os colonos transformaram suas terras em imensos e numerosos arrozais, mantendo, todavia, o elemento que recorda o eixo principal do seu traçado, a antiga Picada de Rodeio, hoje sua rua principal.

Foi criado município pela lei n.º 104 de 22 de outubro de 1936, no governo de Nereu Ramos e elevada à categoria de cidade pelo Decreto 86 de 31 de março de 1938.

A este local que se dirigiram os colonos embarcados na Itália em maio de 1875 e aqui chegados em agosto do mesmo ano. Era uma leva de imigrantes provindos do Norte da Itália, quase todos do mesmo lugar, área restrita da região trentina, em forma de triângulo.

A imigração está ligada a duas pragas que atingiram a região: a pebrina que afetou a importante cultura do bicho-da-seda cultivada em mais de 50% dos municípios, provocando a crise da indústria da seda “*eixo mestre na estrutura industrial da região alpina*”⁸⁴ e substancialmente dependente da primeira; a outra que destruiu praticamente todo o cultivo da videira e com isso a indústria do vinho. As duas pragas e a crise na indústria da seda “*foram o golpe decisivo para uma economia mal articulada,*

⁸⁴. GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., p. 55.

*estruturalmente fraca e substancialmente incapaz de renovar-se*⁸⁵ e deixaram abalado todo o sistema econômico da região que tinha nessas atividades sua principal fonte de trabalho e de sustentação. Além disso havia as barreiras alfandegárias criadas com a anexação da Lombardia e da Veneza à Itália, enquanto o Trentino permanecia na posse do Império austro-húngaro⁸⁶.

Assim, premidas pelas graves situações do país, 120 famílias de trentinos que formaram o grupo dos primeiros emigrantes, venderam suas terras, suas indústrias e seus pertences para pagar a viagem ao Brasil e deixaram as condições difíceis da pátria, em busca de terras para si e seus filhos. Formaram um grupo social de tal forma compacto, que levou esta imigração a ser comparada *“a uma forma de êxodo”*⁸⁷. A estes primeiros se juntaram outras levas de imigrantes que em 1876 partiram das regiões da Alta-Itália, também com destino ao Sul do Brasil. Entre estes se encontra também *“Carlos Avosani e Redegonda Nolli Avosani, pais de Amabile e Maria Avosani, as futuras primeiras Catequistas”*⁸⁸.

Todas essas famílias entraram na soma dos imigrantes que faziam parte do projeto de colonização da região Sul do Brasil, em Santa Catarina. Integravam o polo de Blumenau, mais precisamente da Bacia do Itajaí. Encaminhados à colônia “Blumenau” coube-lhes a região localizada além da confluência do rio Benedito com o rio Itajaí-Açú,⁸⁹ desde o atual município de Timbó, até a localidade de Diamante, à margem esquerda do rio⁹⁰.

⁸⁵. GROSSELLI, Renzo Maria. *ibid.*, p. 55-56.

⁸⁶. PIAZZA, Walter. *A Colonização em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 3ª Ed. 1994, p.198.

⁸⁷ Prof.ª Andrietta Lenard, em palestra proferida por ocasião dos festejos do centenário da imigração, no dia 1º de maio de 1975, em Rodeio.

⁸⁸ VALANDRO, Ede Maria. *Op. cit.*, p. 48.

⁸⁹. PIAZZA, Walter. *ibid.*, p. 198.

⁹⁰. VALANDRO, Ede Maria. *Op. cit.*, p. 49.

Nessas terras, a colonização se desenvolvia e se expandia. Os caminhos que nos primeiros cinco anos eram simples picadas feitas a facão através da floresta, só usada por pessoas à pé ou a cavalo, foram depois transformadas em estradas possíveis de serem utilizadas por carroças, tornando mais fácil o acesso às regiões de comércio, Timbó, Indaial e Blumenau.

Com o passar dos anos, o centro da comunidade passou a ser a planície formada à margem do pequeno Rio São Pedro. Aí se estabelecem a igreja, a escola e o cemitério, tríade que assegurava a existência de uma comunidade na região e identificava seu núcleo. Junto dele se organiza um pequeno comércio. Em pouco tempo, pelo trabalho pertinaz do imigrante e a “*orientação sadia da administração da então colônia de Blumenau, passou à categoria de povoação*”⁹¹. O povoado cresceu e conservou o mesmo nome da antiga picada - **Rodeio**.

É evidente e natural que o início dessa colonização apresentasse para os imigrantes, toda espécie de dificuldades e perigos. Mas havia uma força interior que não lhes tirava a coragem de lutar e nem a certeza de vencer. Era a fé acompanhada de confiança e a profunda religiosidade que traziam da pátria-mãe. A fé que estava profundamente arraigada no fundo do coração de cada um dos trentinos que aqui chegaram, e que os impelia a fazer constar, entre o indispensável para começar a vida na América, objetos sagrados como pequenas imagens dos padroeiros e protetores, santos e santas de suas devoções na Itália. Fé que os fazia pontuar o longo da estrada principal da colônia com capelinhas e oratórios. Portanto, não foram as florestas brasileiras e as dificuldades aqui encontradas que fizeram o imigrante recordar uma fé antiga ou adormecida em seus corações. Ela estava implantada

⁹¹. JAMUNDÁ, T.C. *Interpretação Regional do Município de Rodeio*. Florianópolis: Escola Industrial, 1948, p. 20.

nas raízes culturais desse povo que migrava, estava arraigada no profundo dos seus corações e um ambiente quase sagrado norteava o imigrante, acompanhava o desenrolar da sua vida e o desenvolvimento da colônia e *“assim que lhes foi possível, construíram uma capela de madeira, dedicada à Nossa Senhora das Dores”*⁹².

*“A capela era o próprio símbolo das comunidades italianas, o centro, o sustentáculo, o eixo em torno do qual girava a vida das famílias. Dentro da capela se encontrava a autoridade suprema da comunidade, muda talvez, mas mais temida que juizes e policiais. Suas palavras, aqui também chegadas através de missais e sagradas escrituras que muitos haviam trazido, deviam repetir a cada domingo, cada festividade, quais fossem as regras do jogo da vida”*⁹³.

A capela, além de ser o local onde o migrante celebrava comunitariamente sua fé através do culto, era ainda o centro polarizador e convergente onde ele intercambiava opiniões, comunicações, dava e tomava conselhos e, principalmente, fortalecia sua identidade no encontro com os conterrâneos separados na colônia por um espaço de três a cinco quilômetros de mata sem estradas. Dedicados durante seis dias da semana a uma vida de trabalho contínuo, ininterrupto, pesado, asfixiante, o domingo era o dia do descanso, o dia respeitado, consagrado ao Senhor, mas também reservado ao encontro da comunidade. Foi, portanto,

*“num ambiente de cristandade, privados de participação política, geográfica e culturalmente insulados entre montanhas, lutando quase até o desespero para sobreviver fisicamente no meio da selva, foi ao redor da religião que surgiram comunidades espontâneas de relações primárias - as capelas - às quais, por um bom período, pareciam cristalizar a seu redor as formas todas de relacionamento religioso e social”*⁹⁴.

⁹². VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 49.

⁹³. GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., p. 449.

⁹⁴. L.A. De Boni. In: GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., p. 449.

Foi esta fé que deu aos colonos a coragem de suportar a falta de quase tudo e a tenacidade de lutar contra a natureza bravia, os animais ferozes, as ameaças dos “bugres” como eram chamados “os botocudos que erravam caçando ou abelhudando o branco”⁹⁵, as doenças, a carência de recursos para suprir até mesmo as necessidades básicas para uma vida digna e sadia. A fé cristã os ajudava na árdua tarefa de ver a família aumentar e crescer com dignidade. Essa fé era passada aos filhos como elemento cultural dos migrantes e com o mesmo empenho com que se colocava a comida na mesa.

Na casa dos trentinos, os filhos aprendiam os comportamentos e atitudes da moral que orientava a conduta do ser humano; no lar, as crianças, guiadas pela mão da mãe, aprendiam ainda no colo a fazer o sinal da cruz e logo depois, as principais orações e rudimentos essenciais da doutrina cristã. Em família se rezava diariamente o terço e se passava a tradição da fé pelas histórias da bíblia e da hagiografia. Família e Igreja se juntavam no mesmo objetivo e tinham na fé o eixo polarizador da vida.

“Em torno da religião, os colonos, nas florestas, procuravam reconstruir uma própria identidade cultural: capelas e orações, bondade evangélica e ritos religiosos foram seus suportes”⁹⁶.

Portanto, a religião funcionou como importante reserva de confiança, fundamental na estruturação da vida cotidiana, pois, segundo Agnes Heller,

“a fé e a confiança desempenham na vida cotidiana um papel muito mais importante que nas demais esferas da vida. Isso não significa, de modo algum, que a fé e a confiança sejam aqui mais intensas que em outros campos... O que queremos dizer é que esses dois sentimentos “ocupam mais espaço” na cotidianidade, que sua função

⁹⁵. JAMUNDÁ, T.C. Op. cit., p. 17.

⁹⁶. GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., p. 455.

*mediadora torna-se necessária em maior número de situações*⁹⁷.

Esta função mediadora da religião tinha na pessoa do sacerdote sua principal figura. Como nas terras de origem, a vida era organizada em torno da religião católica e orientada pelo modelo eclesial tridentino romanizado. Os fiéis dependentes do clero para realização das funções sagradas, sentiam profundamente a falta de sacerdotes. Dentro dessa compreensão, o padre, portador de “poder divino” por ser “ministro de Deus”, era - quase sempre - não só a pessoa mais culta da comunidade mas o elemento que possibilitava ao povo, através do seu ministério, a participação na vida da Igreja. Ele gozava de um status especial e era, seguramente, a pessoa mais ouvida na comunidade. No padre ainda fazia eco a força do dogma declarado em Roma (da infalibilidade) e o vigário na comunidade paroquial era o “dono do saber” - o inquestionável, o irrepreensível - aquele no qual nada havia a emendar em sua palavra, em sua postura, seu saber e ser. Com ele chegava a Igreja: sua doutrina e seu culto, seu poder e sua força e a possibilidade de restabelecer a ordem social. O padre era a autoridade que celebrava a missa, administrava os sacramentos, benzia casas e roças e se envolvia mesmo com os assuntos econômicos e políticos, uma vez que as autoridades responsáveis pela ordem e justiça, instaladas distantes das colônias eram praticamente inexistentes. Renzo Maria Grosselli, na palavra de V. Tomelin, cita em seu livro:

“O Padre era o representante de Deus e, conseqüentemente, a maior autoridade local. Falava sempre do púlpito a respeito de tudo e de todos. Os cristãos só escutavam. Discorria sobre os mais variados assuntos sem contestação: sobre o número de filhos que um casal podia e devia ter e como educá-los. Demarcava limites até onde podiam

⁹⁷. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 33.

chegar os namorados. Decretava aos casados qual devia ser a relação deles. Ditava regras quanto ao vestir, cabelos, perfumes, festas, diversões. Era ele que tomava as decisões para resolver o problema de um seca, de calamidade da agricultura, de uma peste nos animais, de um desacordo entre um casal de cônjuges. Enfim, sua competência era universal: cobria o ser humano desde o nascimento até a morte e até no outro mundo”⁹⁸.

Nos primeiros anos, os padres mais próximos de Rodeio, eram os de Joinville e Itajaí. Eram estes que visitavam periodicamente as colônias. Quando Blumenau recebeu como vigário o Pe. José Maria Jacobs, este, não podendo atender sozinho às solicitações das colônias, pediu aos franciscanos de Florianópolis que o ajudassem. Recebeu ajuda de um frade alemão, bom conhecedor da língua italiana, Frei Lucínio Korte, que tomou o encargo de visitar as capelas do interior da então paróquia de Blumenau, a maioria constituída de imigrantes italianos, sendo que em Rodeio, elevado a curato em 1890, Frei Lucínio instalou mais 23 capelas⁹⁹. Em 1901 Frei Lucínio foi nomeado vigário. Foi o primeiro pároco de Rodeio. Com a presença permanente dos padres na comunidade, a residência dos frades foi logo transformada em convento e tornou-se casa do noviciado da Ordem Franciscana no Sul do Brasil, missão que perdura até os dias atuais.

Na falta de sacerdotes os imigrantes procuravam suprir esta carência com seus líderes e capelães que orientavam as celebrações festivas ou devocionais. A pessoa que exercia essas funções era, muitas vezes ou até via de regra, também o professor que aliava ao trabalho da alfabetização, o da catequese. É certo que com a presença do padre ou sem ele, no perfil religioso do povo de Rodeio, a colônia sempre se destacou por uma

⁹⁸. TOMELIN, V., Apud GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit., p. 455.

⁹⁹. *A Torre*. Informativo da Paróquia São Paulo Apóstolo. Blumenau, SC. Ano 1, 3, maio de 1998, p.3.

profunda piedade. Quando em 1913, uma crise nas escolas da colônia levou o vigário Frei Polycarpo Schuhen, lançar um convite a voluntárias para a missão de professoras e catequistas paroquiais, a paróquia era ativa e organizada. Com seus 7.000 habitantes, a extensa paróquia listava várias associações religiosas com significativo número de associados que atestavam sua dinamicidade:

Capelas-----	15
Irmandade da Ordem Terceira Franciscana -----	460
Filhas de Maria -----	420
União de São José -----	150
Apostolado da Oração -----	1.503
Escolas paroquiais -----	6 ¹⁰⁰

Mantinha igualmente em sua organização bom atendimento às comunidades com serviços pastorais prestados aos fiéis pelos padres e, conforme o costume, contabilizados como o demonstra o quadro que segue:

Visitas às capelas -----	136
Batizados -----	542
Casamentos -----	82
Confissões na matriz -----	20.000
Confissões nas capelas -----	12.757
Comunhões na matriz -----	38.970
Comunhões nas capelas -----	13.794 ¹⁰¹

¹⁰⁰. Neotti, Lúcia. *Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. S/local, s/ editora, s/ data, p. 11.

¹⁰¹. Id. Ibid.

Do que se registra acima, fica claro que na paróquia São Francisco de Assis, a preocupação com as escolas fazia parte dos serviços prestados pela Igreja. Embora da parte dos colonos a primeira preocupação fosse com a subsistência da família e com a busca de melhores condições de vida para si e seus filhos, o interesse pela educação era um dos elementos fundamentais da cultura dos colonizadores, considerada essencial para a constituição da comunidade e importante no processo de enraizamento na nova terra. Esta atenção para com a escola mereceu destaque, até com referências elogiosas¹⁰², desde o primeiro grupo que se estabeleceu em Rodeio. Mas sabe-se também que, sendo a manutenção da família a exigência primeira, os colonos nem sempre deixavam seus filhos frequentarem normalmente a escola. Muitas vezes a lavoura precisava dos braços também dos filhos menores, das crianças em idade escolar e os pais os levavam junto para as roças. Essa situação, agravada pelo sistema educacional brasileiro incipiente e o isolamento em que viviam os imigrantes, fez com que o colono, muitas vezes, amparado só pela própria sorte, buscasse soluções para seus problemas na própria comunidade e

“forçou-o a procurar, no contexto comunitário, a criação de sua própria escola, com estrutura e modelo próprio, com sustentação econômica local o que propiciaria a conservação da língua materna através das gerações e dos valores culturais”¹⁰³

Só mais tarde, os poucos recursos que os colonos destinavam à criação e manutenção das escolas, receberam pequeno reforço advindo do Consulado

¹⁰². ROSSI, Giovani. *Os italianos no município de Blumenau em 1900*. In: VICENZI, Victor, *História e Imigração Italiana em Rio dos Cedros*, Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1985, p. 145.

¹⁰³. MONTEIRO, Jaecyr. Op. cit., p. 357.

Italiano¹⁰⁴. Muitas vezes eram os próprios pais que alfabetizavam seus filhos e ensinavam-lhes os rudimentos da instrução escolar. Conforme Ede Maria Valandro¹⁰⁵, foi o Padre José Maria Jacobs que auxiliado por Frei Lucínio Korte se empenhou em fundar as primeiras escolas entre os colonos italianos, ao menos nas povoações mais importantes da paróquia.

Este frade, ao iniciar as visitas às comunidades italianas, tomou como primeiras providências, o reavivar a religião cristã católica romanizada e olhar a educação escolar ministrada de forma irregular e insatisfatória, enfraquecida pela freqüente ausência dos alunos como também pela falta de professores.

Em 1892 os franciscanos assumiram a paróquia de Blumenau. Passaram, então, a visitar mais freqüentemente Rodeio que neste mesmo ano teve construída e inaugurada uma casa de dois andares que servia como igreja, como escola e também como residência dos padres quando estes visitavam a capela, ainda na dependência da paróquia de Blumenau. Quando em 1901 foi nomeado o primeiro vigário de Rodeio na pessoa de Frei Lucínio Korte, as escolas que eram sempre de orientação católica, passam à categoria de **escolas paroquiais** por ser a Igreja que as organizava e lhes dava assistência.

Com esta atitude, a Igreja que se compreendia como “sociedade perfeita”, chamava a si o cuidado de todos os aspectos que entravam na formação de uma sociedade e não só das questões diretamente ligadas a seu foro interno. Segundo o Episcopado, tudo deveria estar sob o influxo do cristianismo. Como instituição divina, cabia-lhe o direito de interferir na família, nos sistemas de produção e comércio e nas instituições públicas, mormente no ensino. A unidade de comando era dela e a educação, encarada como forma especialmente

¹⁰⁴. O Primeiro Livro de Contabilidade da Companhia das Catequistas registra receitas vindas da parte do cônsul italiano nos anos de 1922, 1923 e ainda em 1932. (Cf. Arquivo da Congregação, Joinville, SC).

¹⁰⁵. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 49.

privilegiada para a formação dos seus filhos, não podia ficar fora do alcance dos seus olhos e do controle do seu poder. Cumprir estes objetivos era:

- . seguir as orientações da Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro dirigida ao clero e aos fiéis da Igreja, em 1890;

- . atender às solicitações do Concílio Plenário Latino-Americano (Roma, 1899);

- . obedecer às determinações da Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica Meridional do Brasil que no encontro de 1901 conclui:

“A educação é a base da felicidade temporal e eterna do indivíduo, o mais poderoso fator de vida e prosperidade dos povos, esperança e força da Santa Madre Igreja. O homem depois de crescido e velho não é senão o que fizeram quando menino: se o fizeram bom na aurora, será bom no crepúsculo da vida; e si alguma vez se desencaminhar, na educação primeira encontrará elementos para sua regeneração”¹⁰⁶.

Os párocos, portanto, tinham uma responsabilidade muito grande em relação à educação, para que crianças e jovens não fossem corrompidos pelo ensino laico. Deles se pedia empenho na fundação de escolas paroquiais. O documento sobre a Pastoral Coletiva dizia:

“É de necessidade inadiável que os Revdos. Párocos se esforcem por fundar em suas paróquias, escolas primárias, nas quais a mocidade nascente da paróquia encontre o pasto espiritual da doutrina cristã e de outros conhecimentos úteis para a vida prática”¹⁰⁷.

¹⁰⁶. Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica Meridional do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1902, p. 22. Apud. HEERDT, Moacir. Op. cit., p. 81.

¹⁰⁷. Ibid., p. 83.

Estas conclusões são reiteradas noutras oportunidades com as palavras de Leão XIII, na encíclica “Sapientiae Christianae”: *“Quando se trata da boa educação da juventude, nunca o trabalho é demais, por muito que ele seja”*.¹⁰⁸ Assim, mais uma vez, a Igreja

aproveita do espaço do aprender a ler, escrever e fazer contas, como um prolongamento seu e um meio a mais para educar sua grei na fé católica, com padrões marcadamente conservadores e sob influência romanizada. Para os colonos, a escola paroquial foi a forma possível para educar seus filhos, isto é, fazer com que eles aprendessem as matérias escolares e fossem orientados nos princípios cristãos.

Na paróquia de Rodeio havia ao todo sete escolas localizadas em *“Rodeio-Sede, São Virgílio, Pomeranos, Rio dos Cedros, Ascurra, São Paulo, Aquidaban ou Apiúma, todas paroquiais”*.¹⁰⁹

Em Rodeio-Sede, quando no ano de 1901, Frei Lucínio é nomeado vigário da paróquia, foi construído um prédio próprio para a escola e elaborado um estatuto. Pelo estatuto, é fundada uma sociedade escolar que assume compromisso de manter a escola através de uma colaboração financeira anual das famílias, independente de ter ou não, filhos matriculados. Pelo estatuto é igualmente estabelecido o currículo escolar e o programa de ensino do qual também fazia parte a língua portuguesa, sendo que as aulas, até então, eram ministradas na língua italiana.

O estatuto dava poderes a Frei Lucínio. Ele,

“na qualidade de pároco, era instituído inspetor vitalício para orientar a escola e dirimir possíveis dívidas. Com esta medida ficava assegurada à pessoa do pároco a coordenação e a supervisão de todas as

¹⁰⁸. LEÃO XIII. *Sapientiae Christianae*, n.º 54. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, Ltda., 1946, p. 29.

¹⁰⁹. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 51.

escolas paroquiais, de modo que, jamais faltaria nelas o ensino religioso, considerado de maior importância naquele ambiente”¹¹⁰.

A escola de Rodeio, bem organizada e estruturada, era modelo para as outras escolas, e, como principal da paróquia, servia ainda de “*campo de experiências para possíveis modificações das estruturas escolares, se isso contribuísse para melhorar o ensino*”¹¹¹.

As escolas paroquiais foram de tal modo importantes para as comunidades que a Igreja Particular de Florianópolis, no seu primeiro Sínodo, celebrado em 1910, na cidade de Florianópolis, presidido por Dom João Becker, no terceiro capítulo da parte dedicada às Escolas Paroquiais, reza:

“Fundar uma Escola paroquial é inseparável da missão sacerdotal, pois colabora para a formação do cidadão e do cristão:”

a) *“A escola paroquial freqüentada por todos os meninos da freguezia, sob a vigilância e supervisão do pároco é o ideal da Igreja. O estabelecimento de escolas paroquiais é uma exigência da missão sacerdotal... A necessidade das escolas paroquiais se impõe como a necessidade da luz, do ar e da vida. É uma necessidade tão urgente, tão sentida, que foi objeto das deliberações de quase todos os concílios, inclusive ainda o grande Concílio Plenário Latino Americano. b)... ordena que todos os párocos e demais sacerdotes empregados na cura d’almas estabeleçam e mantenham escolas primárias paroquiais, tanto nas sede das freguezias e curatos, como junto às capelas provisionadas, do que depende o futuro da religião e a felicidade da Pátria.*”¹¹².

¹¹⁰. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 52.

¹¹¹. Arquivo Histórico Fritz Müller, Blumenau, SC. In: VALANDRO, Ede Maria, Op. cit., p. 52.

¹¹². “*Diocese de Florianópolis. Primeiro Sínodo da Diocese de Florianópolis*. Florianópolis: Tipografia Brasil, 1910, p. 124-125. In: HEERDT, Moacir. *As Escolas Paroquiais em Santa Catarina. (1890-1930)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

O segundo Sínodo, realizado em Florianópolis, em fevereiro do ano de 1919, já presidido pelo então bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, retoma as questões do ensino e das escolas paroquiais e em suas recomendações e decisões evidencia a preocupação da Igreja com a questão. O ensino nas escolas faz parte intrínseca das atividades das paróquias e as visitas pastorais *“são extensivas às escolas primárias católicas, existentes em cada paróquia”*¹¹³.

Igualmente o terceiro Sínodo Diocesano de Florianópolis, também convocado e presidido por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em fevereiro de 1925, tratou do assunto das escolas. Entre as conclusões do Sínodo registra-se: *“Para provar a necessidade das escolas, basta dizer que não se pode chamar paróquia bem organizada aquela em que não houver uma ou mais escolas paroquiais”*¹¹⁴.

Por tudo isso pode-se ter uma idéia do que significava ter ou não escolas paroquiais nas comunidades e o empenho que nelas colocavam os párocos que desejassem realmente ser fiéis às conclusões dos Sínodos e caminhar conforme as orientações da Igreja.

Entre os párocos que se desvelaram no cuidado pelas escolas paroquiais e seus professores, figura, na paróquia de Rodeio, Frei Polycarpo Schuhen. Nascido na Alemanha, a 17 de outubro de 1873 é ordenado sacerdote na catedral de Colônia, a 23 de maio de 1899, em julho deste mesmo ano chega ao Brasil, somando com seus confrades, um grupo de onze franciscanos missionários. Frei Polycarpo fica na Bahia onde termina os estudos

¹¹³. HEERDT, Moacir. Op. cit., p. 88.

¹¹⁴. *Diocese de Florianópolis. Terceiro Sínodo da Diocese de Florianópolis. Sled., 1925, p. 51-52.*

teológicos¹¹⁵ e em seguida passa a integrar um grupo de missionários que tentam os primeiros contatos com indígenas de Pernambuco, com o objetivo catequizador. Em Rodeio esteve por três vezes: 1903-1906, 1911-1916 - período no qual funda a Companhia das Catequistas - e de 1920-1925.

Conforme dados colhidos na sede da Província Franciscana “Imaculada Conceição”, de São Paulo, à qual pertencem as comunidades franciscanas de Santa Catarina e outros obtidos do necrológio¹¹⁶, Polycarpo era homem de grande coragem. Ativo e dinâmico, era muito zeloso na animação da paróquia. Firme e seguro em seus princípios, autoconduzia-se, mas sabia buscar conselhos e sugestões quando achasse necessário. No caso das Catequistas, por exemplo, não agiu sozinho. Frei Modestino já lhe havia sugerido buscar solução entre as mulheres das Pias Associações da Paróquia. Sabemos também que, tomada a decisão, foi falar com as Irmãs da Divina Providência para ter delas ajuda nos seus propósitos. Pelo modo como agia, deduz-se que não o acompanhava um egoísmo vaidoso e nem um patriarcalismo machista que o impedisse de confiar na mulher e fazer-se necessitado da ajuda dela.

Amava a catequese e dedicava-se pessoalmente a este ministério na sede da paróquia e também nas capelas quando as visitava. Seria esse seu empenho fruto de sua posição ligada ao programa teológico-político do Cardeal Leme de cristianizar o povo brasileiro através da instrução religiosa e Ação Católica? Teria este seu amor à catequese

¹¹⁵. Muitos jovens franciscanos deixavam a Alemanha antes de completarem seus estudos. Os motivos que os levavam a isto eram principalmente dois: o zelo missionário que os animava a virem o quanto antes para a terra de missão e a necessidade de aprenderem a língua. Assim, enquanto terminavam os estudos, iam se ambientando no novo mundo e aprendendo a língua portuguesa sem a qual era impossível exercer a missionariedade. Frei Junípero Beir, da comunidade dos frades da paróquia Santo Antônio de Florianópolis, é um desses que veio ao Brasil e aqui terminou seus estudos, levado pela pressa e desejo de ser missionário. (Entrevista com Frei Dalvino Munaretto, em fevereiro de 1998, em Florianópolis).

¹¹⁶. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 99-100.

influenciando o bispo Dom Joaquim ao dar o nome à Companhia que fundou para assumir e dinamizar a educação e catequese na paróquia? Corajoso e destemido, testemunhou esta sua qualidade pagando com a morte a ousadia de arrancar a máscara do assaltante que lhe invadiu a casa¹¹⁷.

A sadia e original criatividade e sábia lucidez o fazia buscar alternativas na solução dos problemas de sua paróquia. No momento em que a Igreja vivia um processo de constituição de uma doutrina apoiada na autoridade e na ordem, os documentos pontifícios batalhando para estabelecer o ordenamento social e disciplinamento do catolicismo, o Vaticano querendo aproximar as atividades eclesíásticas com a ortodoxia produzida em Roma, no coração eclesial do frade fazia eco a vida da comunidade. Conforme Agnes Heller,

“Nela se formou sua “consciência de nós” além de configurar-se também sua própria “consciência do Eu”. Nela, explicitou-se a teleologia do humano genérico, cuja colocação jamais se orienta para o “Eu”, mas sempre para o nós”¹¹⁸.

Na verdade, ele fora *afetado* por uma dupla interpelação. Na mesma e única experiência, ele respondia a um apelo interior, a uma intuição que lhe vinha de “dentro”, e aos desafios da realidade externa, que o chamava para a missão. Na experiência fundante de Frei Polycarpo, as duas interpelações se fecundam e se condicionam mutuamente e se transformam numa paixão. Uma paixão com dimensão histórica, temporal. Paixão esta movida pelo imperativo ético-moral de lutar pelo seu semelhante. Segundo Agnes Heller,

“a motivação moral torna-se determinante e seu impulso, sua finalidade e seu objeto são entendidos

¹¹⁷. Frei Polycarpo foi vítima de um assalto em União da Vitória, PR, onde foi atingido por uma arma disparada contra ele ao tentar arrancar a máscara do ladrão que lhe invadiu a casa, na madrugada de 22 de agosto de 1939. Seus restos mortais se encontram, atualmente, no cemitério de Rodeio, junto das três primeiras Catequistas, Amábile, Maria e Liduina.

¹¹⁸. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 21-22.

como instrumento de elevação do humano-genérico. O caso típico desse comportamento - ainda que não o único - é o serviço à comunidade... O caminho desse comportamento é a escolha (a decisão), a concentração de todas as nossas forças na execução da escolha (ou decisão) e a vinculação consciente com a situação escolhida e, sobretudo, com suas conseqüências”¹¹⁹.

Apaixonado, seu ardor e fina sensibilidade no tocante aos sofrimentos, era o mesmo no incentivo à vida cristã na paróquia, no encorajamento aos colonos que partiam de Rodeio ¹²⁰ em busca de outras terras no Alto Vale do Itajaí ou no soerguimento do ânimo das Catequistas, quando estas se achavam premidas por dificuldades que acompanhavam a dura realidade de uma vida apostólica iniciante. Homem de mente aberta sabia buscar parcerias. Um exemplo temos na ajuda que pede às Irmãs da Divina Providência quando se trata de resolver as questões da educação no interior da paróquia.

As Irmãs da Divina Providência, procedentes de Münster, Alemanha, foram as primeiras religiosas que chegaram a Santa Catarina. Aqui vieram a pedido do jovem Pe. Francisco Topp,¹²¹ extraordinária figura de sacerdote e missionário que marcou indelevelmente a história da Igreja em Santa Catarina. As religiosas foram convidadas por ele para darem a colaboração feminina na obra missionária, com a fundação de colégios e hospitais nas florescentes colônias alemãs. Com a ação pastoral e apostólica das religiosas,

¹¹⁹. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 25.

¹²⁰. Muitos colonos de Rodeio, por motivos vários, partiram para outras regiões, em direção ao Alto Vale do Itajaí e se firmaram, por exemplo, em Rio D'Oeste.

¹²¹. Francisco Xavier Topp, natural de Warendorf, diocese de Münster, Alemanha, foi quem promoveu a vinda de sacerdotes e religiosas alemãs para Santa Catarina, com a finalidade de ajudar na renovação religiosa. Trabalhou em Teresópolis (Sto. Amaro da Imperatriz) e em São Ludgero em Tubarão, onde foi pároco. Em 1896 foi nomeado pároco de Nossa Senhora do Desterro. (Cf. PIAZZA, Walter. Op. cit., p. 569).

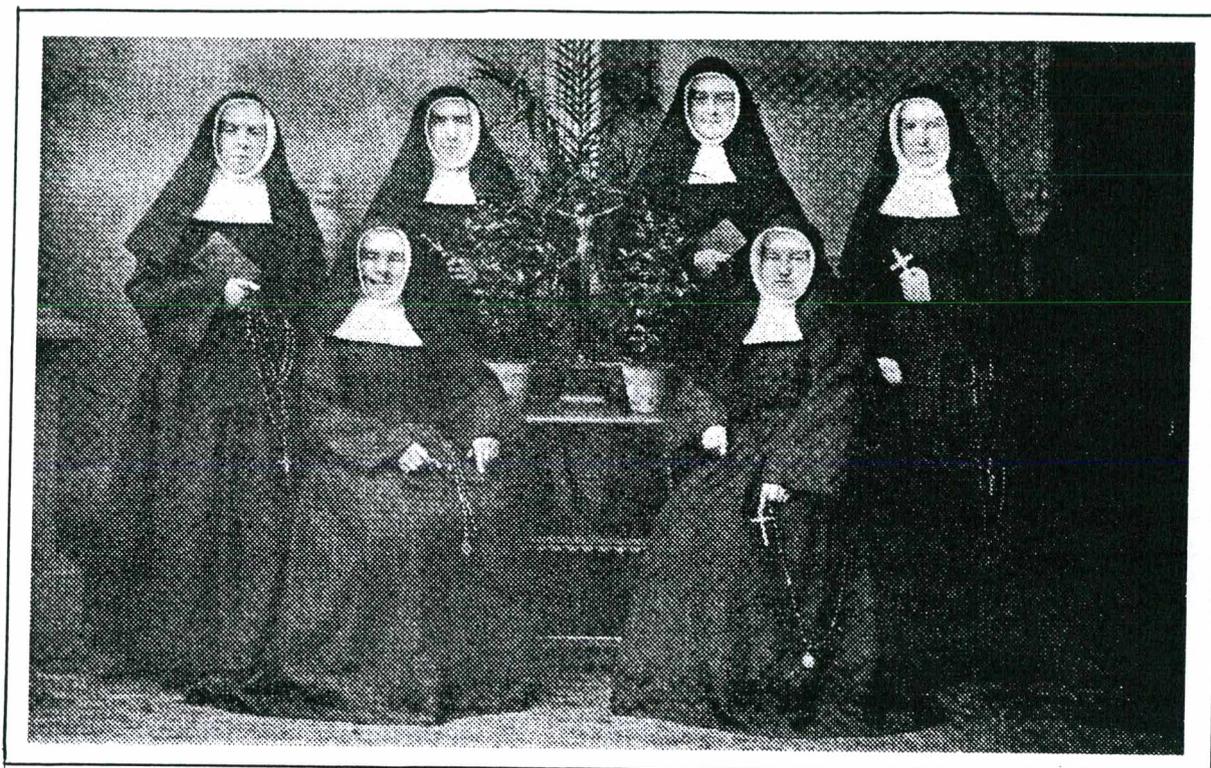
a Igreja receberia uma importante ajuda na formação, principalmente dos jovens, geralmente numerosos nas famílias dos imigrantes.

As primeiras ¹²², que deixaram a pátria para prestar um serviço missionário nas longínquas e desconhecidas terras do Brasil, aportaram em Florianópolis, dia 27 de março de 1895, marcando o início de uma extraordinária aventura de fé e de idealismo missionário. Irmã Cléa Fuck, religiosa da congregação da Divina Providência assim descreve o fato:

“Seis Irmãs da Divina Providência, mulheres de aparência exótica aos olhos da maioria dos ilhéus, estranhas mulheres no seu hábito da época, pisam pela primeira vez o solo catarinense, fadado a tornar-se-lhes pátria e abençoado campo de apostolado. Para elas, o dia memorável da chegada encerava já uma primeira etapa da aventura missionária”¹²³.

¹²². As seis primeiras religiosas (ver foto na página seguinte) foram:, Rufina Weiermann, Paula Emping, Albina Fuhrmann, Osvalda Wegener (de pé), Anna Niemeyer e Albertina Köller (sentadas).

¹²³. FUCK, Cléa. *100 anos de História. 1895-1995. As Irmãs da Divina Providência no Brasil*. Florianópolis: EDEME, Indústria Gráfica e Comunicação S/A, 1995, p. 15.



As seis primeiras Irmãs da Divina Providência: Rufina Weirmann, Albina Fuhrmann, Paula Emping, Osvalda Wegener (de pé), Anna Niemeyer e Albertina Köller (sentadas), escolhidas dentre as muitas que se apresentaram para vir ao Brasil. Elas partiram de Münster de 11 de fevereiro de 1895 em companhia do Padre Topp, *“conscientes de que, em princípio, segundo as normas da vida religiosa então em vigor, e especialmente rigorosas em nossa Congregação, jamais voltariam a ver pessoas e lugares, seus pais e irmãos, sua família e seus amigos, de quem se despediam”*. Do livro de Cléa Fuck, *“100 anos de história. Congregação das Irmãs da Divina Providência no Brasil*, p. 25.

As seis religiosas se dividiram em dois grupos e fundaram escolas em Tubarão e Blumenau. Dois anos mais e chegam irmãs destinadas a Florianópolis para o Hospital da Caridade e Colégio Sagrado Coração de Jesus. Durante os primeiros 25 anos, chegaram ao Brasil, vindas sempre da Alemanha, 23 grupos de irmãs, a maioria jovens, mesmo noviças e postulantes. Deixaram para sempre a pátria e a família, dispostas a enfrentar as dificuldades de adaptação a uma terra estranha, língua difícil, clima diferente e cultura diversa.

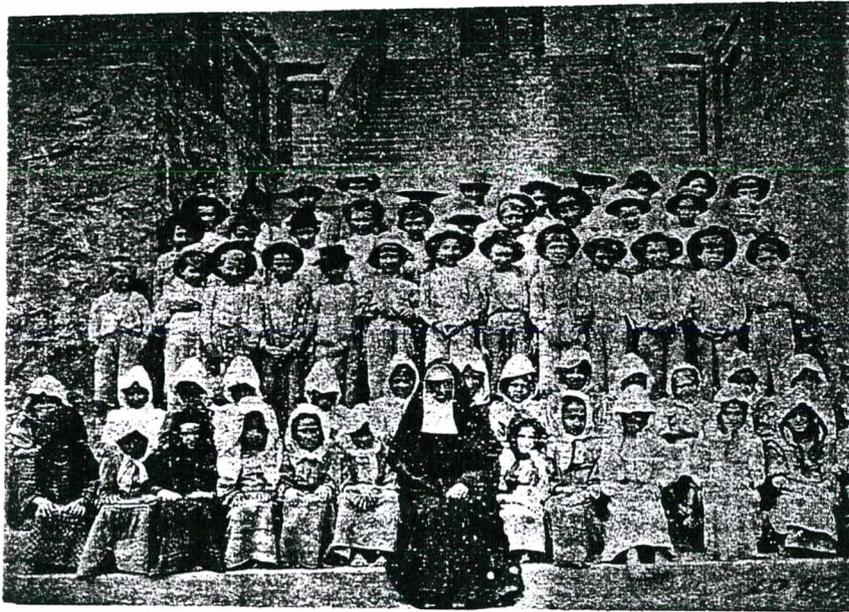
Quando Pe. Vicente Wieken, Diretor da congregação¹²⁴, visitou Blumenau, no ano de 1902, os franciscanos que conheciam o trabalho das Irmãs no Colégio Sagrada Família da cidade, pediram religiosas também para Rodeio, sobretudo uma professora italiana, (porque as aulas eram passadas nessa língua) e uma enfermeira. O pedido foi atendido três anos mais tarde quando a congregação funda o Convento Menino Deus para servir de residência às irmãs. Estas chegam a Rodeio dia 15 de julho de 1905, iniciando, em meio à população pobre e simples da colônia italiana, uma vida também simples e pobre, mas diferenciada da população: a vida de freira, vivida no convento, separada do mundo, cuja grande preocupação era com a transcendência, a busca de Deus e salvação da própria alma, a perfeição em todos os atos, o que lhe alcançaria muitos méritos para a vida eterna.

As irmãs destinadas a esta população foram: Arnolda Vethake (logo substituída por Rufina Weiermann), Roberta Rölver, alemãs e Clemência Beninca¹²⁵, italiana, filha de Rodeio, uma das primeiras vocações em terras brasileiras.

¹²⁴. As congregações femininas sempre tinham um sacerdote, nomeado ou autorizado pela Igreja para acompanhá-las. Era a tutela e o controle sobre as mulheres, resultado da ideologia, da supremacia do poder masculino na formação e na reprodução da hierarquia da Igreja romanizada.

¹²⁵. Clemência, nascida na Itália, imigra com a família para Rodeio. Aos 17 anos ingressa na Congregação das Irmãs da Divina Providência e retorna a Rodeio como religiosa, em julho de 1905. Essa mulher será peça

Na educação assumem a escola paroquial local através de Irmã Clemência e na área da saúde, o serviço da enfermagem ambulante é feito pela incansável Irmã Roberta que percorre montes e vales circunvizinhos, ajudando o povo. Mais tarde, juntam a esse primeiro tipo de atendimento também uma farmácia, conhecida como “Farmácia das Irmãs” e servem à população que recorre a elas em todas as necessidades nessa área¹²⁶.



Escola paroquial de Rodeio com sua dedicada professora Irmã Clemência. Foto de 1910 e escola paroquial de São Virgílio onde Maria Avosani foi a primeira professora. Foto de 1914¹²⁷.



¹²⁶. FUCK, Cléa. Op. cit., p. 109.

¹²⁷. JAMUNDÁ, T.C. Op. Cit. p. 86

Vindas, a grande maioria delas da Alemanha, onde a estrutura religiosa tradicional era rígida, mas onde não lhes faltava nenhum conforto, elas experimentaram, em Rodeio, as carências comuns aos colonos e enfrentaram dificuldades não conhecidas na pátria-mãe. Mesmo assim, elas moravam em casa grande, em comunidade de no mínimo três religiosas. Distanciadas do mundo pelo simbolismo do convento, tinham delimitadas pela lei da clausura, as fronteiras entre o espaço religioso e o secular, entre o convento e o mundo. Animadas pela teologia do mérito¹²⁸, acompanhavam o caminhar da Igreja hierarquizada, com seus valores de caráter absoluto, cuja fixidez imprimia um ritmo distinto do ritmo do mundo, onde a disciplina rigorosa forjava comportamentos e posturas condizentes com a vida religiosa, tipicamente institucional. As estruturas fortes garantiam a observância das normas e das leis que protegiam a vida espiritual e davam poder ao exercício da autoridade. Acompanhado de honra e precedência, este poder fazia da superiora uma figura respeitada que pedia reverência e submissão das súditas, conforme o aprendido e internalizado na distante Alemanha. Viviam, assim, em Rodeio, colônia tipicamente italiana, do “*jeito alemão*”, como também o viviam os frades. Conforme escreve Irmã Cléa Fuck,

*“nesse tempo, todo o estilo de vida da congregação era alemão, a introdução à vida religiosa, o estudo das Regras da Congregação, tudo se fazia na língua alemã... Nessa língua desconhecida e difícil cumpria aprender os segredos da vida espiritual e comunitária”*¹²⁹.

¹²⁸. Essa teologia assegurava à pessoa que emitia os três votos, pobreza, obediência e castidade, uma supervalorização dos seus atos, mesmo os mais simples e comuns, como seja o de colocar de pé uma vassoura caída, o de abrir ou fechar uma porta. Esta teologia, à qual se dava muita importância, tornava os exercícios de virtude, como oração, jejum, obras de caridade, melhores e mais meritórios do que se fossem feitos por pessoas sem votos. As freiras, agindo com votos, davam a Deus mais do que quem vivesse sem votos. Davam a ele a vida toda. Comparando, segundo Tomás de Aquino, daria mais glória a Deus quem desse não só os frutos, mas toda a árvore. (Cf. AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica. Questão 88, art. III. Vol. XV*. Caxias do Sul, RS: Ed. EST-SULINA-UCS, 1980, p. 2713-2714).

¹²⁹. FUCK, Cléa. Op. cit., p. 51.

Essa aprendizagem exigia daquela que ultrapassasse a porta do claustro, deixar para trás todo um conjunto de hábitos e comportamentos considerados do mundo. A candidata que postulasse esse tipo de vida fazia a adaptação ao novo estilo onde suas habilidades eram provadas. Ela seria

“observada em seus gestos, advertida e punida quando desrespeitasse as normas de conduta. Controle e disciplina eram aspectos a que as futuras religiosas deveriam acostumar-se desde cedo, e que, sob a orientação da mestra de noviças, seria reafirmada constantemente através de leituras diárias das regras, constituições e estatutos da casa”¹³⁰.

Era desse modo que a assimilação da teoria passada na língua e cultura alemã, ia fazendo a integração da jovem ao grupo, através de um trabalho de socialização. Dessa forma o grupo estabelecia, segundo Agnes Heller,

“uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade”¹³¹.

Se tudo isso pudesse se constituir em dificuldade e grande desafio para uma jovem que desejasse abraçar o estilo da vida religiosa, então fechada e monástica - principalmente se não tivesse em sua origem ascendência alemã - como foi o caso de Irmã Clemência, o fato de alguém pertencer ao grupo dessas mulheres, concedia certa posição à pessoa e a sua família. As candidatas se preparavam para a vida religiosa através de estudos especializados, feitos em cidade maior, moravam em casa grande, geralmente bem construída e bonita, falavam uma língua diferente, vestiam roupas originais, trocavam de

¹³⁰. ALGRANTI, Leila Mezan. Op. cit., p 191.

¹³¹. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 19.

nome, despediam-se para sempre dos familiares antes de fazer os votos e levavam uma vida um tanto curiosa e misteriosa. Isto atraía. Atraía e oferecia status¹³². Ser “freira” era subir de posição. Era aumentar igualmente a posição social da família que, profundamente religiosa se sentia honrada por ter entre as filhas uma que buscasse a vida chamada de “perfeição”. Entregar a filha para ser freira era, sobretudo, entregar a jovem a uma instituição que dava garantia de segurança, livrando a filha da desproteção e pobreza em que viviam as Catequistas, nesta mesma época, pobres e não freiras.

Para muitos dos moradores de Rodeio, principalmente a primeira geração de descendentes, as Irmãs da Divina Providência eram as únicas freiras que viam e conheciam. Essas religiosas representavam com rigor o protótipo da vida religiosa que a Igreja romanizada prescrevia para as fundações femininas e apresentavam para o povo de Santa Catarina, na comunidade de Rodeio, a imagem da mulher quase perfeita. Perfeição que ela buscava e trabalhava “fora do mundo” tentador e profano. Ela, escondida pelos muros do convento e suas clausuras, mantinha com o povo tão somente relações profissionais. Protegida por roupas singulares, longas e generosas que ocultavam as formas do corpo feminino, era toda de Deus, quase sem pecado e sem corpo. Assexuada e intocada, os movimentos contidos, nunca ultrapassando os limites do necessário; os olhos sempre

¹³². O status podia se converter em tentação apresentada pela própria congregação para angariar vocações. Quando as Irmãs da Divina Providência souberam que determinada moça iria com as Catequistas, chegaram até à casa da família, duas religiosas. A visita causou surpresa à mãe que conhecia bem a congregação e sabia o quanto era raro uma visita domiciliar. Na verdade, o objetivo da visita tinha um alvo claro: influir na mudança de ânimo da jovem, para que, deixando as Catequistas, abraçasse a congregação da Divina Providência. Entre as propostas eram apresentadas: estudo em cidade grande, dispensa dos trabalhos de roça, lavação, cozinha, limpeza. Mérito para o céu, mesmo com o menor gesto escondido na penumbra do convento, como seja, ajuntar uma vassoura caída. As Catequistas não receberiam nada porque não faziam votos e, portanto, não tinham merecimento algum. Os pais da jovem foram falar com o bispo para ter dele a palavra da Igreja e, mais, para se certificarem de que a filha não iria fazer parte de um grupo que não tinha futuro neste mundo e nem mérito no outro. (Informação colhida em entrevista com a senhora Maria Schmitt Gascho, realizada em janeiro de 1997).

resguardados e de certa forma impedidos pelo capela¹³³ de ver algo além do que estivesse diante dos olhos em linha reta; os passos marcados pelo tilintar inconfundível do rosário suspenso à cintura era a presença permanente de um símbolo do sagrado e transcendental. Em torno dessas mulheres se criou na compreensão do povo de Rodeio, a performance da religiosa, se construiu a figura da freira e se formou o imagético da perfeição.

“Religiosa, freira, eram as Irmãs da Divina Providência. Nós, não. Nós éramos as “mestras”, as “Catequistas”. E ser freira, ser religiosa, era ser Irmã da Divina Providência”¹³⁴.

Essas religiosas, porém, não podiam suprir uma das carências do interior das colônias porque o interior não lhes possibilitava o cumprimento de certos preceitos exigidos pela Igreja ao aprovar as Constituições para uma congregação de mulheres. Entre as obrigações figuravam: comunidade formada por um mínimo de três irmãs, a participação diária à missa e comunhão e a confissão semanal¹³⁵. As religiosas, que em tudo deviam ter um referencial religioso e que carregavam o título de “esposas de Cristo”, como poderiam ficar sem a comunhão diária, a comunhão na qual se estabelecia o mais profundo e misterioso contato entre as partes desse “esponsal místico”? Como estabelecer moradia em casas sem capelas que conservassem a Eucaristia,¹³⁶ sem o oratório para onde a religiosa se dirigia frequentemente para as orações do coro ou visitas particulares ao ‘bem amado’ e sem o sacerdote que lhe pudesse ouvir semanalmente a confissão, concedendo-lhe o perdão

¹³³. O capela era uma peça de roupa branca, fortemente engomada que, apoiada à cabeça, descia até a altura do peito. Sobre ele se prendia o véu. Juntamente com o frontal que cobria a testa, essas duas peças escondiam bastante o rosto da religiosa e impedia a visão lateral.

¹³⁴. BERRI, Tercília, Catequista Franciscana. Informação colhida em entrevista feita em 11 de julho de 1997. A.A.

¹³⁵. O processo de conversão tinha na confissão auricular um dos meios importantes para o crescimento espiritual e alcance da perfeição. O Catecismo da Perfeição Cristã dizia: “As pessoas consagradas a Deus não devem, sem grave motivo, omitir a confissão semanal. (Op. cit., p. 19, n.º 29) e “a religiosa deve ter oportunidade de se confessar pelo menos uma vez por semana” (Ibid., p. 23, n.º 39.1).

¹³⁶. A Eucaristia, como presença sacramental conservada no interior das casas das Catequistas - com exceção da casa de Rodeio - só foi permitida depois do Concílio Vaticano II.

das faltas cometidas e dar a ela as orientações de como seguir no caminho da perfeição? Poderia uma freira passar “por cima” do que se constituía no cerne de sua vocação, abandonar o que vinha determinado com clareza no Direito Canônico e prescrito nas constituições?

E Polycarpo? Poderia ele responder ao apelo do povo do interior da paróquia, mais carente, simples e pobre que o da sede, contando com elas? Seria possível ao pároco cobrir a necessidade do povo desprovido de tudo, com pessoas submetidas a uma vida de tantas exigências, de um cotidiano tão complexo e controlado? Para a compreensão da época era algo impraticável. Não era com as Irmãs da Divina Providência que o frade menor teria chance de suprir a necessidade emergente. As precárias condições das comunidades interioranas ficariam sem resposta com pessoas tuteladas pela Igreja com tantas leis e protegidas com tantas normas. Ainda assim, essa “Divina Providência”, não podendo prover-lhe o todo de que necessitava, forneceu-lhe o quanto lhe era possível e o fez através da pessoa da religiosa Clemência Beninca.

Clemência nasceu em Treviso, Itália, aos 12 de abril de 1879. Veio ao Brasil com seus pais, Pascoale e Maria, que como tantos outros se estabeleceram em Rodeio¹³⁷. Chamava-se Catarina até o dia em que ingressou no noviciado, no ano de 1900, quando então, segundo o costume da época, lhe foi imposto o nome de Clemência¹³⁸.

Como imigrante italiana, sentiu na carne a dureza da adaptação nas terras do Brasil que lhe serviu de nova pátria. Por isso, quando voltou a Rodeio como freira, no seu coração, mais que no de outras, ardia o fogo do zelo e amor pelo seu povo.

¹³⁷. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 103.

¹³⁸. Como gesto concreto de que se deixava para trás o mundo com suas vaidades e caducidades, como sinal de que abandonavam “tudo” e começariam uma “vida nova”, as moças que se faziam religiosas, trocavam de nome e passavam a ser conhecidas pelo nome novo. As Catequistas, porém, nunca trocaram de nome.

Formada pela Congregação à qual pertencia no melhor colégio para moças, acrescida de toda formação específica dada à pessoa que se tornava religiosa, professora que era da escola paroquial de Rodeio, tinha conteúdo, método e experiência de valia incontestável. É dela que Frei Polycarpo solicita ajuda na concretização do projeto, relacionado com a educação e catequese das comunidades do interior.

Irmã Clemência, com grande desvelo e carinho, assume a responsabilidade de ajudar Frei Polycarpo a preparar as primeiras moças orientando as jovens terciárias¹³⁹ para o serviço da missão, dando-lhes formação: para serem professoras e para uma forma nova de vida. De 1915 até 1929, ela foi não só presença forte na vida das professoras mas foi amiga das “Mestras”, orientadora do grupo das Catequistas. Era ela, quando não Frei Polycarpo, que aceitava as moças que desejavam juntar-se ao novo grupo. Com alegria as acolhia no Convento Menino Deus e as preparava para a nova missão. Chegou ela mesma, conforme escreve Ede Maria, a levar uma das moças já preparada, para a escola.

“Passado algum tempo, a Irmã Clemência tomou a jovem na carroça que lhe fora cedida pelo convento franciscano e dirigiu-se a Aquidabã (hoje Apiúna), para entregar a Amábile a companheira de que necessitava”¹⁴⁰.

Era ela ainda que administrava as receitas recebidas da paróquia pelo trabalho nas escolas. Do seu zelo pela Companhia e amor pelas Catequistas, deu muitas vezes, provas evidentes, mormente defendendo-as com zelo e sabedoria perante o Ministro Provincial dos Frades quando este queria dissolver o grupo que passava por sérias dificuldades e pediu à

¹³⁹. Chama (va)m-se “terciários/as” as pessoas casadas ou solteiras que, desejando seguir os ideais de São Francisco de Assis, sem no entanto ter que deixar a vida seguida pela maioria dos homens e mulheres, se filiam à Terceira Ordem Franciscana, hoje, Ordem Franciscana Secular e seguem uma regra própria.

¹⁴⁰. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 81.

Irmã Clemência que as mandasse embora dizendo-lhe textualmente: “*Mande embora aquelas moças todas*”, ao que ela respondeu:

“Rev.mo. Pe. Provincial, as Catequistas estão lá. Se V. Rev.ma. quer dissolver a Companhia... Mas eu? ... Deus me guarde! Se é obra divina, continuará; se for humana, acabará por si. As três primeiras ainda estão”¹⁴¹.

E o Padre Provincial diante da coragem da religiosa Clemência, deu o caso por encerrado. Por amor às Catequistas, aceitou acusações improcedentes; não sendo franciscana, em momento algum impediu que as Catequistas o fossem e nunca lhes impôs as estruturas conventuais que ela mesma vivia. Durante catorze anos foi a superiora das Catequistas e só se retirou do cenário da vida das mestras, em 1929, quando foi nomeada como superiora do grupo, pelo Diretor da Companhia com a anuência do bispo, uma das Catequistas - Maria Avosani¹⁴².

Uma nova fundação religiosa nasce sem código de leis, sem exigências burocráticas, sem peso de estruturas. No apelo da necessidade, nasce frágil, pequena, mas nova, criativa e livre. Extrapola os cânones que dão forma jurídico-canônica à vida religiosa e a alinha num modelo prescritivo dentro de seus quadros de compreensão e normas de funcionamento.

No pontual e contínuo da congregação que trabalho, aparecem elementos de um modo original de vivência grupal, uma “forma” de pensar e viver a vida consagrada diversa daquela que vimos há pouco. Ficou claro que Frei Polycarpo não poderia contar com as religiosas existentes na paróquia para atender às necessidades da mesma, no que se

¹⁴¹. *Jubileu Áureo das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Edição comemorativa. S/ local, sem edit., s/data. p. 63.

¹⁴². Cf. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 103.

referia às comunidades do interior, dado o estilo de vida que levavam ser incompatível com o que a realidade pedia e a comunidade tinha a oferecer. Para atender aos desafios, teria que ser algo novo porque, de certo modo, a proposta era nova. A resposta a ser dada pede presença, disponibilidade e doação de corações generosos, preparados e fiéis, mas pessoas diferentes das religiosas da Divina Providência, com as quais dispunha na paróquia. À realidade que lhe pedia resposta imediata, Frei Polycarpo, se não pode ir pelo caminho já experimentado, serve-se de um atalho, um viés: pensa num possível grupo estruturado fora do quadro das prescrições vigentes. Parte para algo novo. Cria.

O professor era indispensável na comunidade. O mestre era peça chave no cotidiano do povo. Todos os dias os filhos dos imigrantes passavam com ele algumas horas. Ele devia ser, portanto, pessoa da confiança dos pais, pois haveria de transmitir aos jovens com os rudimentos do ler, escrever e fazer contas, a doutrina cristã, completando com seu maior conhecimento e por seu testemunho o que já era ensinado em casa. Após ouvir o zeloso Frei Modestino Oecktering, coadjutor da paróquia que lhe dá a idéia de que este desafio poderia ser respondido por *“moças da paróquia que, por ventura, não puderam entrar numa Ordem ou, por outra, também não tiveram vontade de casar”*¹⁴³, Frei Polycarpo toma a peito a proposta. A resposta ele a vai buscar entre as humildes e simples filhas de colonos do lugar, pertencentes à Ordem Terceira Franciscana e à Pia Associação das Filhas de Maria com as quais inicia algo totalmente novo e inusitada para a compreensão da época. Perguntamo-nos, então, que força fez Polycarpo colocar seus afetos, seus desejos a serviço das necessidades e interesses da comunidade?¹⁴⁴ Afinal, que intenções teria o frade? Teria ele intuído outra dimensão do fato e pensa em dar início a algo mais do que a

¹⁴³. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 70.

¹⁴⁴. Cf. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 23.

simples resposta a umas poucas comunidades? Qual foi a saída encontrada?

Concretamente,

após um ano de experiência positiva em Apiúna com a primeira voluntária, Amábile Avosani, contando agora com mais duas, Maria e Liduína, *no dia 14 de janeiro de 1915*, a pedido do pároco as três se reuniram na capela de São Virgílio onde ele as apresentaria ao povo como sendo as novas professoras... *Quando Frei Polycarpo chegou, uma dívida lhe assaltou o espírito... "Por quanto tempo poderia contar com elas?" ... Chamou as moças à sacristia e lhes expôs a dívida. Por fim a pergunta: "Então, vocês me prometem ficar ao menos um ano?" Um sinal de surpresa se estampou no rosto das três. Nenhuma havia sentido necessidade de conversar com as demais sobre o tempo de serviço a ser prestado. Cada qual, de forma natural e intuitiva, havia-se dado por inteiro... Entreolharam-se. Neste olhar, uma captou o íntimo da outra e todas perceberam o uníssono SIM que, em coro, lhes brotava da alma. Qualquer uma que falasse tinha a certeza de manifestar o que ia no coração de todas. E uma falou. A voz de Maria, emocionada mas firme, ressoou no pequeno ambiente da modesta sacristia: "Um ano, não, padre. Nós queremos ficar sempre!"¹⁴⁵*

Frei Carlos Eduardo Sabóia de Mello, depois bispo de Palmas, PR, por ocasião do jubileu áureo das Catequistas, escreveu uma carta onde diz:

"Por assim dizer, vi surgir a Companhia em 1915. Lembro-me bem dos primeiros passos., e vi as primeiras que ainda moravam no colégio das freiras e eram por estas preparadas¹⁴⁶... Também recorro as explicações que Frei Polycarpo deu sobre o fim e a organização de sua fundação: ter um exército volante de moças, e senhoras também um dia, se as moças perseverassem, que se devotassem ao catecismo e ao serviço das capelas no interior da paróquia, prestando-se simultaneamente à ministração do ensino primário no local. De duas em duas haviam de morar em casa própria feita pelos sócios da capela, teriam um terreninho fechado para cultivar algo para o seu

¹⁴⁵ VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 74-75.

¹⁴⁶ As "freiras" eram as Irmãs da Divina Providência do convento Menino Deus, de Rodeio.

sustento em redor da casa, e em nada se distinguiriam das outras moradoras do lugar senão no lenço com que cobriam a cabeça, que seria sempre branco¹⁴⁷. Dariam aulas na escola paroquial durante a semana; nos domingos fariam a reza na capela, como se fosse a hora da missa mais ou menos; vindo o padre prestariam a ele todos os serviços, e principalmente cuidariam de infundir profundo conhecimento da religião e a prática nos corações das crianças¹⁴⁸”.

A crônica da “ Companhia das Catequistas”¹⁴⁹ onde Frei Polycarpo Schuhen,¹⁵⁰ fez escrever os acontecimentos que envolviam a paróquia São Francisco de Assis, de Rodeio, traz o seguinte:

”Satisfazendo o justo pedido dos bons colonos italianos da paróquia de Rodeio que há muito tempo lamentavam a falta de boas escolas paroquiais, o Rev.mo. Pe.Polycarpo Schuhen, DD. Guardião dos Franciscanos, levado pelo zelo e amor à juventude e à salvação das almas, começou, no ano de 1915, uma instituição verdadeiramente apostólica, chamada ‘das catequistas’. Estas, são simples donzelas cristãs, de irrepreensível conduta e dotadas de um expressivo amor à juventude que somente pelo amor de Deus e sem interesse material, se dedicam à educação e instrução da mocidade, nas escolas paroquiais e, bem assim, quando necessário for, às obras de caridade, quer na cabeceira dos doentes, quer no serviço da casa de Deus, cuidando da limpeza das capelas e dos paramentos, etc. Todas são membros da Ordem Terceira do grande Patriarca São Francisco de Assis, vivendo em castidade, pobreza e obediência, porém, não fazem votos, estando assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão”¹⁵¹.

¹⁴⁷. As mulheres, moças e meninas de Rodeio, na época, usavam habitualmente o lenço à cabeça, geralmente branco. Quando, em 1929, as Catequistas passaram a usar o véu, o costume de usar o lenço branco foi conservado na Companhia, para as candidatas, até por volta do ano de 1940.

¹⁴⁸. SABOIA DE MELLO, Dom Carlos E. Carta de 06/06/1965. Arquivo da Congregação. Joinville, SC

¹⁴⁹ Este foi o nome que lhes deu Dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo e depois arcebispo de Florianópolis, quando se inteirou da existência do grupo e a pedido de Frei Polycarpo.

¹⁵⁰ Frei Polycarpo Schuhen, pároco da paróquia de Rodeio, foi o fundador da congregação.

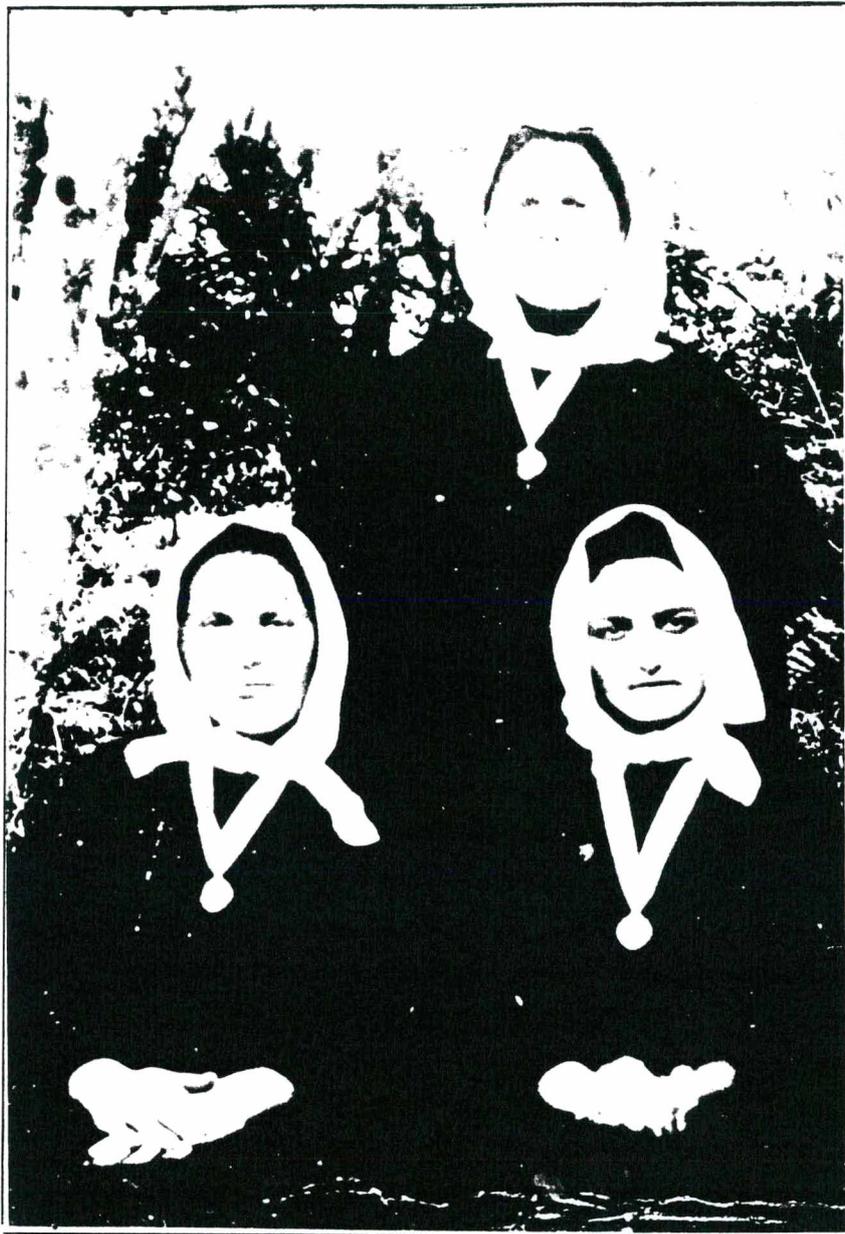
¹⁵¹. *Crônica das Catequistas*. L. 8, fls. 5v. ano de 1926. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

Examinemos alguns pontos desta página matriz, desta página fonte.

As “**simples donzelas cristãs**”. Nada indica que Frei Polycarpo tivesse em mente organizar um grupo “especial”. Parece ficar claro nessa expressão da crônica, de que o frade não pensava em congregação religiosa nenhuma. As Catequistas não seriam freiras. Elas eram moças solteiras e virgens exemplares na comunidade (*de irrepreensível conduta*), mas que “*em nada se distinguiam das moradoras do lugar*”, a não ser por um coração pobre e generoso, disposto a assumir uma missão em favor da educação nas escolas da paróquia. Isto é novo porque até então, nas comunidades do interior, as escolas eram atendidas somente por homens. Era difícil pensar que uma moça pudesse sair da casa paterna sem ser para o casamento ou para entrar num convento. Menos ainda era concebível que deixasse a própria comunidade. Mas no caso que estudo, a missão tinha precedência sobre a ordem estabelecida. A vida devia ter prioridade sobre qualquer instituição. A criatividade que pedia a solução de um problema, não podia ser vencida por medos e barrada por uma pretensa lealdade institucional ou preconceitos.

A escola paroquial seria o espaço eclesial do seu apostolado. Lá estariam para atender ao “*justo pedido dos bons colonos italianos da paróquia de Rodeio*”. Portanto, as escolas paroquiais eram as escolas do povo e no presente caso, do povo que vivia na região rural. Para prestar um serviço direto a este povo Polycarpo busca as “*simples donzelas cristãs*”. Elas, desde o início responderam com seu serviço e com sua presença, estabelecendo sua morada no meio do povo, como o povo e com o povo¹⁵².

¹⁵² Esta dimensão de servir o povo terá um peso grande no decorrer da caminhada do grupo, e, principalmente após Medellín e Puebla, se torna referencial de análise na avaliação do carisma.



As três primeiras Catequistas: Amábile Avosani (de pé), sua irmã Maria e Liduina Venturi com traje usado pelas camponesas do Norte da Itália e distintivo de Filhas de Maria. Foto de 1915. Arquivo histórico. Sede Geral, Joinville, SC.

Como os núcleos de colonização eram bastante espalhados, as escolas paroquiais se multiplicavam, mas geralmente tinham poucos alunos. Por isso mesmo, iam as professoras “*duas a duas, raramente três e extraordinariamente mais de três, se o número de alunos o exigisse*”¹⁵³.

“As Catequistas se distribuem duas a duas nas casas filiais onde levam vida comum... A Associação poderá manter casas com mais de duas Catequistas, quando tal for julgado útil”.¹⁵⁴

Este fato caracterizou, entre outros, a originalidade da Companhia e lhe deu um estilo próprio de viver. A vida era comum, isto é, tudo era de todas e toda espécie de serviço necessário à vida diária era igualmente feito por todas. Desta forma, as Catequistas viviam realmente inseridas na realidade, pois exigia delas a participação não só no campo da educação e doutrina mas também na saúde, na manutenção de suas vidas, devendo se preocupar com a subsistência, cuidar do econômico, embora fosse raro o manuseio do dinheiro em espécie, pois o que recebiam constava praticamente só de produtos alimentícios oferecidos pelos colonos.

Numa entrevista feita com Anita David, ela dizia:

Vamos confrontar nossa vida de duas com um convento de 50 irmãs. Quem dessas 50 fazia a contabilidade da casa? Uma. Entre nós, uma de cada duas... Contabilidade nos coloca direto em cima do econômico e ele nos leva a entender o real da vida cotidiana. Fazer as compras, saber dos preços,

¹⁵³. VALANDRO, Ede Maria. *Um chamado se faz caminho. Evolução histórica do carisma. Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. S/local e s/edit. 1986, p. 21. No mesmo livro, à p. 43, Ede Maria descreve: “Duas a duas, realmente sem ouro nem prata, sem dinheiro, levando no baú ou na sacola o estritamente necessário, sem calçado, pois também o povo andava descalço, confiantes no sustento que a mãe-terra trabalhada ou o povo lhes dava, colocavam-se humildemente no meio das populações. Tudo o que eram, tudo aquilo de que dispunham estava a serviço do povo. Este dava-lhe o título de **mestras**, às vezes expresso de forma mais carinhosa como “as nossas mestras”. Estabeleciam-se junto ao povo sem pretensão alguma. Que pretensões podiam ter? eram pobres e quase iletradas. Filhas de colonos, vindas de famílias simples como aqueles a cujo serviço se dispunham”.

¹⁵⁴. *Constituições de 1935*, art. 44 e 46. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

nos coloca com os pés no chão. É muito diferente o estilo de vida. Num convento de 50 estão praticamente alienadas do concreto da sociedade. Fazem o mundo ali... É muito diferente eu me sentir mulher que entendo de questões econômicas, que entendo da questão culinária, de saúde, que me aperfeiçoei nalgum estudo, na vida profissional. Eu me sinto gente”¹⁵⁵.

Os trabalhos escolares, pela importância dada às escolas das paróquias naquela época, como vimos nas páginas anteriores, tinham prioridade sobre outros serviços e podemos daí deduzir o que se exigia das Professoras Catequistas. Ao serviço da educação estava intrinsecamente ligado o da catequese da doutrina cristã e todas as funções relacionadas com o “sacro ministério”¹⁵⁶. Isto aumentava enormemente a responsabilidade das moças. Polycarpo sabia disso e trata de assegurar-lhes apoio mútuo e interesse comum ligado a algo mais profundo que aparatos exteriores como casas, roupas, distintivos e normas. Os laços que as deixariam unidas entre si viria da pertença à Ordem Terceira.

Todas são membros da Ordem Terceira - Este registro tem significado e valor histórico inescusável. Ser “membro da Ordem Terceira do grande Patriarca São Francisco de Assis” foi o laço fundamental de ligação com a Igreja e a Ordem Franciscana. As “**simples donzelas cristãs**” tinham identificação eclesial e franciscana comum - eram “**Terceiras**”¹⁵⁷. Conta a Crônica que Dom Joaquim Domingues de Oliveira, ao ser informado por Frei Polycarpo, em julho de 1915 da existência do pequeno grupo - na ocasião eram oito - de como surgiu a idéia, como estavam engajadas, como viviam e que objetivos animavam as moças, falou a ele: “*As professoras chamem-se Catequistas, e*

¹⁵⁵ . DAVID, Anita. Informação colhida em entrevista realizada em Florianópolis, em fevereiro de 1998.

¹⁵⁶ . Por “sacro ministério” se entendia todo o serviço prestado na capela como seja: limpeza, decoração, cuidados com as alfaias do altar e paramentos dos sacerdotes, preparação do culto e animação litúrgica.

¹⁵⁷ . Quem deseja pertencer a Ordem Terceira, ainda em nossos dias - pois a Ordem Terceira é uma “ordem”, mesmo não sendo religiosa - faz o noviciado de um ano, no fim do qual emite a profissão. Até o Concílio recebiam, como prova de pertença, um sinal concreto, visível, um fino cordão franciscano, em tudo semelhante aos dos frades. Este distintivo era levado pelas Terciárias, sob as vestes e lembrava permanentemente o compromisso franciscano.

juntas, formem a Companhia das Catequistas”¹⁵⁸. Nas palavras do bispo, parece que ele captou algo mais do que simplesmente o serviço que prestariam às comunidades. Igualmente estava claro para ele que as moças não seriam freiras. No entanto ressaltou que eram franciscanas. Mais tarde, o mesmo Dom Joaquim ao estudar o primeiro Regulamento (de 1926), prestou muita atenção no que se referia à Ordem Terceira e falou: “*Aí está*”. Era como se dissesse: “Elas tem identidade. Elas estão asseguradas pelo ideal franciscano”. A Companhia tem para suas associadas algo comum, abençoado e sancionado pela Igreja desde o século XII. Seriam leigas terciárias, pertencentes ao mundo secular, mas franciscanas. Mais tarde, nas constituições de 1935 lemos:

*“A Associação das Catequistas da Diocese de Joinville, se compõe de piedosas donzelas filiadas à Ordem Terceira de São Francisco de Assis... Completo um ano inteiro de noviciado fará a noviça a profissão da Ordem Terceira de São Francisco, com a consagração irrevogável a Deus e a promessa de o servir até a morte na Associação das Catequistas...”*¹⁵⁹

Não fazem votos. Este dado é elemento chave. Mostra com clareza que Polycarpo não pensava em congregação religiosa e deixa este seu desejo bem explícito quando diz - “**não fazem votos**”¹⁶⁰. Não fazer votos tinha um motivo: “*estar assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão*”, mas deixaria as moças fora da possibilidade de serem religiosas. Como ser religiosa sem os votos de

¹⁵⁸. *Crônica das Catequistas*, L. 8, fls. 6v. ano de 1915. Arquivo da Congregação. Joinville, SC. É interessante notar que o bispo as chama “Catequistas” e não “Irmãs” Catequistas, título que precedia sempre o nome da religiosa da Divina Providência e de outras congregações também.

¹⁵⁹. *Constituições das Catequistas da Diocese de Joinville*, 1935, art. 1, e 39. Arquivo da Sede Geral, Joinville, SC.

¹⁶⁰. Votos - juramento feito a Deus com plena advertência e livre deliberação, de um bem possível e melhor que seu ato contrário (Cf. C.D.C., cânon 1191, § 1º), pelos quais a religiosa se obrigava, sob pena de pecado, à pobreza voluntária, obediência íntegra e castidade perpétua. O voto, porque se dirige sempre imediatamente a Deus, é um ato da chamada virtude da religião.

pobreza, obediência e castidade, que identificava a pessoa consagrada a Deus para a missão e era exigência do modelo prescritivo da Igreja na época? Os votos eram compromissos muito sérios, juramento que só a Igreja por sua hierarquia, papa ou bispo, poderiam solver. Com votos, deveriam observar as regras previstas para tal estado de vida: viver num grupo de no mínimo três pessoas¹⁶¹, possibilidade de confissão semanal, participação diária da missa e eucaristia, meios estes oferecidos pela Igreja para a difícil e exigente vivência dos mesmos. As Catequistas viveriam, sim, em pobreza, obediência e castidade, mas sem os votos. Os laços que as ligavam ao grupo batizado por Dom Joaquim com o nome “Companhia das Catequistas” eram apenas os da profissão na Ordem Terceira, própria para leigos, acrescida do desejo de pertencer ao grupo, manifestado no pedido de juntar-se a ele. O pedido, quando aceito, era confirmado por Frei Polycarpo ou por Irmã Clemência. A vida pobre, casta e obediente era assumida, mas de tal forma que permitisse a **possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão**. Era disponibilidade total, vivida com santa simplicidade. Nada deveria impedir de estarem junto do povo, também privado de muitas coisas que a Igreja oferecia aos que viviam nas sedes das paróquias.

Da concepção de Frei Polycarpo, como podemos verificar, resulta um tipo de vida novo. Nele distinguimos traços de duas formas de vida, na época muito mais que hoje, opostos: a vida no convento e a vida da roça, a vida da freira e a vida do colono.

Da vida conventual temos algumas obrigações comunitárias, tais como o horário, as refeições, os momentos de oração e posteriormente certa “clausura”, como medida

¹⁶¹. Para o Código de Direito Canônico, duas pessoas não formam comunidade. Portanto, convivência a duas, como no caso das Catequistas, descaracterizava completamente o que constituía a comunidade religiosa com relação ao número de pessoas que deviam viver juntas e dentre as quais uma devia ser a superiora.

cautelar e de prudência. Da vida simples dos colonos elas conservam a forma de residir, de vestir, de trabalhar, algumas formas de rezar, de cumprir os serviços domésticos e os relacionamentos primários e informais entre si e com os moradores do local com os quais elas somavam número.

Junte-se a estas, as circunstâncias do serviço na escola e na capela locais. Da soma de todos os elementos, ligados por algumas conotações derivadas ao mesmo tempo do espírito franciscano que todas bebiam, do trabalho das próprias mãos, ligado à terra e às coisas simples do ambiente rural, resulta uma grande simplicidade de vida, a alegria e facilidade de relacionamento dado o tipo de aproximação cultural com o povo. Como o povo, andavam descalças e a pé¹⁶². A farinha para o pão e a polenta era buscada na atafona local, as novidades se sabiam pelas conversas informais nos encontros espontâneos com o povo.

Tudo isso, visto de nossa ótica, parece ser muito simpático, bonito, atraente, quase poético. No entanto, a vida que se apresentava tão simples, não tinha nada de inocente, de caminho fácil, de espiritualidade para fracos e principiantes. Toda esta “beleza” tinha seu preço. Era preciso ser valente e ser ousada. A pouca idade de muitas, o estar só “a duas”, a casa pequena sem nenhum conforto e segurança e quase sempre afastada das demais casas dos colonos, a falta de formação e experiência para a vida que levavam, a distância do grupo maior e dos superiores, a falta dos meios de comunicação e locomoção, as exigências do serviço que prestavam ao povo, a pobreza de tudo, eram fatores que constituíam a fragilidade das Catequistas: fragilidade que, apesar de vontade

¹⁶². O calçado era para ir à vila ou à missa na paróquia e, como o povo, as Catequistas os levavam na mão até as proximidades do povoado.

generosa, era freqüentemente estampada na face das “mestras”. Viver assim, era pôr a vida em jogo. Podemos imaginar, então, como as frágeis Catequistas desejavam ir a Rodeio revigorarem o ânimo na presença do fundador, apoiarem-se na força das palavras, ainda que poucas, do vigário da paróquia, fortalecer-se da orientação segura de Irmã Clemência e beber das sábias lições de Irmã Ambrosina. No imagético das moças que carregavam no peito a medalha de “Filhas de Maria” e sob as vestes o cingulo franciscano, no coração das jovens que viviam o ideal de consagradas na compreensão do ethos mental do homem e mais ainda da mulher do campo, era sempre ele, o padre, quem entendia do caminho e sabia da verdade. Nele, elas podiam confiar. Afinal, fora ele que as havia convocado, instituído e enviado. E Frei Polycarpo sentia-se responsável pelas Catequistas. Sentia-se possuído de responsabilidade de tipo paterno maternal. Sentia-se “pai” de cada uma e de todo grupo. Em seu estilo dinâmico e positivo queria vê-las todas alegres e animadas. Por isso soergue-lhes os ânimos sempre que percebe alguma preocupação em seus rostos, ou ouve delas alguma dificuldade.

Se é pão que falta, quer que vão à portaria do convento, onde ele era o guardião¹⁶³, pois, se há socorro aos pobres estranhos que vêm pedir, como não deverá havê-lo para as pobres mais próximas, as Catequistas? E se é coragem que falta, sua palavra convincente e persuasiva punha novo alento no ânimo das professoras. Uma frase, um estímulo deveria ser suficiente para erguer as que andavam cabisbaixas: “*Avanti figlie mie!*” (Avante, filhas minhas!) “*Per crucem ad lucem*” (Pela cruz à luz). A insegurança, o abatimento de hoje, serão recompensados por melhor amanhã, por um porvir de luz. E assumindo ares quase proféticos acrescentava: “*Depois virão muitas...*”

¹⁶³. Cf. VALANDRO, Ede Maria. Depoimento escrito no dia 30/09/97. A. A.

Assim tecida, a vida ia-se fazendo com coragem, com abnegação, com simplicidade, mas também com empenho e muita dedicação. O fato de estarem longe de todos os recursos e de se verem a braços com serviços diversos, exigia-lhes indústria e criatividade que não lhes faltou nunca, enquanto o fato de habitarem longe da autoridade e devendo prover por si a muitas necessidades, aliado a uma vida simples, sem aparato algum, lhes conferia uma positiva naturalidade diante da vida. Assim, vemo-las reagir de forma otimista e responsável, diante da passagem das escolas, do campo da Igreja para a esfera pública, com todas as exigências que disto decorria (relacionamento com a autoridade civil, aceitação da inspeção da escola, prestação de exames perante uma banca para comprovação de conhecimentos,....)

No entanto, era justamente este novo jeito de servir a Deus e aos irmãos - consagração sem votos - que assume a Companhia a partir de 1926, que permitia às Catequistas viverem inseridas no meio do povo e serem “missionárias”, na releitura feita por Frei Bruno Linden¹⁶⁴. Missionárias que podiam ir a todas as partes, independente de haver ou não missa e eucaristia, estar ou não presente o sacerdote. Eram missionárias pela vida pobre, simples e austera que levavam, pela distância aonde iam, pela alegria e humildade em que viviam e pela coragem de renunciar até aos votos para poderem exercer a missão. “*Deixar Deus por Deus*”¹⁶⁵, costumava dizer Frei Bruno. Deus que era o mesmo, independente de ser cultuado por votos ou por promessas, dentro dos conventos ou

¹⁶⁴. Frei Bruno Linden assumiu a paróquia de Rodeio quando da saída de Frei Polycarpo. Na qualidade de pároco, coube-lhe dirigir a Companhia das Catequistas.

¹⁶⁵. VALANDRO, Ede Maria. Depoimento escrito. “A frase era frequentemente utilizada por Frei Bruno para dizer o que significava a vida das Catequistas que aceitavam a privação da missa e outros recursos da religião e a emissão de promessas em vez de votos, superiores àquelas. Elas o faziam para poderem levar o conhecimento do evangelho ao povo das comunidades do interior onde aqueles recursos não existiam, e para poderem viver junto ao povo nas mesmas condições em que ele vivia”. Em São Virgílio, 30 de setembro de 1997. A. A.

nas casas simples das colônias, com a presença da Eucaristia ou sem ela. Enfim, para o fundador Polycarpo o não fazer votos era uma condição “sine qua non”, enquanto Frei Bruno, seu sucessor, deles não queria ouvir falar. Fazer os votos seria uma forma de ter que abandonar a missão. E isto nem Frei Polycarpo, nem Frei Bruno e menos ainda as Catequistas queriam.

Outro ponto emblemático vivido pelas Catequistas era o fato de estarem elas espalhadas duas a duas pelas comunidades do interior. Também por este fato, entenderam elas mesmas, desde o início, que não podiam ser religiosas. O povo também entendera. Tanto entendera que não as chamava de irmã, “monega” ou “suora” mas de “maestra” (monja, irmã, mestra). Estes dois componentes marcavam a grande diferença, podemos dizer, a radical distinção entre a vida religiosa das freiras e a das mestras Catequistas.

“Para o povo de Rodeio, o que fazia a grande diferença, era que as Catequistas, as “Maestras” como diziam, iam para as colônias, pra roça e viver duas a duas.... Isto era muito diferente.. Mas para a Igreja, o comum dos religiosos e os padres, a grande diferença era que vivíamos sem a Eucaristia. Nunca, jamais, tínhamos a Eucaristia. Porque a Eucaristia, nas casas pequenas, na roça, foi só depois do Concílio. Meu pai dizia que nós vivíamos sem a comunhão. Porque “as freiras vão à missa e à comunhão, todos dias”. A Eucaristia era uma preciosidade. Era a grande diferença. Tanto que Frei Bruno sempre dizia que nós deixávamos Jesus por causa de Jesus. Deixávamos a Eucaristia por causa do Jesus vivo que é o povo”¹⁶⁶.

Como não havia possibilidade de atender a estes dois requisitos exigidos pelas leis da Igreja para quem levasse o nome de “religiosa”, de “freira”, aceitavam contentes viver só duas numa casa e deixaram de lado “os votos” e o título de “freiras”. Fizeram

¹⁶⁶. Amália Cristofolini. Informações colhidas em entrevista. A.A.

“promessas” e se chamaram “mestras”¹⁶⁷. Deixaram, principalmente a Eucaristia, fato que exigia delas a privação de algo muito desejado. Numa carta-resposta, Maria Avosani, por exemplo, escreve:

“Fiquei muito contente ouvindo que têm um grande desejo de ouvir a santa missa e fazer a santa comunhão, mas não devem ficar tristes por causa disto, porque talvez ganham mais com este desejo do que fazendo a comunhão sem desejo”¹⁶⁸.

Privadas da comunhão eucarística, preenchiam de certa forma esta falta com a prática da comunhão espiritual. Esta prática tornou-se na Companhia um exercício diário obrigatório previsto pelas Constituições de 1935.

“Após a oração da manhã, empregarão dez minutos no exercício da comunhão espiritual, com atos de preparação e ação de graças, quando não tiverem a felicidade de poder comungar sacramentalmente”¹⁶⁹.

Feita com o mesmo ardor que a comunhão sacramental, as Catequistas sabiam que era para ser as **Irmãs do Povo** que deixavam a missa e a eucaristia. Eram justamente as renúncias exigidas pelo contexto que permitia a presença entre o homem e mulher do campo e as aproximava dos humildes e simples.

*“Mas as outras não podiam ir onde nós estávamos, porque não tinha missa, não tinha eucaristia e não havia jeito de fazer um convento. Porque elas, as Monegas, tinham que viver no convento. Nós nascemos para ser **Irmãs do Povo**. Para viver como o povo, junto com o povo e viver sem a Eucaristia, como o povo”¹⁷⁰.*

¹⁶⁷. Todas as pessoas entrevistadas foram unânimes em observar que as Catequistas eram identificadas com o título “le maestre” (= as mestras), enquanto as Irmãs da Congregação da Divina Providência que havia na comunidade de Rodeio, eram reconhecidas pelo título “le moneghe” (= as freiras).

¹⁶⁸. AVOSANI, Maria, primeira superiora geral da congregação. Carta às coirmãs, datada a 10 de março de 1936. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

¹⁶⁹. “Constituições” de 1935, Op. cit. art. 60.

¹⁷⁰. CRISTOFOLINI, Amália. Informações colhidas em entrevista. A.A.

Este fato era reconhecido também pelos sacerdotes e bispos. Por ocasião do Jubileu Áureo, escreve o bispo de Tubarão:

“Quando normalmente as religiosas apenas aceitam incumbências de caráter religioso-social ou educativo, tendo garantida a assistência sacerdotal, muito, muito tempo antes da experiência de “Nisia Floresta”¹⁷¹ as Irmãs Catequistas Franciscanas iniciaram e desdobraram seu apostolado anônimo e profícuo em lugarejos destituídos da presença sacerdotal”¹⁷²

A vida religiosa que se constituía em modo de vida “reclusa”, com uma certa tendência à introversão, separada do mundo e seus perigos, na experiência do grupo faz opção inversa - ficar no mundo, fazer-se povo, em *“nada se distinguindo das moradoras do lugar”*. Ter a casa semelhante e junto a dele, sem muros e grades, sem a divisão meticulosa das horas com horários determinados para atender o povo, sem a campainha que anunciava alguém na porta e nem sino¹⁷³ a lembrar compromissos e, principalmente, sem a aparência e o nome dos conventos conhecidos.

A arte de fazer-se Catequista compreendia um processo de formação e treinamento que passou por etapas distintas no decorrer do período compreendido entre 1915, data da fundação, até 1965, termos limites do presente estudo. Sem se distinguirem, no início, *“das moradoras do lugar”*, no decurso histórico do processo de organização, à medida que se

¹⁷¹. A experiência a que se refere o bispo foi feita, no Rio Grande do Norte, na década de 1960, pelas irmãs da Congregação de Jesus Crucificado. Ela se fez notícia nas comunidades religiosas de todo o país.

¹⁷². PIETRULLA, Dom Anselmo. Depoimento escrito. In: *Jubileu Áureo das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Op. cit. p. 27. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

¹⁷³. O sino era um pouco “a voz de Deus”. Ele dividia as horas do dia e da noite; o tempo individual e o tempo comunitário. Ele acordava a religiosa pela manhã; chamava-a para a oração, os exercícios espirituais e para todas as atividades que eram práticas comunitárias: refeições, reuniões, recreios, capítulo de culpas, etc. (Cf. ALEGRENTI. Leila Mezan. *Honradas e devotas mulheres da Colônia*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1993, p. 192-197.

exteriorizavam os sinais da pertença destas mulheres a uma instituição reconhecida como de vida religiosa, também foi se estruturando a formação para esta vida.

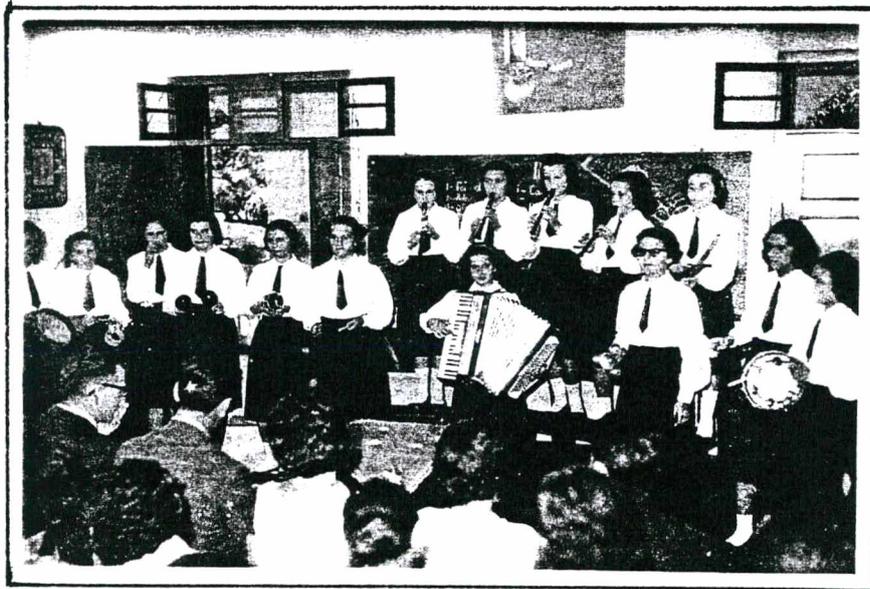
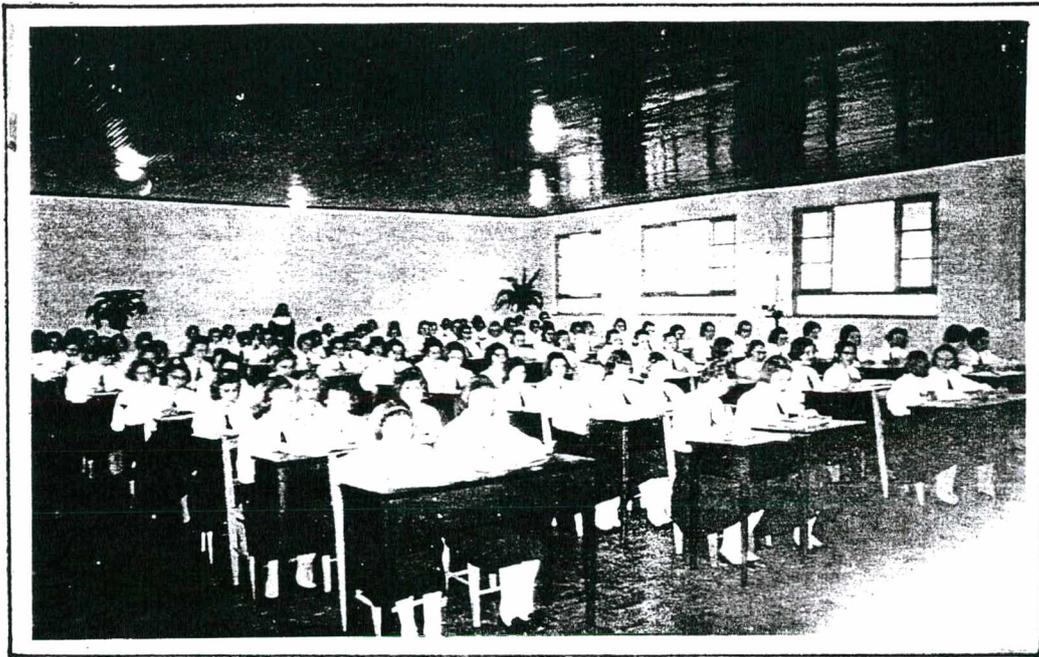
Na Catequista, o ser catequista e professora sempre se identificaram. Daí a formação ser moldada para ser CATEQUISTA: viver duas a duas, como religiosa, mas sem votos, professora, catequista.

Quando o recrutamento das candidatas passou a ser de adolescentes que apenas cursaram o primário, cuja idade em geral não ia além dos 15 anos e as solicitações do magistério se tornaram mais exigentes, passou-se a complementar a formação escolar das mesmas na própria casa de formação, em escola criada só para as candidatas e onde todas as professoras, com exceção da professora de educação física, eram Catequistas.

A formação compreendia então dois períodos distintos, mas complementares e integrados: o período que enfatizava a formação escolar (cursos: Complementar, Regional, Normal) e aquele que se centrava na formação religiosa. Porém, já na formação escolar, com vistas ao magistério, nunca se esquecia que a candidata estava sendo formada para ser professora, como **Catequista**.

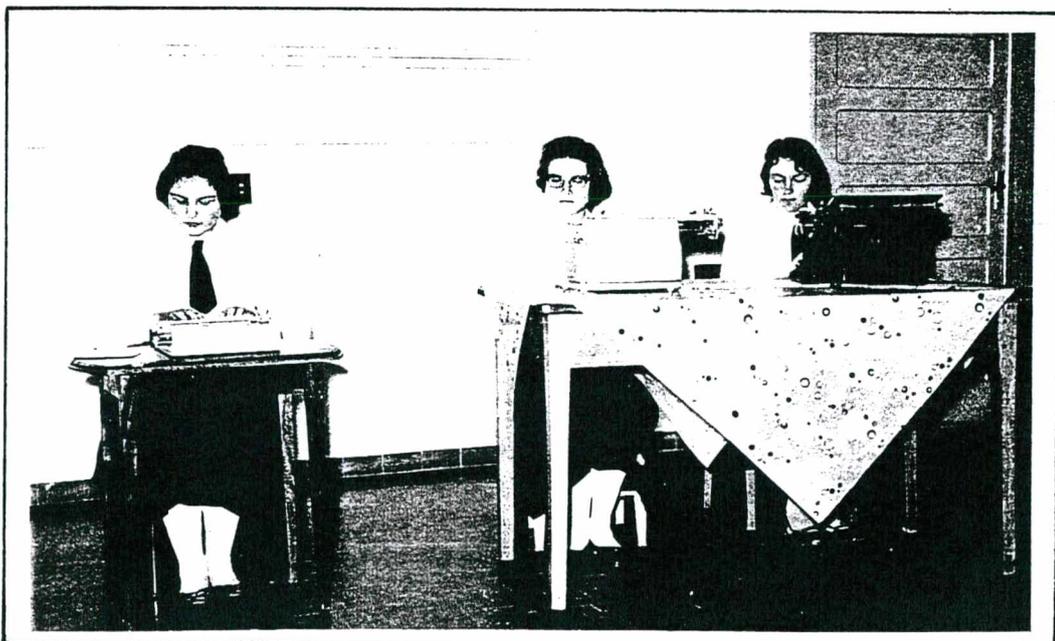
A formação era realizada em internato, em casas que oferecessem as melhores condições para isto e onde a disciplina já era de vida religiosa. Além do estudo escolar formal, a futura Catequista recebia cursos paralelos de: Catequese, Liturgia, História da Igreja, Exegese. Participava de coral orfeônico e artes manuais (tricô, crochê, frivolete, bordado)¹⁷⁴. Havia também opção de cursos conforme interesse e aptidão da candidata tais

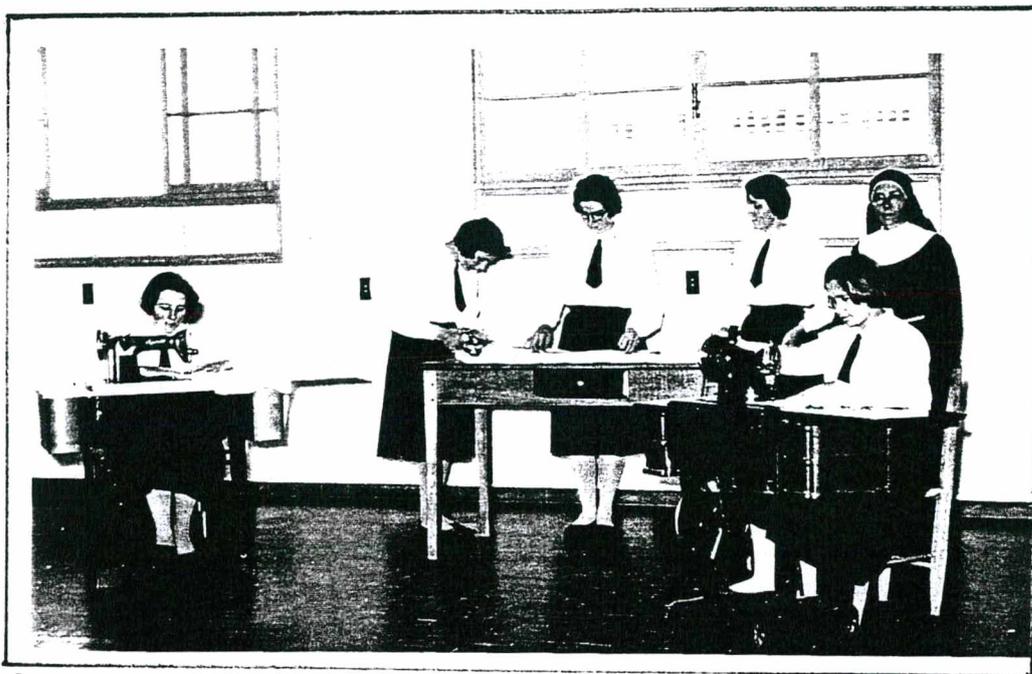
¹⁷⁴ . Saber dedicar-se a artes manuais estava intrinsecamente ligado à formação. Fazia parte das “coisas” que a Catequista devia saber para melhor servir a comunidade. Da primeira delas, Amábile Avosani, diz-se que “*era perfeita no tricô e no cerzir toalhas; perfeita no bordado e no crochê... Tinha uma coleção de modelinhos, como material didático, que conservava com cuidado*”. NEOTTI, Augusta. “*Amábile Avosani. Mulher de grande coração*”. S. Paulo: Loyola, 1996, p. 33.



A formação das Catequistas compreendia, entre outras:

- . formação pedagógica
- . música e canto
- . datilografia.





. corte e costura



. trabalhos de roça (colheita de arroz)

(Fotocópias de fotos dos arquivos
da Casa-Mãe. Rodeio, SC.
Década de 1950).

como: datilografia, pintura, teclado (harmônio), teatro, costura. Igualmente fazia parte da formação da jovem aspirante à vida de Irmã Catequista :

- esporte: vôlei, basquete e grande variedade de jogos recreativos e cantigas de roda, próprios para a futura recreação escolar que iriam assumir como professoras;
- treinamento em serviços domésticos: limpeza e ornamentação da casa, serviços de cozinha e padaria, lavar, passar e engomar roupa, serviços de jardinagem, cultivo de hortas, pomares, quintais e roças. Todas essas atividades eram realizadas com orientação e supervisão de responsáveis pelas candidatas ou pessoas especializadas nos serviços . Era um período de estudo e treinamento que visava a formação da professora, da dona de casa, da Catequista. Esta etapa compreendia um tempo que podia ir de alguns meses a quatro anos ou mais, dependendo da necessidade que foi se tornando maior com o passar dos anos e aumentando as exigências dos ministérios a que se dedicavam as Catequistas. Pode-se aqui perceber que a formação compreendia o “*desenvolvimento integral*” usando a linguagem da *Populorum Progressio*¹⁷⁵.

Quando a candidata estava preparada para assumir a missão de Catequista-professora, a moça passava um período de dois anos ou mais, preparando-se para viver na Companhia. Era o tempo do postulante e noviciado, onde se aperfeiçoava em assuntos mais ligados à espiritualidade, vivência das promessas que faria e que a tornava aceita na Companhia das Catequistas.

Fica claro, portanto, que para ser Catequista era preciso pôr a vida em jogo numa certa polivalência e disposição para o trabalho. Não iriam encontrar vida fácil, riqueza,

¹⁷⁵ . PAULO VI. *Populorum Progressio*. Carta encíclica sobre o desenvolvimento dos povos. Petrópolis: Vozes, p. 11, 1979.

fama, conforto. Disponíveis a tudo, deviam saber fazer¹⁷⁶ e contentar-se com o **pouco, o pequeno e o pobre**. Viver no meio do povo e como o povo para melhor servi-lo significava “inserir-se”¹⁷⁷ e, conseqüentemente, estar envolvida com o global da vida. Este era o objetivo da fundação. Esse era o desejo de Frei Polycarpo. Esse devia ser também o empenho das Mestras. Aqui poderíamos dizer, parafraseando Clara de Assis à sua amiga Inês de Praga:

“Nunca perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe, não se detenha, não consinta com nada que queira afastá-la desse propósito, que seja tropeço no caminho, antes avança com confiança e alegria.”¹⁷⁸

Esse jeito de estar entre o povo, embora sem muita consciência do que isto significava, se comparada a outras instituições da Igreja, era uma vivência que se antecipava ao que mais tarde seria solicitada e apoiada pela própria Igreja através do Concílio Vaticano II.

Mas a jovem que se sentisse atraída a viver esta forma de vida, nem sempre recebia dos pais a aprovação e o apoio necessários. Eles não tinham muita motivação para ajudar a vocação da filha. Pelo contrário. Houve casos muita resistência para que elas pudessem ingressar sem problemas na incipiente Associação das Catequistas. Os pais desejavam para suas filhas algo mais que “*ser daquelas irmãs de Rodeio que andam de*

¹⁷⁶ . Quem não soubesse, aprenderia. Eu, por exemplo, aprendi as lides da roça e até a encilhar cavalo, aparelhar a carroça e na boléia, guiar o animal. Quando em 1960, já lecionando numa escola no interior do município de Rio do Oeste, cursava a Escola Normal, ia todos os dias, em sacolejante aranha, revezando a boléia com minha companheira, até Laurentino, distante oito quilômetros da comunidade de trabalho.

¹⁷⁷ . **Inserção** foi um termo introduzido lenta, mas largamente na vida religiosa, após Medellín e principalmente após Puebla, para expressar gestos concretos de irmãs, grupos ou congregações no sentido de, em atenção às solicitações do Concílio Vaticano II, passar a viver no meio dos pobres, dos empobrecidos, marginalizados e atualmente excluídos.

¹⁷⁸ . *Segunda Carta de Clara a Inês de Praga*. In: *VV. AA.. Fontes Clarianas*. Trad. de PEDROSO, José Carlos Corrêa. Petrópolis: Vozes-Cefepal, 1993, p. 205.

tamancos”, continuar na roça, com pouco estudo, vivendo em casa simples e pobre. Ser “freira” era subir de posição. Era aumentar também a posição social da família. Entregar a filha para ser freira era, sobretudo, entregar a jovem a uma instituição que dava garantia de segurança. Dados colhidos em entrevistas realizadas com Irmãs Catequistas, testemunham essa situação e esta verdade. Transcrevo, como exemplos:

1.. “Cheguei aqui, aliás, vim com papai. Papai não queria que eu fosse Irmã Catequista Franciscana. Embora ele tenha sido aluno da Madre Avosani. E ele gostava muito dela... Então, no dia em que nós viemos ele me levou primeiro aí nas Irmãs da Divina Providência, na farmácia e disse para a Irmã Hedwiges: essa é a minha filha. Ela quer ser Catequista. Mas eu queria que ela ficasse aqui com vocês. Com “le moneghe”. Aí a Irmã Hedwiges me perguntou porque eu não queria ficar com elas e eu disse assim, bem radical, eu me lembro: *Se é para ser Catequista... e se não eu não quero ser nada. Mas porquê? Porque papai conhecia a vida das Catequistas. Ele sabia como era sacrificada. Sabia que as Catequistas trabalhavam muito e estavam muito desprotegidas. O medo do papai era este: duas moças, na roça, em lugares afastados, sozinhas. Ele dizia: “As Monegas” vivem em grupo, têm casas grandes, têm casas boas e é menos perigoso. Essa idéia era de muitos. Por isso é que muita gente nos admirava. O povo gostava muito das Catequistas. Mas não queria que as filhas ficassem Catequistas por causa dessas coisas. Que era muito perigoso*¹⁷⁹”.

2. “As moças que queriam ser Catequistas, tinham, muitas vezes, que enfrentar a resistência dos pais que desejavam para suas filhas algo mais do que continuar o trabalho na roça, morar em casa pequena e pobre. Quando uma jovem manifestava o desejo de ir com as Catequistas era comum a pergunta: *Você vai com elas? Mas elas nem fazem votos*”¹⁸⁰.

¹⁷⁹. CRITOFOLINI, Amália. Catequista Franciscana. Entrou na Companhia dia 02 de fevereiro de 1944. Informações colhidas em entrevista feita em data de 11 de julho de 1997. Arquivo da autora (A.A.).

¹⁸⁰. BERRI, Tercília. Nascida em Rodeio, na comunidade de Rio Morto. Iniciou suas atividades como Catequista, no ano de 1941. A.A.

3. *As moças que queriam ser freiras não vinham conosco. Elas iam estudar em São Paulo. Elas (as freiras) colocavam na cabeça das moças que as Catequistas não faziam votos, não tinha valor para o céu... Mas nunca nos faltaram vocações. Meu pai não queria. Meu pai dizia: "Não, minha filha. Depois vais ser escrava"... Quando ele estava para morrer ele me disse: "Ó minha filha, me deste muito prazer. Eu não queria que fosses Catequista. Mas eu estava errado"*¹⁸¹.

Estes casos não se restringiam às candidatas provindas dos arredores de Rodeio. Também outras comunidades comparavam as Catequistas com religiosas de outras congregações e as referências que a elas se faziam eram pouco animadoras para uma jovem que desejasse seguir o grupo. *"O senhor vai deixar sua filha ir com as Catequistas? Pois saiba que elas não tem votos. Todo trabalho que elas fazem não tem tanto mérito como eu esfregando meu hábito"*¹⁸², disse uma religiosa ao pai de uma jovem que pretendia ser Catequista. Já nos anos 30 as Catequistas ouviam comentários pouco elogiosos e animadores:

*"Que é que vocês são? São apenas umas solteironas vestidas de religiosas. Ou: Afinal, vocês não são leigas nem religiosas! Nem carne nem peixe!"*¹⁸³.

*"A N.N. sim, escolheu uma congregação boa! (das Irmãs da Consolata). Mas a W.W., coitada, vai com as Catequistas"*¹⁸⁴.

Temos aqui um testemunho claro de que havia um *"preconceito de grupo"* e este preconceito exercia sobre os pais das moças, uma ação inibidora diminuindo a possibilidade de uma escolha livre, adequada e boa, historicamente positiva,

¹⁸¹. GIOVANELLA, Elza. Informação colhida em entrevista realizada em 18 de maio de 1997. A informante foi Superiora Geral na Congregação, por 10 anos. Foi a primeira a assumir o governo da congregação após o Vaticano II. Nesse período de governo a congregação foi dividida em províncias e voltou a usar roupas civis, assim como fora no princípio e como havia sido o desejo do fundador.

¹⁸². VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo*. Op. cit., p. 274.

¹⁸³. VALANDRO, EDE Maria. Ibid.

¹⁸⁴. SOTOPIETRA, Teresinha. Informação colhida em entrevista, em data de 23 de agosto de 1997, em Joinville, SC.

“porque todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do individuo”¹⁸⁵.

O próprio Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, que apoiava as Catequistas, lhes reconhecia os méritos e as queria *“sempre bem aperfeiçoadas”¹⁸⁶*, quando de visita à paróquia Santo Ambrósio, de Ascurra, em 1922, depois de saber que algumas moças haviam deixado a Companhia para se tornarem freiras na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (mais conhecidas por Salesianas), escreve:

“Existe no curato, localizada em várias capelas, a instituição das Catequistas por nós abençoada e patrocinada e que tão bons serviços vêm prestando à causa da instrução religiosa da juventude. Recomendamo-la à benevolência dos Revmos. Vigários. Não nos opomos a que uma ou outra abrace, se julgar conveniente, estado de vida mais perfeito. Mas desejamos que os senhores sacerdotes ou quem quer que seja, não intervenham nem decidam em casos particulares”¹⁸⁷.

Realmente, as Mestras Catequistas, não eram freiras. Se uma moça desejasse ter o nome jurídica e canonicamente reconhecido como tal, não seria a Companhia das Catequistas que lhe daria este título. O livro de crônica diz:

“Quase desde os primeiros anos de sua fundação, levam vida semelhante em tudo, à das religiosas propriamente ditas e no entanto, formam um instituto leigo, como se lê bem claramente à página três das Constituições Gerais”¹⁸⁸.

¹⁸⁵ HELLER, Agnes. Op. cit., p. 59.

¹⁸⁶ Livro do Tombo. Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio”, Fls. 37v.

¹⁸⁷ Livro do Tombo. Paróquia de Ascurra, SC. 17/09/1922, fls. 13.

¹⁸⁸ Crônica da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. L.8A, fls. 31v. Ano de 1935.

Provam o fato também o Livro de Matrícula das primeiras Catequistas. Nele encontramos ao lado dos nomes, três colunas para assentamento de datas: **Nascimento - Ordem Terceira - Catequista**. É interessante observar a data que registra a admissão à Companhia das Catequistas. Esta é geralmente anterior a do registro na Ordem Terceira. Isto deixa claro que o maior vínculo, o último e mais importante passo era o da profissão na Ordem Terceira e não o dia em que “ficavam Catequistas”, isto é, o dia em que recebiam o vestido preto e o lenço branco e assim estavam aptas para ir a alguma comunidade e iniciar o serviço numa escola. Ficava-se “Catequista” assim que se tivesse condições de assumir o ensino, dependendo dos conhecimentos que a candidata tinha. Este tempo podia ser mesmo de poucos dias que eram até suprimidos, se a necessidade nalguma escola fosse muito urgente. Neste caso, o tempo reduzia-se ao suficiente para a confecção da roupa preta. Ede Maria em seu livro conta:

“Maria Tambosi, que era costureira, já trouxe a veste confeccionada de casa e foi imediatamente enviada para uma escola. De outra, consta que, tendo sido aceita e não podendo entrar de imediato, no prazo de espera, foi-lhe confeccionada a veste. No dia marcado para a chegada, Irmã Clemência foi encontrá-la com a veste pronta. Esperou-a em frente ao oratório de São Domingos, situado no topo da elevação que separa Rodeio e São Virgílio. Ao chegar a candidata, entraram as duas no oratório onde se efetuou a troca de roupas. A seguir, a Irmã Clemência continuou a viagem, levando a moça para a escola que reclamava sua ajuda, sem mesmo ter chegado a Rodeio”¹⁸⁹.

É claro que esses fatos foram casos-limite, contudo, eram freqüentes os que se lhe aproximavam e analisando-os com a compreensão da época, podemos imaginar o quanto os

¹⁸⁹. VALANDRO, Ede Maria. Op. cit., p. 84.

fatos causavam estranheza mesmo a quem tinha pouco esclarecimento do assunto.

Outro fato a considerar é que a vida religiosa canônica com suas práticas privatizadas, tinha nos “perigos” do mundo moderno um aliado forte para reduzi-la ainda mais à interioridade dos conventos e monastérios; tinha os pressupostos para defender a bandeira do conservadorismo e a ordem estabelecida pelo modelo prescritivo da Igreja e a teologia da clausura que implicava na mais completa “separação” do mundo. Frei Polycarpo sabia disso e sabia também que não poderia contar com as religiosas de vida conventual como o eram as irmãs da Congregação da Divina Providência. Mas ele tinha objetivo claro: professoras para as escolas paroquiais que se encarregassem da formação das crianças e jovens. Para isso não era necessário ser religiosa. Bastava ser moça de “*irrepreensível conduta*” e a pertença a Ordem Terceira de São Francisco já era um aval de bom comportamento. As “jovens donzelas” encontrariam na espiritualidade da Ordem Terceira o alimento para viver o ideal. E não haveria necessidade de nenhuma outra prescrição. Seguiriam o Patriarca de Assis como leigas, no meio do povo, povo com ele. Portanto, a Congregação das Irmãs da Divina Providência não podia ser modelo para a vivência que Polycarpo idealizava para as jovens professoras nas comunidades interioranas da paróquia. As jovens donzelas da Companhia das Catequistas, **duas a duas** estariam no meio do povo. Logo, não podiam ter do mundo e do povo, uma idéia tridentina, idéia de que o leigo está mais longe do Divino e não é para ele o estado de perfeição; nem deviam ter a concepção de que o mundo é “perigoso” e nele é difícil salvar-se. Pelo contrário, deviam alimentar a vida nas fontes puras do espírito brotadas da cotidianidade do povo. E as primeiras, ao menos temporariamente, não só estavam no meio do povo, mas viviam em suas casas:

“Por não terem casa própria, ficaram as professoras em casas de particulares. As de São Virgílio, em casa do Senhor José Tambosi e a Amábile Avosani ficou na casa do Senhor João Cereale”¹⁹⁰.

Este viver no meio do povo e até morar em suas casas, todavia, não as faziam esquecer o convento onde se preparavam para ser Catequista. A simbologia religiosa do convento e as práticas vividas nele, apontavam também para elas como elementos e valores importantes. E no convento Menino Deus, embora não vivessem diretamente com as religiosas, as moças as viam recolhidas, silenciosas, orantes, participando diariamente da Santa Missa, recitando Ofício Divino através da Oração das Horas¹⁹¹, caminhando com passos leves, sempre respeitosas e delicadas no trato e, isto, seguramente as havia impressionado e marcado. Mas elas sabem que a espiritualidade das Catequistas não pode ser a do convento. Não pode ser privilégio de poucas, ao alcance só de minoria selecionada, com vocação de chamamento raro, vivida em ambientes especiais. Ela deve ser vivida onde se fazem e se repetem as ações do serviço que constitui o objetivo do grupo; **servir a comunidade no exercício da educação e catequese no meio do povo pobre das colônias**. Deve ser vivida no “mundo”, no espaço onde se constróem relações abertas, plantada no chão concreto da vida do povo com o qual conviviam, onde se reza num clima que não aparenta transcendência, onde aparece mais facilmente o pecado. Olhando o povo, ouvindo e sentindo suas vidas na prática e no ensaio da cotidianidade, na aparente pequenez da missão junto à gente de suas raízes, elas, as Catequistas, irão plasmando a espiritualidade no próprio caminhar. Dele, do povo, não poderiam se distanciar. Ele seria como a chave a abrir a porta da leitura, como a estrela a orientar os

¹⁹⁰. *Crônica das Catequistas*. L 8, fls. 6v. Ano de 1915. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

¹⁹¹. A oração litúrgica das Horas, própria dos mosteiros, foi também introduzida, em parte, nos conventos femininos de vida apostólica.

passos, para sempre de novo, no final do dia, da semana, do ano escolar, recolher-se e avaliar a fidelidade ao compromisso.

*“Como o sol se recolhe de tarde,
Para o dia seguinte alumiar
A Irmã se recolhe, e mais tarde
Vai a luz do Senhor irradiar”¹⁹².*

E isto pedia mudança não só de conceitos, mas de práxis. Práxis que exigia ruptura, esforço, que pedia humildade e renúncia ao que se podia considerar privilégio e que vinha muitas vezes misturado com humilhação. *“A gente se sentia um pouco constrangida, um pouco humilhada, um tanto inferiorizada”¹⁹³* Com esse espírito, foram elas se integrando nas colônias e vilarejos. A Companhia foi-se fazendo no meio do povo, como o povo, sofrendo as mesmas privações que ele. Também elas, por opção de vida, faziam parte dos menos favorecidos pela sorte.

“Sou testemunha do que tem representado em Santa Catarina o esforço digno e eloqüente dessa congregação que sobre todas as virtudes... se destaca a humildade e seu grande senso de compaixão pelas pessoas menos favorecidas da sorte”¹⁹⁴

“Faltou pois, às pobres filhas de São Francisco o agasalho e abrigo próprio. Mas Deus maravilhoso... soube preparar e arrumar a morada para suas filhas abnegadas”¹⁹⁵.

Da pobreza que viviam, também Irmã Thereza Marangoni fala desde o distante Mato Grosso. Mas ela, a pobreza, nunca foi motivo de voltar as costas para o compromisso

¹⁹². Hino do Cinqüentenário da Congregação das Irmãs Catequistas. In: *Jubileu Áureo...* Op. cit., p. 108.

¹⁹³. DAVID, Anita. Entrevista já citada.

¹⁹⁴. PEDRINI, Nelson. Aparte ao discurso do Deputado estadual João Bértoli. (Cf. BÉRTOLI, João. *Cinquentenário da Fundação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Discurso pronunciado pelo deputado na Tribuna da Câmara, na sessão de 21/12/65, na Assembléia Legislativa, em homenagem à congregação, pelos 50 anos de sua fundação, p.6. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

¹⁹⁵. *Crônica das Catequistas*. L 8, fls. 7. Op. cit. Ano de 1916.

assumido.

“Por mais precária, difícil e sofrida que tivesse sido a nossa vinda em 1947 e, depois com o dia-a-dia que se seguiu... posso dizer que nunca pensei em retornar, nunca tive arrependimento... Quando a gente tem um ideal, pode haver muitos impecilhos, porém, tratamos logo de vencê-los todos. Contudo, isso não quer dizer que eu nunca tenha me lamuriado, me queixado, chorado escondida em algum canto, porque sou um ser humano como outro qualquer. O importante é que eu e as outras, nunca nos deixamos vencer por aquela pobreza e, quando o controle estava por fugir, algo nos acontecia empurrando-nos adiante e nos fazendo fortes outra vez”¹⁹⁶

Um ex-aluno das “Mestras” na escola paroquial de Rio d’Oeste, testemunha: “As *Maestras*” nada tinham. Moravam inicialmente numa família. Posteriormente foi construída uma pequena casa ao lado da capela que era também escola¹⁹⁷.

A encarnação de suas vidas nesse compromisso histórico, com liderança nas comunidades onde exerciam funções religiosas e educativas, as obrigavam a uma disciplina também rigorosa. Inseridas na faina das atividades das colônias, faziam a articulação com a paróquia que lhes atribuía serviços eclesiais - culto dominical, a catequese e formação dos jovens – cuja execução demandava sério empenho de preparação. A presença nas famílias através de visitas, o atendimento a doentes e ainda os trabalhos com pequena criação, cultivo de horta e plantio de roças para ajudar na própria manutenção, “*para em nada se distinguirem das moradoras do lugar*” pedia delas uma vida de muito trabalho. Aliás, o Usual dizia claramente:

“É desejável que as Catequistas desenvolvam suas habilidades nos trabalhos

¹⁹⁶. MARANGONI, Thereza. Diário *A Tribuna*, N.º 3771 de 04 de abril de 1997. Suplemento especial. Rondonópolis, MT: *Irmã Thereza: vida religiosa, símbolo de penitência*.

¹⁹⁷. CALEFFI, Olma. *Uma experiência em construção: do fazer-se escola pública à praxis político-pedagógica na perspectiva da educação libertadora*. Dissertação de mestrado. UFSC, 1994, p. 44.

manuais, de agulha e outros apropriados à sua condição, saibam, ensiná-los aos alunos conforme os programas escolares, bem como executar ainda outros em benefício do povo ou da comunidade”¹⁹⁸.

Este modo de viver no meio do povo simples, distinguiu declaradamente a Companhia. E se lhe dava uma transparente originalidade, também a marcava com a nota da simplicidade. Uma simplicidade que, por compreensão errônea, até lhes trouxe dificuldades a nível de formação e aperfeiçoamento indispensável para exercer bem a ampla e exigente missão. Vivendo no interior das comunidades, junto com os colonos, em lugares geralmente afastados de centros mais desenvolvidos, às vezes até um tanto isoladas da própria comunidade¹⁹⁹, pouco se preocupavam consigo mesmas. A vida era simples e, conforme escreve Ede Maria, “*salvo raras exceções, viviam felizes em ser o que eram*”. A entrevistada Tercília Berri, disse o seguinte:

*“Éramos simples e pobres. Muito pobres. Nossa casa, igual a dos colonos, só menor. Era de madeira, sem pintura, com janelas também de madeira. Tinha uma pequena sala onde atendíamos o povo e fazíamos nossos trabalhos ligados à escola, culto e catequese; um quarto para dormir e uma cozinha. No quarto só havia as camas. Nenhum armário ou prateleira. As roupas nós as pendurávamos nalguns pregos ou ficavam no baú ou mala, debaixo da cama. Na cozinha, havia um banco onde sobre ele guardávamos empilhado, o milho para as galinhas. Banheiro não havia. Era assim. Assim também vivia o povo. E como a gente era feliz!”*²⁰⁰

¹⁹⁸. “USUAL”, verbete “Trabalhos”. Arquivo da Congregação, Joinville, SC. O USUAL era um caderno datilografado de normas pormenorizadas, a respeito de determinados procedimentos a serem feitos e/ou evitados. As normas estavam expostas por verbetes, em ordem alfabética. Destinava-se exclusivamente às Catequistas.

¹⁹⁹. A residência das Catequistas ficava geralmente junto à escola e perto da capela que, não raras vezes, era a mesma construção. Então, talvez até por respeito à casa do culto, ficava em lugar privilegiado, um pouco retirada das casas dos colonos onde sempre havia estrebaria, chiqueiro, galinhas soltas, o que poderia provocar inconvenientes à casa de oração e de formação.

²⁰⁰. BERRI, Tercília. Informações colhidas em entrevista realizada em data de 10 de julho de 1997. A.A.

Dessa felicidade colhida como fruto de uma vida realmente simples, o livro da Crônica registra trechos de cartas enviadas pelas Catequistas, que são verdadeiros testemunhos do jeito humilde de ser e fazer das professoras Catequistas:

“Com a graça de Deus, são boas as notícias. Cruzes não faltam. Temos bastante alunos. No ano vindouro serão mais de cem.. Domingo damos catecismo duas vezes. Assim não há tempo para pensar em outras coisas. Às vezes vem o tentador, mas ele nos encontra tão cansadas que adormecemos logo e só acordamos à hora de recomeçar o trabalho” E outra: *“Nós , graças a Deus, vamos indo perfeitamente felizes e de boa saúde. Aqui é um lugar muito retirado do caminho e também do povo. Podemos dizer que estamos no meio do mato. Se vêem somente passarinhos e papagaios voando e cantando. Não nos falta nada”²⁰¹.*

No meio do povo, duas a duas, sem o amparo da comunidade grande, sem a segurança da casa conventual, sem a proteção da clausura, o fato causava admiração ao próprio povo e não deixava de preocupar as responsáveis pelo grupo. Conta a crônica que ao serem mandadas “Mestras” para Paula Freitas, no Estado do Paraná, comunidade da paróquia dos Padres Franciscanos de Porto União, os superiores escolheram as pessoas porque:

“naturalmente, precisa-se mandar nesses lugares distantes, as Catequistas bem provadas e sérias, que se mantenham bem, lá longe, onde não podem receber visitas dos seus superiores”²⁰².

Este temor, é claro, se fundamenta em fatos. O contato direto com o povo do qual faz parte o moço casadoiro, ajudava a aflorar a afetividade e despertar a sexualidade. Como as Catequistas estavam muito ao desabrigo da proteção comunitária e conventual, ficavam

²⁰¹. VALANDRO, Ede Maria. *Um chamado se faz caminho. Evolução histórica do Carisma*. Op. cit., p. 45.

²⁰². *Crônica das Catequistas*. Livro 8, fls. 16v. Ano de 1933. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

‘expostas’ às tentações do mundo. Juntava-se a isso um tanto de imaturidade, de ingenuidade, de afetividade não trabalhada e o contato direto com os homens, levava, não tão esporadicamente, ao que se chamava na Companhia, de “namoricos” e que se constituíam em “escândalo”. Era esta a situação considerada de insegurança em que viviam por estarem muito no meio do mundo, desmotivava os pais a deixarem suas filhas entrar na Companhia. Um deslize no modo de se portar podia comprometer mesmo o bom exemplo e o nome da família e não só o da Companhia.

Nas comunidades, as Catequistas eram referencial para tudo: escola, igreja, saúde, família. A “Mestra” como era chamada, instruía, rezava, ensinava medicina caseira, visitava famílias, dava conselhos. No meio do povo viviam o objetivo da Companhia:

“ a mais perfeita imitação da vida e do espírito do Santo Patriarca, em comunidades de duas Catequistas, fundando e provendo escolas rurais, isto é:

em casa alimentam a pobreza e caridade franciscana;

na igreja cuidam do decoro do lugar santo e do sacro ministério

na colônia trabalham com fidelidade e devoção seráfica;

na escola educam, instruem pelo exemplo, humildade e saber suficiente”²⁰³.

Estes pontos constantes do que foi o primeiro Regulamento da Companhia das Catequistas, do ano de 1926, quando já formavam um grupo de mais de quarenta professoras, é uma amostra da gama de atividades que se confiava às Mestras. Com simplicidade procuravam atender e responder às exigências de cada aspecto. Por isso, o

²⁰³ “Regulamento da Companhia das Catequistas”. Ano de 1926, p. 02. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

“saber cotidiano” da Catequista numa época em que não havia divisão de trabalho e a especialização era inteiramente pragmática, as habilidades deviam aplicar-se a muitas direções

*“mantendo ocupadas capacidades de diversos tipos: a vista, o ouvido, o gosto, o olfato, o tato e também a habilidades físicas, o espírito de observação, a memória, a sagacidade, a capacidade de racionar”*²⁰⁴

Um franciscano que as conheceu no interior da paróquia de Herval d’Oeste, escreve mais tarde:

*“Além da grande pobreza verdadeiramente franciscana que encontrei naquelas casas, impressionou-me mais naquelas Irmãs, a grande simplicidade ou, como se podia também dizer, a grande humildade aliada à piedade, apesar de muitas Capelas só terem missa de vez em quando. Que disciplina e ordem reinava nas escolas! Como cuidavam das (...) Capelas! Faziam o povo cantar e rezar nas igrejas. Um trabalho assim, fundamentado pela humildade e piedade, devia atrair as bênçãos de Deus...”*²⁰⁵

Elas se esforçavam para responder com eficiência às tarefas que lhes cabiam. Mas, não sendo o saber “suficiente”, como pedia o regulamento, o tempo das férias escolares tornava-se ocasião propícia para aprofundar conhecimentos e métodos, buscar na teoria um pouco mais de ilustração para a prática do cotidiano²⁰⁶. Por isso:

²⁰⁴. HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana..* Barcelona: Ediciones Península, 4ª edição, 1994, p. 93.

²⁰⁵. BRUEGGEMANN, Frei Honorato. Depoimento escrito. In: *Jubileu Áureo das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Op. cit., p. 43.

²⁰⁶. Nas férias, quando as Catequistas deixavam as comunidades e todas se juntavam em Rodeio, além dos trabalhos domésticos, trabalhos na roça e com animais, elas formavam verdadeiros grupos de entreajuda. Com simplicidade e interesse fraterno, trocavam experiências, davam e tomavam aulas, copiavam poesias e modelos para correspondência escolar, aprendiam novos cantos, artes manuais, jogos e tudo o que pudesse ser útil à missão que exerciam nas comunidades. Esta prática foi um fato que me marcou profundamente quando ingressei na então Companhia, em 1951.

“Era tempo desejado das Catequistas o tempo de férias, uma para descansar um pouco do trabalho de dar aulas; outra, porém, ainda mais, por poderem cada dia assistir umas horas aos ensinamentos da Rev.da. Irmã Ambrosina²⁰⁷, que ela, durante as férias, dava às catequistas “²⁰⁸”.

As coisas novas que as Catequistas deviam manipular a partir da missão as faziam encontrar no tempo das férias uma ocasião privilegiada para o aperfeiçoamento e enriquecimento da bagagem pessoal e fazê-las retornar ao meio do povo mais preparadas. A Catequista faz suas férias pensando no “mundo” que é o delas durante o ano escolar. De certa maneira, nem nas férias ela se desvincula do povo. A comunidade é levada junto para Rodeio, o local das férias. Ela é o alvo do esforço da professora, pois, segundo Agnes Heller:

“A pessoa intimamente vinculada com as normas da comunidade, sente a presença da sociedade mesmo quando esta não está presente, mesmo quando a pessoa em questão está sozinha²⁰⁹”.

Elas sabiam que para responder aos compromissos da missão, precisavam estar preparadas. O catecismo devia ser ensinado todos os dias.²¹⁰ Para essa aulas, dizia o Usual *“tenham muito cuidado em prepará-las verdadeiramente.* Este mesmo Usual recomendava que as catequistas tomassem nota e fizessem esquemas para melhor aproveitar da experiência que iam adquirindo com o exercício e a entreaajuda das outras companheiras. Que as aulas fossem práticas e não teóricas:

²⁰⁷ . Ambrosina Van Beck, era religiosa da Divina Providência. Morava no Convento Menino Deus, junto com Irmã Clemência e foi dada a ela para ajudar na orientação das Catequistas.

²⁰⁸ . *Crônica das Catequistas*, Livro 8, fls. 10v.

²⁰⁹ . Heller, Agnes. Op. cit., p. 91.

“Utilizem-se de exemplos apropriados e vividos. Pouca doutrina de cada vez, mas muita aplicação prática”²¹¹.

“Toda Catequista se interesse pela companhia, dando-lhe lições naquilo que não sabe, como por exemplo: cozinhar, cantar e ler bem, preparar dignamente o Altar e a Igreja..”²¹².

“Eram firmes dois princípios na Companhia: as irmãs faziam pessoalmente todo serviço à própria manutenção e colaboravam na própria subsistência e no projeto da congregação, com trabalhos de pequena lavoura e criação. O cultivo de flores era uma característica em todas as casas”²¹³.

Maria Avosani também cultivava nas “Mestras” este espírito quando recomendava: *“uma deve alegrar-se com o bom resultado da outra”²¹⁴* e incentivava a aprendizagem de outra língua que o português e o italiano praticamente falado por todas, embora deixasse liberdade de o fazer: *“Seria bom que a senhora aprendesse em alemão e a Lúcia em polaco, mas não pensar que são obrigadas”²¹⁵*. Mas, para atender melhor o povo, e respeitar-lhe a cultura, era interessante entender-lhes a língua.

“É um grande bem da Companhia das Catequistas, a variedade de línguas, que estas almas verdadeiramente apostólicas manobram. Além da língua da pátria, elas falam (ao menos em cada língua algumas), a língua polonesa, italiana, alemã, para servirem perfeitamente as escolas coloniais e rurais”²¹⁶.

²¹⁰ . A catequese, na época, era dada em três espaços ou formas: 1. Catequese dada em sala de aula como matéria escolar; 2. Catequese ou doutrina dominical, dada geralmente antes do culto e assistida também por adultos; 3. Catequese específica para a primeira comunhão. Cf. NEOTTI, Augusta. Op. cit., p. 43.

²¹¹ . Usual. Op. cit., verbete “doutrina”.

²¹² . Ibid. Verbetes “Memorandum, g”.

²¹³ . MORATELLI, Hilda. Depoimento escrito a 21 de maio de 1997. A. A.

²¹⁴ . AVOSANI, Maria. Carta datada a 18 de maio de 1941. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

²¹⁵ . Idem. Carta datada a 10 de março de 1936. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

²¹⁶ . *Crônica das Catequistas*, L. 8, fls. 16. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

Sempre respeitando a liberdade, queria que as professoras se esforçassem para prestar um serviço não só competente, mas profissional e assumido com o direito que a lei permitia. Numa carta escreve: *“Com muito prazer lhe envio o diploma, mas não obrigo a senhora entrar em Concurso. Somente querendo, quer dizer, podendo fazer com gosto”*²¹⁷. E se informação lhe chegasse de que alguma Catequista estava desanimada, recomendava: *“Coragem. Não percam o espírito primitivo, a alegria da alma, tão necessária para a santa perseverança”*²¹⁸.

Em relação à cultura diversa das Catequistas ou do povo, era recomendado pelo Usual: *“Proíbe-se que alguma irmã chame a outra, ou a qualquer criança, com um nome irrisório, injurioso ou desprezivo, por motivo de nacionalidade”*²¹⁹.

Esse respeito que se pedia de todas entre si e com o povo era marcado também por uma convivência muito simples, mesmo das Catequistas com a superiora. Cartas que fazem parte do acervo do Arquivo Geral, são prova de que a correspondência era fraterna e cordial, marcada por conteúdos corriqueiros do cotidiano, assuntos que só podiam ser fruto de um relacionamento bem humano e de relações muito igualitárias, de autoridade que era serviço, sem familiaridade com o poder. Uma carta datada de 17 de junho de 1942 e dirigida às Catequistas que trabalhavam em Lança, comunidade do interior da paróquia de Porto União, em resposta a uma correspondência de Blandina Ciz diz:

“ Voltando hoje de uma viagem encontrei sua carta dizendo que estão sofrendo frio. Coitadas! Fiquei com tanta pena que logo me pus a rabiscar-lhes estas linhas dizendo-lhes que logo que receberem esta, vão logo comprar um casaco bem grosso e se precisar,

²¹⁷. AVOSANI, Maria. Carta . Arquivo da Congregação, Joinville, SC.

²¹⁸. Idem. Ibidem.

²¹⁹. “Usual”. Op. cit., verbete “Nacionalidade”.

*também uma saia de pelúcia... Por favor, sim? Eu sei que tendo roupa quente se sente frio. Quanto mais sem roupa quente*²²⁰. A outras escrevia: *“Nos dias muito frios podem ficar na cama mais tempo sem receio porque isto não se faz por desprezo mas por necessidade. Podem rezar também muito na cama*²²¹. E a outra ainda: *“Como a senhora está no centro onde se reúnem as outras irmãs, peço-lhe de cuidar que todas conservem uma boa harmonia entre si, ajudando-se uma com a outra e não falte comida e que todas possam voltar para sua morada bem satisfeitas e alegres*²²².

A preocupação com o bem estar das Catequistas ultrapassava os limites da Companhia. Os registros guardados nas cartas da superiora Maria são sumamente reveladores do significativo conteúdo das relações entre as Catequistas e o povo, das Catequistas e os alunos, das Catequistas e seus familiares e mesmo com quem havia deixado a Companhia, fatos que podemos comprovar nos textos que seguem.

*“Fiquei admirada de ver os Berlanda tão inquietos pela Domingas, pois agora compete a nós pensar e gastar... Mas eu vou escrever uma carta também para os pais dela*²²³.*”Dêem muitas lembranças aos seus queridos alunos e digam que rezem um pouco para mim, sim?*²²⁴. *“Cara Brália, sua cartinha me alegrou muito... Continue sempre com esta boa vontade... nunca envergonhar-se de ser devota e boa... Cuide-se de não deixar-se enganar por algum moleque. Na outra vida esperamos nos encontrar e fazer festa junto por toda eternidade*²²⁵.

Todos esses registros vem comprovar que os costumes vividos na Companhia,

²²⁰. AVOSANI, Maria. Carta . Arquivo da Congregação, Joinville, SC

²²¹. Idem. Carta datada a 26/06/1942. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

²²². Idem. Carta datada a 08/08/1944. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

²²³. Idem. Ibidem.

²²⁴. Idem. Carta de junho de 1942. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

²²⁵. Idem. Carta a uma moça que havia deixado a Companhia. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

fugiam da regra geral das congregações e se constituíam em algo novo.

A presença discreta das Catequistas no meio do povo quais servas do cotidiano, sem destaques maiores, sem outra grandeza a partilhar do que a esperança que se renova a cada manhã”, “*dá o tom*” conforme Agnes Heller, e produz uma atmosfera tonal específica dada pelo carisma que envolve o modo de tratar as relações humanas. O “*modus vivendi*” das Professoras Catequistas é feito de tarefas comuns, onde as solicitações da vida determinam os atos e provam que

*“as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos... mas possibilitar uma margem de movimento”*²²⁶

e assim foge da alienação e foge igualmente, no caso delas, das estruturas seculares da vida consagrada conhecida, contornando a obsolência dos cânones.

No meio do povo, as Catequistas viviam sem propriedade alguma e nenhum bem material em seu nome. As casas eram da comunidade. Igualmente as terras onde faziam a horta, o pomar e a roça, onde plantavam produtos que ajudassem na manutenção pessoal e às necessidades da casa matriz quando fosse possível ²²⁷. Este trabalho braçal fazia parte do cotidiano das Catequistas. Tinha várias finalidades. Segundo Irmã Amália Cristofolini, era mais uma forma de se igualar ao povo que tinha sua vida ligada ao trabalho da terra.

*“Frei Polycarpo queria que as Catequistas tivessem sempre esse lugar reservado para a rocinha, para sermos iguais ao povo. O objetivo era ser igual às outras mulheres. Era para ajudar na manutenção, mas também porque todas as mulheres do povo trabalhavam”*²²⁸.

²²⁶. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 37.

²²⁷. Irmã Tercília Berri, em informação prestada na entrevista já citada, disse que na comunidade onde trabalhou em seus primeiros anos de mestra, ela e sua companheira, plantaram uma roça de dez mil pés de aipim, que era utilizado na própria alimentação e na alimentação de galinhas e porcos que criavam.

²²⁸. CRISTOFOLINI, Amália. Entrevista citada.

Dom Pio de Freitas, primeiro bispo de Joinville, quando em 1935 dá forma canônica à Companhia, formaliza a expressão do compromisso salvando-lhe a originalidade. Elaborando apropriadas constituições, sancionou o costume que se havia tornado tradição. E tratando do assunto que falava dos trabalhos, ele diz:

“Como o Divino Mestre, a Santíssima Virgem e os santos, as Catequistas se dedicarão também aos trabalhos manuais e mesmo os da lavoura; contribuirão para conservar a simplicidade de sua vocação e para minorar as despesas de seu sustento.

Durante os dias úteis, no tempo que lhes sobra dos trabalhos escolares, aplicar-se-ão à cultura das plantações em sua quinta ou chácara. Evitarão ter pessoas assalariadas para este serviço, contentando-se com o que puderem fazer por suas próprias mãos”²²⁹.

Vivendo no interior, longe de recursos de qualquer ordem, com sistema viário sempre em precárias condições, longe de médicos, hospitais ou mesmo farmácias e principalmente sem dinheiro, as Catequistas sempre foram estimuladas a se interessarem pela medicina caseira, hoje tão badalada e chamada “alternativa”. A recomendação não era só um bom conselho. Fazia parte das normas internas da Companhia e vinham escritas no Usual, com o seguinte teor:

“Procurem as Catequistas conhecer e ter à disposição ervas medicinais cujo uso possa ser de utilidade imediata ou mesmo eventual. Colijam o nome de ervas ou remédios naturais de que tenham conhecimento. A superiora tenha um caderno que sirva como médico doméstico no qual anote todas as medicinas e remédios caseiros assim coligidos. Futuramente será isto um tesouro para a comunidade”²³⁰.

²²⁹. *Constituições de 1935*. Art. 169 e 170. Arquivo da Congregação: Cx. 03, doc. 04. Joinville, SC.

²³⁰. *Usual*. Op. cit., verbete “Medicina”. Atualmente a Congregação tem livro de remédios à base de plantas elaborado por: MICHALAK, Irmã Eva. *Apontamentos fitoterápicos*. Florianópolis: EPAGRI, 1997.

Vestidas, ao menos no início, de forma igual às mulheres do povo, comendo muitas vezes na mesa dos colonos a mesma comida que eles ²³¹, trabalhando tanto quanto eles ou até mais, com singular e original simplicidade, nada tinham a esconder ao povo que lhes conhecia a vida os costumes enfim, o cotidiano.

“Estas estavam sempre prontas a acompanhar as novas colônias que se iam fixando. Eram sempre duas as catequistas que se integravam entre os colonos e passavam a atuar em seu meio. Foi assim que sempre duas a duas, nunca uma só, se espalharam”²³².

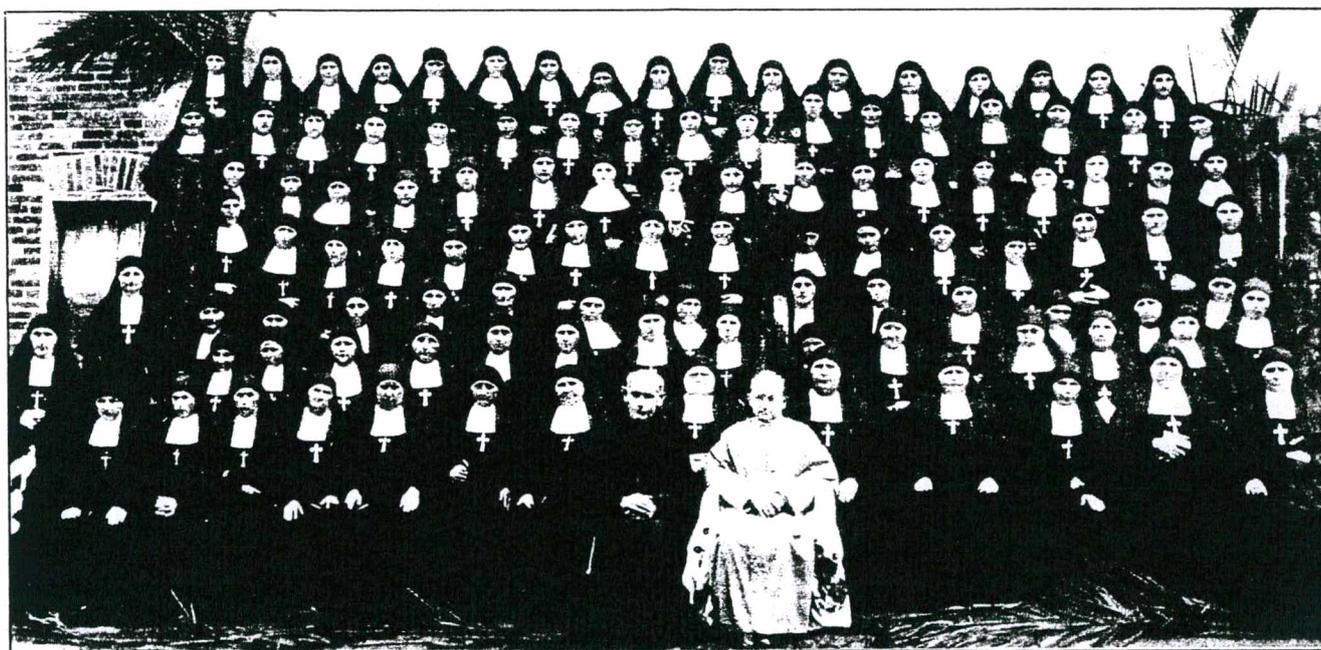
As Catequistas não têm status nem privilégios. Estudam em Rodeio mesmo, cidade sem nenhuma precedência na região, trabalham na roça, não têm empregadas para nada, cumprem elas mesmas todas as tarefas que fazem parte da rotina de uma casa de família simples e pobre como o eram as das comunidades onde também elas viviam. Na formação aprendem que devem saber e fazer com a mesma disposição, simplicidade e alegria, tanto os serviços domésticos, como os da escola e do culto, isto traduzido familiarmente entre as Catequistas com a expressão: *“do altar ao galinheiro”*.

²³¹. As Irmãs da Congregação da Divina Providência, como as demais congregações, não comiam diante de outras pessoas. Lembro-me que num dia de passeio do internato (eu era interna do Colégio Divina Providência, de Jaraguá do Sul), fiz muitas tentativas para ver as irmãs comerem. Foi inútil. Não consegui e nenhuma das internas o conseguiu.

²³². BERTOLI, João. Op. cit. p.12.



Catequistas, com o traje das camponesas do Norte da Itália e distintivo de Filhas de Maria. Sentadas: Irmã Clemência e Irmã Ambrosina, da Divina Providência. Frei Polycarpo na ponta esquerda e João Cereale, grande amigo das Catequistas, na ponta direita. Já eram mais de 40. Foto de 1925. Arquivo da Sede Geral.



Na celebração do Jubileu de Prata, com o traje que lhes foi dado conforme modelo apresentado por Frei Bruno Linden. No centro: Dom Pio de Freitas, Bispo de Joinville e Frei Bruno Linden. As Catequistas já eram mais de 100. Foto de 1940. Arquivo da Sede Geral da Congregação, Joinville, Santa Catarina.

Mas o povo , conhecendo o trabalho das professoras, continuava pedindo, as Catequistas para o serviço da educação e catequese em suas comunidades, principalmente através dos vigários. A Crônica é pródiga nos registros desses fatos. Vejamos:

*“No ano seguinte abriu-se uma nova escola paroquial em Rio Scharlach, em 1921 foram abertas três: Itoupava, Cedros e Crescência; em 1922 em Diamante e Ipiranga; em 1923 Luiz Alves, Vila da Luz e Nova Trento; em 1924 em Santa Maria, Taboão, Assunta e Estradinha”*²³³.

*“Logo no princípio do ano novo de 30, vieram os padres salesianos suplicando às superiores para obterem professoras catequistas para suas escolas. Foram atendidos e ficaram servidos os Revmos. vigários de Rio d’Oeste, Luiz Alves e Rio dos Cedros. Com a abertura das três novas escolas, chegou o número de escolas paroquiais dirigidas pelas catequistas, a 24, com a frequência de mais de mil e tantos alunos”*²³⁴.

*“No ano de 32 abriram-se novas escolas em Brillhante, outra na sé da paróquia de Ascurra, uma terceira na colônia polonesa de Warnow, uma quarta na colônia polonesa de Pinheiro e uma quinta em Forcação”*²³⁵.

Os registros da Crônica são confirmados também em depoimentos colhidos em entrevistas:

*“As famílias, o povo, queria as catequistas ali com eles, para o trabalho, a escola, a catequese, para a orientação do culto dominical. Aquele povo de São Virgílio, sempre quis muito bem às irmãs. Como as quer ainda hoje. Só que as filhas deles iam estudar em São Paulo, com as Irmãzinhas da Imaculada”*²³⁶.

O fato de as Catequistas viverem sem a eucaristia, foi certamente uma das razões

²³³. *Crônica das Catequistas*. L.8, fls. 3v - 4. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

²³⁴. *Ibid.*, fls. 14 e 14v. Ano de 1930.

²³⁵. *Ibid.*, fls. 16. Ano de 1932.

²³⁶. GIOVANELLA, Elza. Entrevista citada. As Irmãzinhas da Imaculada Conceição, congregação fundada em Vigolo, Nova Trento, SC, no ano de 1890, transferiram logo para São Paulo a sede do instituto.

de elas se espalharem tão rapidamente pelo interior da paróquia de Rodeio e do Estado de Santa Catarina. Sem deixar de lado esta exigência da Igreja, muitas comunidades nunca teriam conhecido religiosas. Contou-me a senhora N.N.:

*“Meu marido já havia procurado por várias congregações para virem à nossa comunidade porque o povo queria muito a presença de irmãs. Mas todas, ao perguntarem se haveria possibilidades de missa e comunhão diária e receberem a resposta negativa, logo diziam: “Então nós não podemos ir”. Quando a diretoria da igreja soube que havia em Rodeio umas irmãs que não precisavam de missa todos os dias, três homens da comunidade foram lá falar com a superiora e nós conseguimos as irmãs”.*²³⁷

No modo de as professoras Catequistas viverem entre o povo, na especial sensibilidade com que tratavam os afazeres da escola e de toda cotidianidade, havia marcas de um jeito original de ser e de fazer que cativava e as tornavam desejadas por todos. Quando as escolas paroquiais passaram para a esfera do estado ou município, já não eram somente os párocos ou o povo que pedia o serviço das Catequistas nas escolas, mas também os políticos e homens públicos.

*“Manifestaram-se muito favoravelmente os prefeitos de Blumenau e Itajaí. O senhor Adolfo Konder, prefeito de Itajaí até mandou pessoalmente uma carta, pedindo as catequistas para algumas escolas do município, alegando como motivo impulsivo a “sólida educação religiosa e cívica manifesta em suas escolas”*²³⁸. E ainda noutra página: *“Não tem em nosso Estado quem acuse as catequistas de deslealdade, mas tem muitos que as louvam e as querem em suas escolas. Bastante prefeitos neste sentido já se manifestaram”*²³⁹.

²³⁷. Informação colhida em entrevista realizada com Maria Schmitt Gascho, residente em Jaraguá do Sul, SC, em data de 02 de fevereiro de 1997. As Catequistas chegaram à comunidade em 1952.

²³⁸. *Crônica da Catequistas*, fls. 14v. Ano de 1938.

²³⁹. *Ibid.*, fls. 26v. Ano de 1938.

Quando as Catequistas chegavam a uma comunidade, imprimiam de imediato um referencial de local desenvolvido. “Tem até irmãs” dizia o povo. E o lugar ganhava credibilidade. A presença das Catequistas era sinal que o local apresentava condições de crescer, de progredir e conseguir, quem sabe, com o tempo, também algum outro prestígio e favor. Adquiria requisitos para um futuro próspero e se colocava em evidência frente a tantas outras comunidades, até vilas, que não possuíam a dita de ter religiosas em seu meio. A presença das Catequistas dava “o tom” e atestava igualmente a força da Igreja e da religião. A ex-aluna das Catequistas, Terezinha G. Volpato, dá o seguinte depoimento;

“A lembrança que tenho é de uma mudança qualitativa muito grande, na escola e na comunidade, com a chegada das Irmãs Therezina Franzói e Anidia Meneghelli. Todas as atividades escolares passaram a ser prazerosas. Havia muito entusiasmo, animação e alegria, próprio da infância, é certo. Porém, confrontando as emoções de ir à escola nos dois primeiros anos, com os dois anos subsequentes, 3º e 4º anos, identifico lembranças vinculadas à obrigação e angústia nos primeiros e espontaneidade e prazer nos seguintes.

Além do ensino formal do programa, as outras atividades de pequenas associações funcionavam com a participação disputada dos alunos. Associações que a organização do ensino estadual prescrevia para as escolas, tais como: pelotão da saúde; liga-pró-lingua nacional; clube agrícola; biblioteca escolar; jornal da escola.

Nas festas escolares, por ocasião de efemérides nacionais, além das práticas cívicas de prescrição, faziam-se exposições da produção escolar, representações teatrais e apresentação de bandinhas e cantos. Em todas as atividades escolares e para-escolares estava a liderança, a organização, a criatividade das duas Irmãs Catequistas”²⁴⁰.

E isto não só em Santa Catarina, mas também noutros estados do país. Quando em 1947 as Catequistas foram para Mato Grosso, iniciando trabalhos em Fátima de São Lourenço e depois em Rondonópolis, o Marechal Cândido Rondon ao ver a vila se fazer e

²⁴⁰. VOLPATO, Terezinha Gascho. Depoimento escrito, dado em Criciúma, em 11 de agosto de 1997. A.A.

progredir, também deu sua palavra e, confirmando o dito acima, falou à Thereza Marangoni, uma das Catequistas pioneiras no Mato Grosso:

“Pois é. Por duas vezes eu quis fazer de Rondonópolis uma cidade, entretanto esta não vingou, acabou em nada! Foi só chegar os padres e as irmãs e estabeleceram uma igreja e uma escola e a cidade se fez”.²⁴¹ A mesma diz também: “As professoras Irmãs Catequistas Franciscanas, com seu trabalho contribuíram para a fixação e o enraizamento das famílias na região”²⁴².

A presença das Catequistas lembrava, por associação, a existência de escola boa e disciplinada, de igreja organizada e bem cuidada, de catequese aprimorada e comunidade acompanhada em suas necessidades.

“Houve melhor organização e participação no culto, na catequese; zelo na limpeza e ornamentação da igreja, comemorações festivas nas festas litúrgicas. O comentário do povo era só de admiração, elogios, satisfação com o trabalho das Irmãs”²⁴³.

Para aproveitar dos benefícios que as Catequistas levavam à comunidade através das atividades na escola e na capela, *“muitos jovens, já fora da escola, retornavam a ela quando as Catequistas chegavam nas comunidades. Voltavam por causa das aulas mas principalmente por causa da doutrina”²⁴⁴*. Depoimento semelhante foi ouvido várias vezes em conversas informais.

A forma das Catequistas viverem no meio do povo era um testemunho que

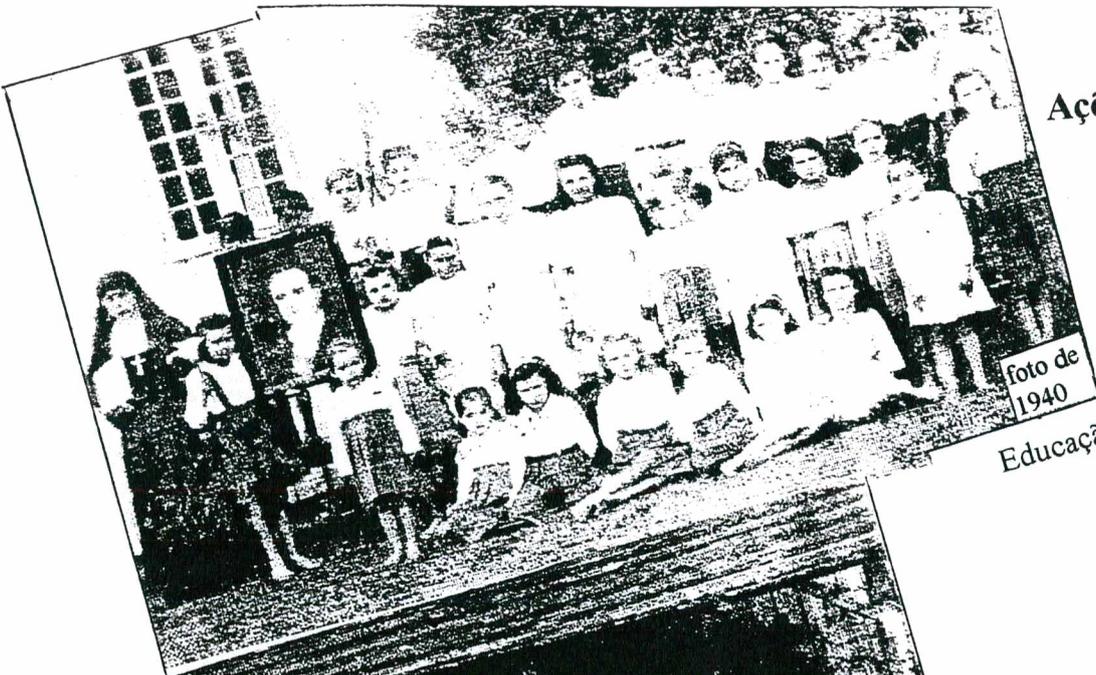
²⁴¹. TESORO, Luci Lea Lopes Martins. *Descobrendo Rondonópolis*. Rondonópolis, MT: Gráfica Modelo, 1997, p. 53.

²⁴². TESORO, Luci Léa Lopes Martins. *Rondonópolis, MT: um entroncamento de mão única*. S.Paulo. UFMT, 1993, p. 251.

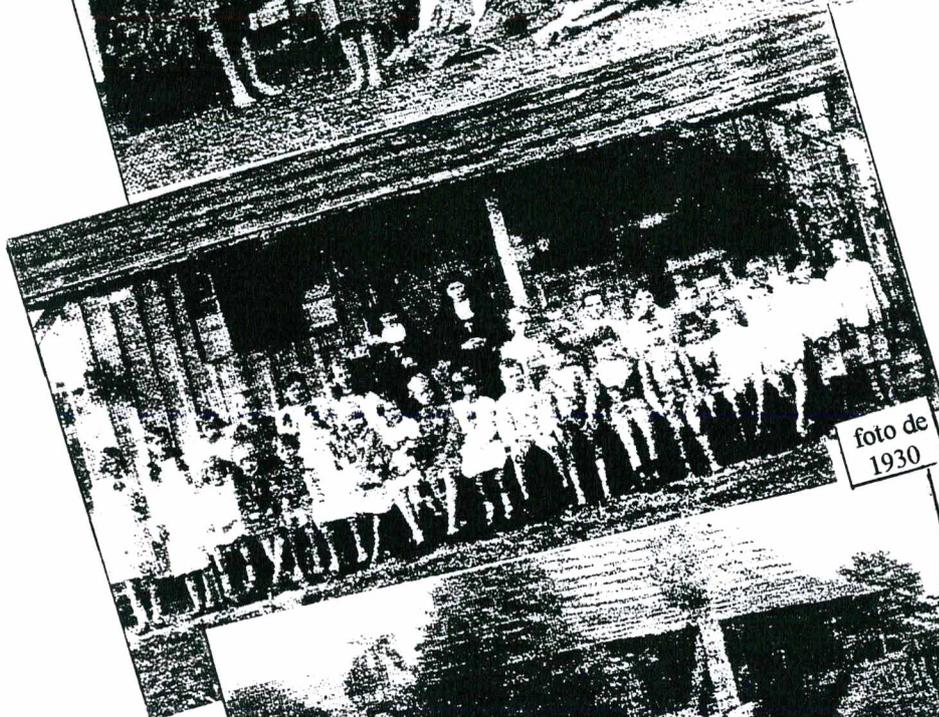
²⁴³. VOLPATO, Terezinha Gascho. Depoimento já citado. A.A.

²⁴⁴. GHIGGI, Zefira. Religiosa da Congregação. Informação colhida em entrevista realizada na data de 17 de maio de 1997.

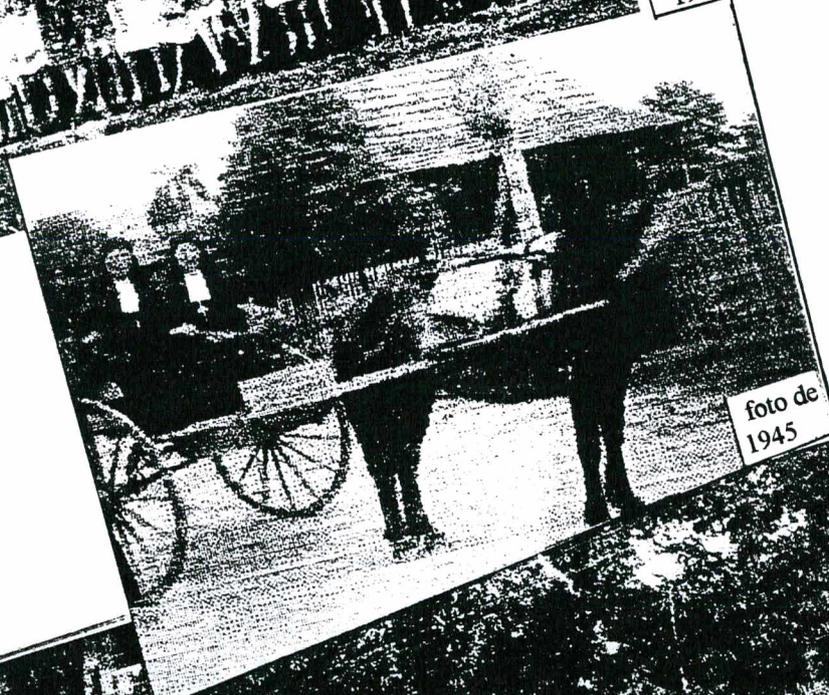
Ações do cotidiano



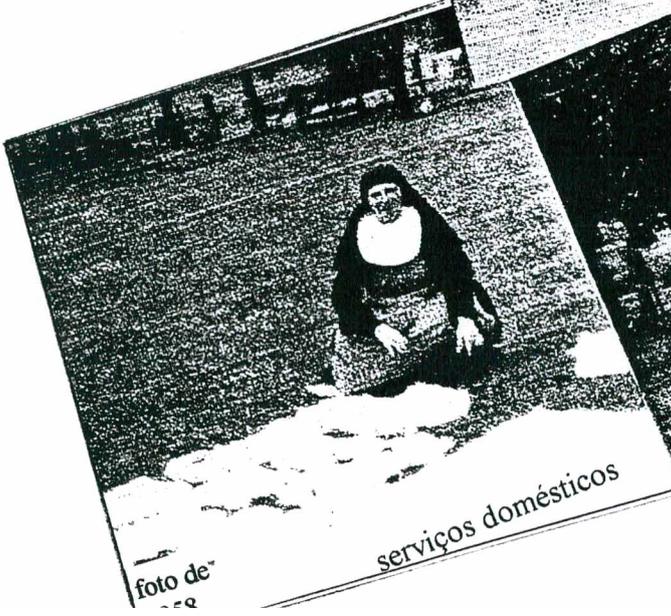
Educação



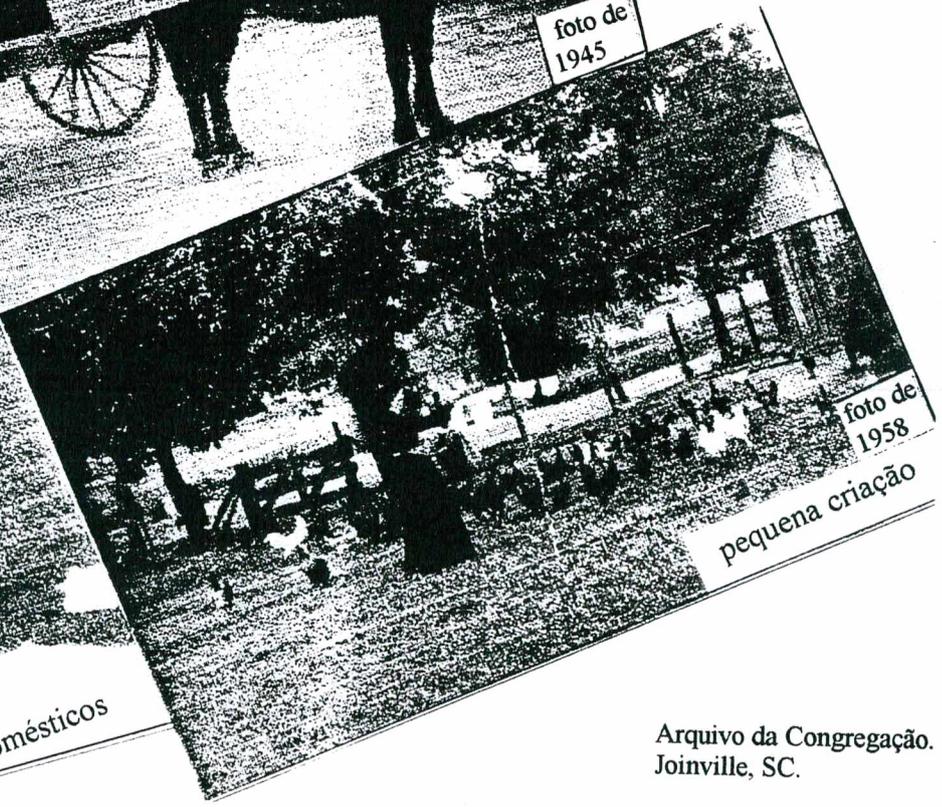
catequese



viagens



serviços domésticos



pequena criação

chamava a atenção desde o ambiente que cercava a pequena casa onde moravam, sempre com jardim e horta bem cuidados. Contou-me uma das irmãs entrevistadas:

“As irmãs chegaram em nossa comunidade, montadas em cavalos e acompanhadas por um frade franciscano. Foi uma festa! Tocou o sino da capela e foguetes anunciaram a chegada delas. Duas irmãs jovens, muito humildes e simples, com o sorriso delas cativaram o povo desde a primeira hora... Elas logo fizeram uma horta e jardim e o povo parava para olhar e admirar a pequena casa, das irmãs que fazia com a escola uma coisa só. A gente parava mesmo que não enxergasse nenhuma irmã. Parava para olhar pra casa delas, para admirar o jardim sempre cheio de flores... E se a gente tivesse a graça de ver uma irmã olhando pela janela, então era uma alegria muito grande. Irmã Ida olhava pela janela. E a gente chegava em casa e contava para os pais: eu vi a irmã olhando pela janela. Ela abanou pra mim. Era uma alegria muito grande. Elas abanavam também para o povo”²⁴⁵.

Só para quem conhecia bem as reservas que havia nas constituições da vida religiosa com relação ao trato com pessoas estranhas, pode avaliar o que significava as Irmãs Catequistas, só duas, andarem a cavalo acompanhadas de um homem, o frade, pelos caminhos que mais eram picadas que estradas, no interior do que já era interior de Santa Catarina. E ainda mais, ficar debruçada na janela para olhar quem passava e abanar para os transuntes! Isto era demais! É claro que com esta forma de ser causava estranheza e revelava os preconceitos em torno da figura dessas mulheres. Como podiam ser religiosas fugindo tanto à secular práxis vivida pelas congregações? Como ostentar o título de “esposa de Cristo” que a tradição conservava cuidada, preservada da corrupção do século, no interior do claustro?

As Catequistas nunca disseram: “nós não somos religiosas”. Na verdade, não mentiam. Eram religiosas, pois tinham se consagrado a Deus para o serviço da missão na

²⁴⁵. GHIGGI, Zefira. Entrevista citada.

escola e catequese. Os votos são meios e enquanto tais significavam menos que o serviço tão necessário. O importante era que o povo fosse o beneficiado. A vida, de si, tem precedência sobre as normas. Por isso, mesmo o inusitado acontecia²⁴⁶.

AS CATEQUISTAS E A TENSÃO ENTRE O DESEJO E A LEI

Na arquitetura das cidades o convento era quase um ícone sagrado na paisagem citadina. Era um monumento ao transcendente. Estava plantado na paisagem do lugar e na sua mudez eloqüente cumpria o papel de recordar ao homem que “as coisas deste mundo passam”. Este ícone foge aos olhos dos que transitam pelo interior da paróquia de Rodeio e das paróquias dos municípios vizinhos e no interior do Estado onde moravam as Catequistas. Isto porque a casa delas não se distingue da casa do povo, a não ser pelas cortinas brancas de tecido de algodão, que cobriam a metade inferior das janelas. Na cidade, se a religiosa sai às ruas, não fica despercebida sua passagem. Instintivamente no imaginário do povo, a freira qual vulto sagrado, tem a força de um feedback para repensar as relações com o divino, com o sagrado. Evoca respeito, chama atenção, pode até fazer mudar o rumo da conversa. Passa a ser um sinal que referenda outra dimensão do tempo. Nas comunidades rurais, a vida humilde, simples e pobre das Catequistas não tem essa força emblemática junto ao povo. A Catequista deixa a vida fluir normalmente. E seu modo de proceder e de viver a vida consagrada, sem convento, sem clausura, no meio do povo, questiona a representação simbólica da vida de perfeição.

²⁴⁶. N. N. era postulante na Companhia. Faltou uma “mestra” numa escola do interior de Rodeio. A postulante foi chamada, vestida com o hábito de Catequista e enviada para a comunidade. Assim ficou durante dois anos com o hábito de “Catequista”, servindo a comunidade. (Cf. GIOVANELLA, Elza. Entrevista citada) Neste caso, realmente, vale o adágio popular: “O hábito não faz o monge”.

Como ser freira sem praticamente nada do que sempre identificou exteriormente a vida consagrada? Como viver o “caminho da perfeição” tal desvinculamento do poder e das obras de grande porte? Como o insignificamente pequeno poderia ser significativo para o que era considerado grande, santo, perfeito?

Duas a duas! Poderia a Igreja aceitar como do “Espírito” uma formação comunitária tão rudimentar, construindo relações não só novas e diferentes, muitas vezes primárias, vividas no meio dos humildes e pobres, com os pequenos e simples? Como a Igreja poderia assumir a novidade que despontava e crescia rapidamente sem levar muito em conta a maneira que ela tinha de autocompreender-se, de situar-se na história e interpretá-la, de organizar a vida segundo os cânones e códigos da linguagem institucional e suas normas? Era difícil porque

“a estrutura pragmática da vida cotidiana tem conseqüências mais problemáticas quando se coloca em jogo a orientação na relações sociais. Na maioria das vezes, embora decerto nem sempre, o homem costuma orientar-se num complexo social dado através das normas... No maior número de casos, é precisamente a assimilação dessas normas que lhe garantem o êxito”²⁴⁷,

e na vida das Catequistas, ao menos no começo as normas eram não somente poucas mas ainda leves e simples. Procedentes no início, todas elas de famílias de colonos, continuaram na Companhia o mesmo estilo de vida que viviam em casa. Tudo era extremamente familiar. A vida simples das Mestras como que retirava protocolos, derrubava mitos, descortinava horizontes, e a transparência da vida vivida no meio do povo desmitificava os tabus da organização secular da chamada “vida de perfeição”. A

²⁴⁷. HELLER, Agnes. Op. cit., p. 46.

Catequista faz a vida consagrada apresentar-se com outro modelo. Outro espaço, outra forma e estilo, novos caminhos. Com outra linguagem vão colocar o leigo mais perto do “mistério” e começam a transitar interrogações que pedem teorias novas para práticas também renovadas. Todavia, no imaginário religioso da época, falta à rotina das Mestras a força simbólica para sustentar sinais escatológicos. A vida, o cotidiano das Catequistas era algo doméstico demais para indicar perfeição e santidade, demais familiar para ser sinal do transcendente, simples demais para ser perfeita. Identificadas como as “professoras”, as “Maestras”, disponíveis a qualquer tipo de trabalho, teriam elas a força, o poder de manifestar o essencial, o permanente e sinalizar algo especial? Por outro lado, as próprias Catequistas se questionavam e eram questionadas. Teriam elas a força de sustentar o novo jeito de viver a vida religiosa? A luta entre o novo e o velho, entre o instituinte e o instituído, sorrateiramente vai lançando investidas contra o sonho. E os passos lentamente levam o grupo a se organizar conforme os velhos cânones.

A Igreja que sempre teve a vida religiosa como fato eclesial, como complemento quase indispensável a seu corpo social, entende que essa vida religiosa deva manter-se dentro das estruturas normativas que ela mesma, Igreja, estabeleceu. Por isso, por sua “lei” vai assumindo e institucionalizando o sonho, interferindo no desejo, dissolvendo a utopia. E as Catequistas vão se integrando ao “modelo” quase milenar.

Os novos sujeitos da cotidianidade que Polycarpo pensara eram, na verdade, uma contradefinição da validade dos sujeitos conhecidos e aprovados para o agir da Santa Madre Igreja. Ela, através dos pastores encarregados do cuidado do rebanho e da tutela das instituições femininas, devia velar para que o caminho respeitasse os passos do que se considerava o ortodoxo. A Catequista que inventava seu caminho e recriava a partir da originalidade a nova experiência de vida religiosa, necessitava do limite de um berço para

dar-lhe segurança. Faltava a moldura ao quadro. Nesse afã de dar segurança institucional e emoldurar uma forma de vida que corria mais livre, os passos foram se fazendo.

O primeiro passo, talvez tenha sido o dado pelo próprio fundador, quando, seguindo as normas, apresentou o grupo de seis membros a Dom Joaquim Domingues de Oliveira, então bispo da diocese à qual pertencia Rodeio. Ele as apresentou **sem hábito, sem convento, sem obras e sem constituições**, mas com **objetivos, metas e missão**.

O bispo que conhecia bem os cânones, certamente inspirado, considerou aquela forma de vida consagrada um tanto insólita, mas aprovou-a e tanto a aprovou que deu nomes: “Catequistas” e “Companhia das Catequistas”. Não exigiu nada mais, nem mesmo um vínculo mais estável que o da pertença à Terceira Ordem Franciscana, o que para o momento lhe pareceu suficiente.

Em 1926, o sucessor de Frei Polycarpo, Frei Bruno Linden, após alguma resistência, resolveu assumir a orientação das Catequistas, porém, exigiu um Regulamento escrito.

Três anos depois, novo passo. Se as Catequistas levavam vida semelhante à das demais religiosas: a vida comunitária (embora fossem só duas), a total dedicação ao apostolado, a entrega completa do tempo, dos talentos, dos dons com todas as potencialidades e capacidade de relações ao serviço da missão, por que o traje leigo? Por que não vestir-se de forma adequada à vida que levavam? E Frei Bruno não hesitou. Falou com Dom Joaquim, mandou fazer um modelo que agradou ao bispo e que as Catequistas passaram a vestir até com alegria, mas na inconsciência de seu significado em relação à

forma de vida idealizada por Polycarpo. E Polycarpo não gostou. Num desabafo teria dito: “*Oh! não são mais as minhas! Não era isso que eu queria*”²⁴⁸.

Os fatos evoluíram. Em 1929/1930, o novo bispo de Joinville, Dom Pio de Freitas²⁴⁹, encontra na diocese um grupo já significativo de Catequistas, cujas bases de sustentação eram totalmente frágeis. Sem demora comunicou o fato a Roma, com a intenção de erigir canonicamente a Companhia, dando-lhe maior estabilidade o que fez a 19.07.1935. A partir das novas Constituições, elaboradas pelo próprio Dom Pio, as Catequistas passaram a vincular-se mais estreitamente à Companhia pela emissão dos assim chamados conselhos evangélicos, por meio de promessas.

O grupo cresceu e ampliou o raio geográfico de ação, estabelecendo-se em comunidades cada vez mais distantes do olhar supervisor dos superiores. As Constituições diziam muito mas não tudo. Com o objetivo de aprimorar a formação para a vida exigente “nos ermos”, Frei Bruno, ainda ele, “escreveu um costumeiro”, o USUAL, que estabelecia normas pormenorizadas para os diversos aspectos do cotidiano das Catequistas. Elas tomaram conhecimento da novidade, nas férias de verão de 1940/1941.

A caminhada porém, não parou aí e não demorou o aparecimento de outro problema que viria modificar na raiz a vida das Catequistas. Por falta de meios e condições para os estudos sistemáticos, as Catequistas, autodidatas, chegaram a informar-se sobre a diferença que havia entre fazer promessas e emitir votos: as promessas não lhes conferiam o status de religiosa e sem eles se perderiam grandes méritos²⁵⁰. Aos poucos, também os

²⁴⁸. Frase pronunciada por Frei Polycarpo quando, em 1930, duas Catequistas, de hábito religioso, foram se apresentar a ele no convento franciscano, em Porto União, para mostrar como ficara a nova roupa que agora todas vestiam.

²⁴⁹. Em 17 de janeiro de 1927 o bispado de Florianópolis foi elevado à categoria de arcebispado e pela bula “Inter Praecipuas” foi criada a diocese de Joinville, desmembrada do território da arquidiocese de Florianópolis. O primeiro bispo foi Dom Pio de Freitas que assume a diocese em 1929 até 1955.

²⁵⁰. Cf. VALANDRO, Ede Maria. *Em Resposta ao Clamor do Povo*. Op. cit., p. 185.

sacerdotes começaram injustamente a excitar os brios com vara curta: “*Afinal, vocês são apenas solteironas vestidas de freiras*”. Ou ainda, “*Vocês não são nem carne e nem peixe*”²⁵¹. Elas, deixadas a si mesmas, na falta dos conhecimentos que não tinham nem pelos livros que não possuíam, nem da parte de quem as havia assim instituído, dos quais teria bastado umas poucas palavras para dizer-lhes o que eram no seio do Povo de Deus, não resistiram à pressão.

As Catequistas, sentiam-se vítimas de preconceitos que as deixavam marginalizadas. Embora o aspecto da particularidade individual, da “singularidade” de ser Catequista, de ser do “povo”, satisfizesse as motivações no que se referia a si mesmas, pacificando as próprias necessidades, sentiam que, como parte orgânica da sociedade, da Igreja, principalmente quando se comparavam às freiras, algo lhes faltava²⁵². Sem missa e sem votos, sem conventos e sem obras, sem status e sem méritos, dão-se conta que a segurança e a precedência que tinham as outras religiosas, não lhes pertenciam. O preconceito da não-santidade, da não-perfeição, do não jurídico-canônico as inquietava e elas mesmas buscavam algo que as tirasse da incômoda situação, elevasse à condição de religiosas, uma vez que como tais viviam. E as Catequistas querem ser freiras. Querem se livrar do preconceito religioso e social (solteironas), do preconceito de grupo, do “elo que mediatiza a racionalização do sentimento preconceituoso”²⁵³. A “mão” que Dom Pio dera fora boa, mas não suficiente. E elas solicitaram a Santa Sé a autorização para serem

²⁵¹. VALANDRO, Ede Maria. *Idibem*, p. 274.

A expressão “Nem carne e nem peixe”, também foi ouvida por mim. Lembro-me bem, era noviça (1958), e o então diretor da congregação, Frei Taciano Stenzel, em conferência dada na capela, em Rodeio tratou do assunto. O objetivo era tranquilizar as Catequistas porque a expressão causava mal estar e até indignação em muitas. Não ser carne nem peixe era, no caso, não ser religiosa e nem leiga.

²⁵². Conf. HELLER, Agnes. *Op. cit.*, p. 47.

²⁵³. *Ibid.*, p. 56.

constituídas em congregação religiosa propriamente dita e, com isto, a possibilidade de emitirem votos.

Da mesma forma, enquanto solicitava a Roma o título de instituto religioso, a congregação, que vivera o espírito franciscano desde as origens, pedia também ao Ministro Geral da Primeira Ordem²⁵⁴ que a reconhecesse oficialmente como franciscanas, o que lhes foi concedido em 1958. A partir de então, o grupo adotou o nome de **Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas** e passou a usar cordão e coroa franciscana na cintura.

Portando o título de franciscanas e emitindo os votos - o que elas fizeram a partir dos inícios de 1964 - podiam dizer: **“Agora, sim! Somos religiosas!”**

A passagem das promessas para os votos foi tranqüila. Além dos fatos acima expostos, outros dois fatores explicam.

1. Desde 1946 para ajudar a formação a congregação havia adotado o Catecismo da Perfeição Cristã que tratava da doutrina da vida religiosa. Aliás, toda literatura sobre o assunto relacionava-o com os votos. Não havia uma doutrina da vida religiosa para “promessas”, compromisso feito pelas Catequistas. Assim, no ano do noviciado, que preparava a moça para ser Catequista, toda formação específica sobre a vida consagrada era baseada na forma de vida de quem fazia votos. As Catequistas estavam, portanto, familiarizadas com o assunto. Na verdade, fazer votos era apenas sair de uma dicotomia teórica, pois na prática elas viviam como se os tivessem emitido²⁵⁵.

²⁵⁴. São Francisco fundou três ordens. A Primeira Ordem - para os frades, religiosos celibatários que podiam ser sacerdotes ou simplesmente irmãos; a Segunda Ordem - Irmãs Clarissas, para mulheres celibatárias, de vida contemplativa; a Terceira Ordem - para leigos, homens e mulheres, casados ou solteiros. Estas Ordens deram origem a muitas famílias religiosas, identificadas com o carisma e a espiritualidade de Francisco e Clara de Assis.

²⁵⁵. Havia muitas Catequistas que tinham emitido votos em caráter particular, a conselho do confessor e com o conhecimento da superiora o que era previsto pelas Constituições de 1935.

2. A Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB - fundada em 1954, começou a reunir os religiosos do Brasil tratando a todos de forma igual e com a mesma formação para todos. E as Catequistas também participavam dessas programações. A CRB conhecia e reconhecia os estágios do processo das fundações e respeitava a caminhada de cada família religiosa. Mas o fato é que a participação nos eventos preparados para a vida religiosa e tudo o que passou a envolver as Catequistas, foi formando e fazendo a cabeça e elas buscavam equiparar-se canônica e juridicamente às outras tantas e sair da anormalidade.

Agora contentes por serem religiosas, gozando dos mesmos direitos que as freiras de outras congregações satisfeitas por fazerem parte da forma pensada como modelo quase único e universalizado de viver a vida religiosa dão-se conta que, mesmo os elementos comuns não podem ser vividos na uniformidade. As Catequistas não podem prescindir do contexto onde vivem e dos objetivos para os quais existem. Agora, a uniformidade que as incluía a um denominador comum as questionava. O Concílio as desperta para o objetivo fundacional e a forma que lhes fora dada no início. Começam a questionar suas raízes simples e a necessidade de voltar às próprias origens. Começa a avolumar-se dentro delas a percepção de certas contradições. A memória do passado começa a ser recordada e, no retercer a lembrança do vivido, a interrogação intrigante apelando para a fidelidade criativa incomoda. No fluxograma do caminho, parece que algo muito original teve a trajetória cortada.

A conformação com o modelo não as estava afastando do ideal fundacional? Não quisera Polycarpo, prescindindo de qualquer imitação, dar-lhes forma nova e original? As primeiras não se consagraram a Deus para oferecer serviço ao povo? Ao povo, não de longe e nem de fora no “além-fronteiras” mas para serem missionárias no interior dos lugarejos onde também elas haviam nascido? Não deveriam continuar servindo ao povo vivendo no

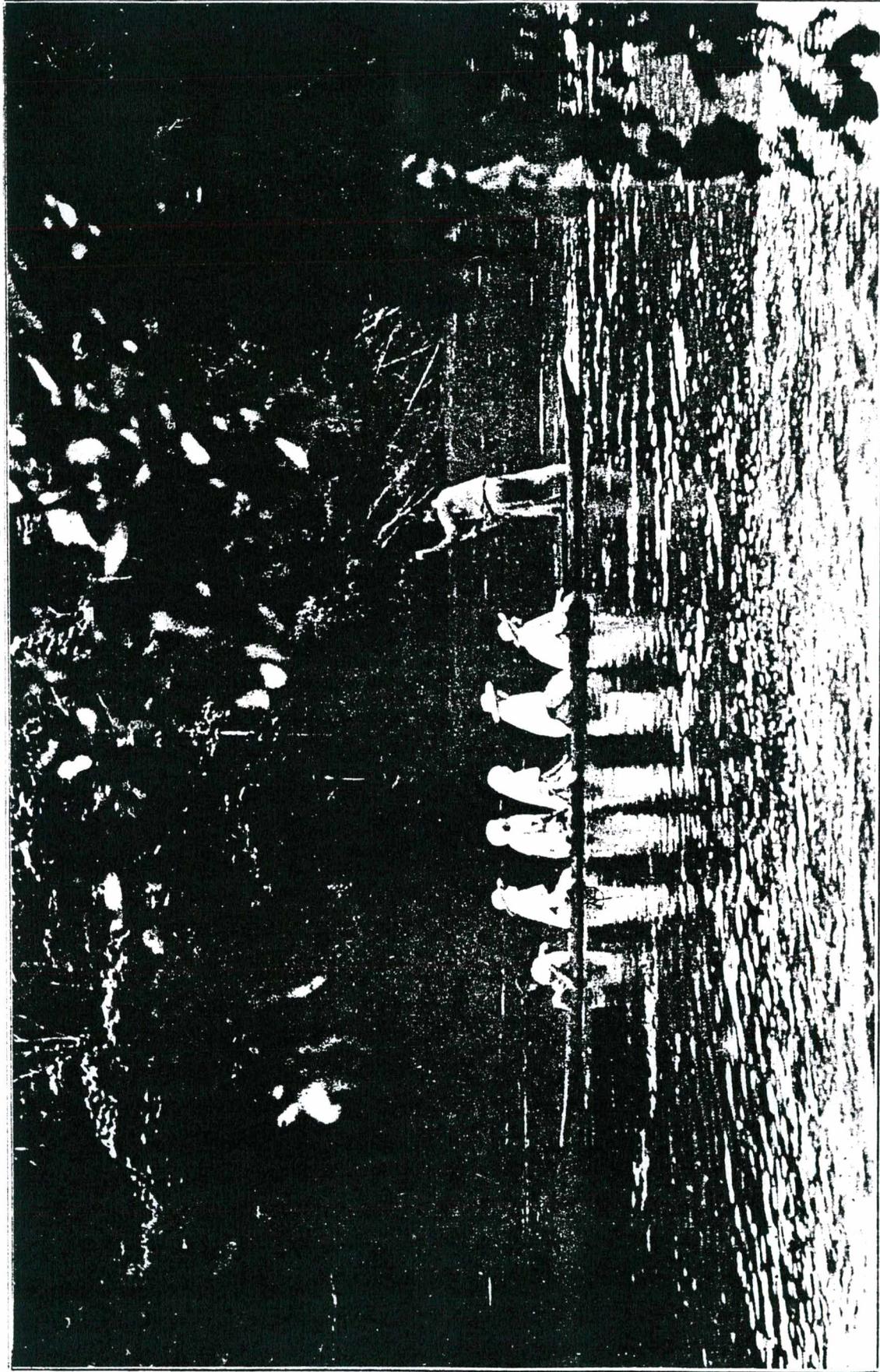
meio dele, com ele e como ele, na forma que o fundador havia pensado, respondendo solícitas às suas necessidades? Estariam ainda escutando o clamor do povo? Do povo que seria sempre o sujeito a recordar a inspiração fundacional e a manter viva, fiel e operante a resposta aos chamados de 1913 e 1914, ao propósito de 1915?

Este primeiro ideal que marcara presença e determinara o modo específico de estar no meio do povo simples, deverá ser o selo de reconhecimento da fidelidade à inspiração fundacional da Companhia das Catequistas. A memória da Companhia “*não se pode viver de costas para o povo*”²⁵⁶. E a ela, à memória, se juntam os escritos e os registros conservados, os debates feitos nos estudos, as interrogações nos encontros e conversas informais que ajudam a tornar presente um passado que lhes parece atual e no qual está o futuro da vida religiosa.

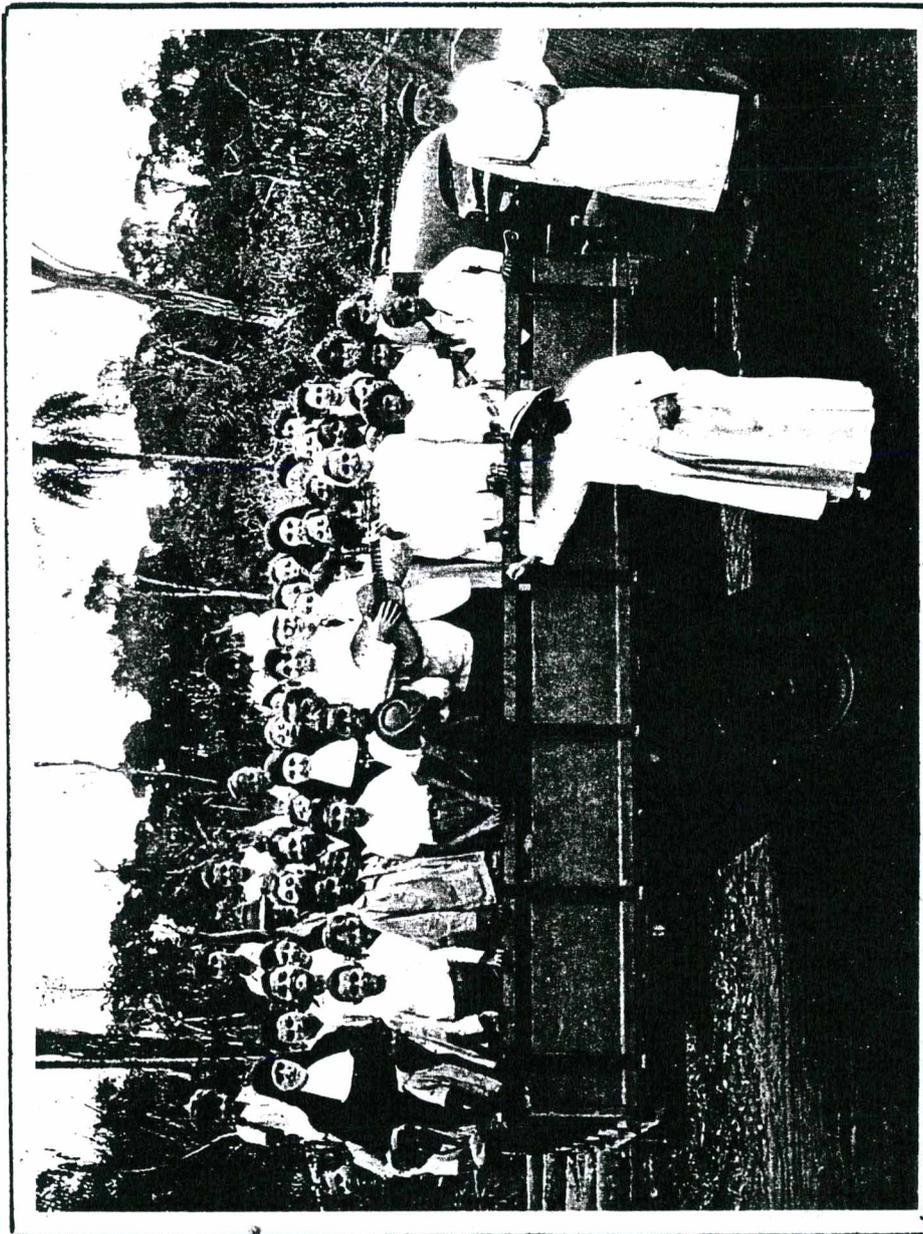
Será que as propostas conciliares, puderam, de fato ser confirmadas como algo já vivido no caminho das Catequistas? Vejamos.

²⁵⁶. WARMELING, Dom Gregório. Homilia na celebração dos 75 anos de fundação. Fita-vídeo. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

CENAS DO COTIDIANO DAS IRMÁS CATEQUISTAS



Em rudimentares canoas, fazendo suas viagens para visitar as aldeias. São cinco filhas de Santa Catarina, missionárias no Mato Grosso. Foto de 1951. Arquivo da Sede Provincial, Rondonópolis, MT.



Passeio das irmãs com os alunos de Fátima de São Lourenço para Rondonópolis, MT.
(No caminhão as irmãs com os alunos e o senhor José Tripé, conhecido como Índio Branco, com seu violão Na porta do caminhão, Dom Wumbaldo; em terra, o missionário Frei Canuto. foto de 1951).

III CAPÍTULO

RENOVAÇÃO CONCILIAR - CONFIRMAÇÃO DO VIVIDO

O Concílio Vaticano II - como já foi exposto no final do primeiro capítulo - foi convocado para renovar a Igreja e torná-la mais acessível aos homens de hoje. Desde o discurso de abertura, o Papa falou uma linguagem cheia de esperança e apresentou a Assembléia Conciliar como um evento a tornar a Igreja presente ao mundo e sua mensagem sensível à razão e ao coração do homem engajado na revolução técnico-científica do século XX. Sem essa renovação seria difícil acompanhar os tempos e encontrar os homens e mulheres para os quais ela desejava ser luz. Para a Igreja era um desafio e questão de vida ou de morte.

Nas discussões que o Concílio levantava sobre a realidade, a Igreja se propunha a acolher e assumir as questões da encarnação nas mais diversas culturas – inculturação - apostando na unidade vivida na diversidade, a comunhão no respeito às diferenças, a participação na pluralidade de novas formas de expressão. Formulou assim, para toda Igreja uma nova eclesiologia: frente à eclesiologia triunfalista, proclamou uma Igreja servidora da humanidade (G.S. 40-45); frente a uma Igreja clerical, o Vaticano introduz o conceito bíblico de **Povo de Deus**, povo de batizados, onde se inscreve também a hierarquia. Busca nova metodologia pastoral, nova linguagem de comunicação, no diálogo, na comunhão, na igualdade de irmãos pondo fim à autocompreensão eclesial que se absolutizava a si mesma, mas pede a humildade de aprender com os outros e exige a inserção, a encarnação histórica nas *“alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos*

*homens de hoje*²⁵⁷. A eclesiologia voltou a dar espaço à história e a viver o evangelho que pedia a escuta e análise da realidade, particularmente onde havia sofrimento e a ter coragem para revitalizar *“a liberdade criativa que tinha sido afogada pelo ritualismo, moralismo, dogmatismo, autoritarismo, juridicismo esterilizante”*²⁵⁸.

Como para o conjunto da Igreja, o Concílio foi também para a vida religiosa referencial e ponto de partida para uma grande e profunda renovação. Tratou da vida consagrada especialmente na *Lumen Gentium* (Cap. VI: n.º 45 - 47) e no *Perfectae Caritatis*, decreto especificamente emitido para a vida consagrada. Chamou a atenção para o retorno às fontes e incentivou a redescoberta dos carismas fundacionais, fazendo com que a renovação se processasse a partir do encontro fecundo com as próprias origens e desse resposta adequada aos anseios e imperativos da modernidade.

A renovação solicitada exigia que toda experiência religiosa espiritual, os votos, a vida comunitária e a missão, estivessem articulados e em sintonia com a nova época. O desejo do Concílio era ser uma resposta capaz de atender às solicitações dos novos paradigmas. A mudança de época apontava para novos objetivos. O pluralismo e abertura dos tempos pedia revisão das relações dos membros das comunidades religiosas entre si, destas com o mundo e sua diversidade e entre homens e mulheres. Essas exigências questionaram o estilo de vida comunitária, a formação, a compreensão dos votos, o serviço apostólico e as relações de poder. Para muitas congregações, províncias e comunidades religiosas as respostas exigiam rupturas em suas estruturas e organização, com verdadeiras

²⁵⁷. GAUDIUM M et SPES. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. 1.

²⁵⁸. LIBÂNIO, João Batista. *Medellin, trinta anos depois*. In. “Convergência”, 33 (311), abr/1998, p. 152.

reviravoltas em sua ação pastoral e mais ainda em sua cotidianidade interna.

As exigências conciliares propunham criar marcas indeléveis na visibilidade da vida religiosa como sejam: na concepção e exercício da autoridade, na busca de novo estilo de vida comunitária, na elaboração de novos programas e modelos de formação, no deslocamento progressivo dos religiosos para uma vida de inserção no meio dos pobres.

Assim, o Concílio chega com sabor de novidade, mas dando um salto por cima de quinze séculos de tradição. Ele põe em xeque a figura histórica de “estado de perfeição”, ao afirmar que “todos os fiéis”, seja qual for o qualquer estado ou regime de vida, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade e termina com a convicção vigente na Igreja desde o século V de que havia duas categorias de cristãos: *uma inferior formada pelos leigos e outra superior formada pelos religiosos*²⁵⁹, mentalidade esta consagrada em carta do Papa Urbano II, no final do século XI (1092) que afirmava:

*“Há duas classes de vida na Igreja: uma que é inferior, a dos frágeis que caminham na planície, que usam os bens da terra e contentam-se em redimir seus pecados com lágrimas e esmolas; e a outra que é superior, a dos fortes que ascendem aos cumes da perfeição e adquirem méritos eternos com sua oração ardente de cada dia”*²⁶⁰.

Agora a Igreja afirma que a santidade não é privilégio de uns poucos que se consagram a Deus pela profissão dos conselhos evangélicos, mas de todo o Povo de Deus (Conf. L.G. 40). Talvez, para os religiosos uma das maiores novidades do Concílio tenha sido proclamar esta igualdade depois de tantos séculos, e a vida religiosa ter-se acreditado uma categoria superior. E, não foi fácil chegar à coerência com esta novidade que lhes

²⁵⁹. PALMÊS, Carlos. *Batismo e seguimento peculiar de Cristo*. In: “Convergência”, 32 (307), nov./97, p. 546.

²⁶⁰. *Ibid.*

derrubava privilégios transcendentais, que sacudia os alicerces de uma compreensão milenar.

Nos princípios gerais da atualização que

“compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de toda vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos”²⁶¹,

a Igreja deseja chegar junto ao povo e espera que a vida religiosa faça seu “aggiornamento” para que os religiosos não sejam sinais anacrônicos no mundo que evolui. Por essa razão, o Concílio pede que

“as constituições, os diretórios, os livros de usos, de orações e de cerimônias, bem como outros códigos da mesma ordem, sejam convenientemente revistos e adaptados aos documentos deste Santo Sínodo, suprimindo-se as prescrições obsoletas”²⁶².

Um dos fatores que forçou ou apressou os efeitos do Concílio sobre a vida religiosa foi o fato de ter ele fixado um tempo de três anos para iniciar o processo de renovação: retorno às fontes e à inspiração primigênia dos institutos e sua adaptação aos tempos.

Embora as solicitações parecessem inocentes, elas desencadearam verdadeira revolução. Revolução que afetou principalmente a vida religiosa ativa. Na verdade, ela tinha suas raízes na fontes da vida cristã, mas o Código de Direito Canônico a mantinha num estilo de vida pesadamente institucionalizado e com estruturas que não davam espaço à originalidade peculiar de cada congregação, como foi exposto no primeiro capítulo desse trabalho. Agora, as novas necessidades surgidas durante os séculos XIX e XX pediam

²⁶¹. Decreto *Perfectae Caritatis*. Op. cit., 2.

²⁶². Id., 3.

flexibilidade e adaptação e a evolução histórica exigia mudanças. Essas mudanças, seguramente teriam acontecido sem o Concílio, porque também entre congregações religiosas algumas haviam percebido que o passo e o ritmo deveriam ser mudados se quisessem acompanhar o caminhar da história. Mas ele veio apressar os fatos: desatou o nó que prendia o barco da vida religiosa um tanto à margem do mundo, levantou as âncoras que asseguravam a tranqüilidade. O Concílio estabeleceu a obrigação de renovação e entregou a liberdade de fazê-la às próprias congregações sem imaginar até onde isto poderia chegar e menos ainda como seria feita.

A adaptação, atualização e renovação exigiu de todos os membros dos institutos religiosos muita reflexão e estudos para chegar a discernimentos que as fizessem estar em consonância com os apelos do Concílio e aos princípios básicos de suas congregações.

No cumprimento dessas solicitações, ninguém podia duvidar da vontade e disponibilidade das religiosas em buscar novos caminhos, mas nada ajudava a clarear os horizontes. É importante acrescentar que para a vida religiosa feminina somavam-se às novidades do Concílio - como assunto não periférico mas questão de base - a emergência da mulher como pessoa revestida de uma missão e responsabilidade próprias, com direitos inalienáveis e que deviam ser respeitados. Ela começava a ser vista com dignidade igual à do homem e não mais como a “eva” a indutora ao pecado e cuja formação era feita em função do homem no matrimônio e ditada pelos homens na vida religiosa. Esta compreensão fizera muitas mulheres “duras” ou melhor, aparentemente “duras”, insensíveis, amparadas por uma teologia do desterro, da queda (*exilados filhos de Eva..*) Também eram paralelas ao Concílio as idéias que tratavam da complementaridade entre homem e mulher e toda uma política de formação profissional, melhor, da

profissionalização. Todos esses fatos abriam caminho para a busca de uma identidade pessoal e o cuidado com a subjetividade.

A renovação e adaptação devia ser concreta e prática e afetava o modo de vida, de trabalho, de oração, de organização e governo, de formação e também dos aspectos externos mais visíveis aos olhos do mundo, como sejam o hábito, as obras e as moradas. As exigências pediam, portanto, uma revisão global da forma e estilo de vida, mas, mais ainda, da nova compreensão emergente dessa vida chamada de perfeição. Para esta última principalmente, as religiosas não estavam preparadas, não havia modelos nos quais se espelhar porque não havia precedentes. Tudo era novo e renovar a vida religiosa era mexer em questões de tal modo vitais que tornava a tarefa senão impossível, ao menos muito difícil.

Tudo isso mudou de tal forma a compreensão da cotidianidade que para a vida religiosa em geral, houve certamente um “antes” e um “depois” do Concílio. Não um antes e depois necessariamente cronológico. Nem tão pouco, igual para todos, uma vez que o “abrir dos olhos” para a realidade do mundo não se fez por mágica no dia em que João XXIII convocou o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica e pediu que se abrissem as janelas para entrar um vento novo. Assim, havia congregações que viviam um “depois” já antes, e as que, mesmo muito depois, continuaram e continuam no “antes”²⁶³.

A vida religiosa no “antes” do Concílio, era prioritariamente, um “em-si-teologal”. O centro era o “em-si” e por ele se deixava reger a vida comunitária e a missão. O primado do absoluto de Deus configurava a consagração e a partir deste primado tudo se entendia. Fechada e sacral como o era a Igreja Hierárquica, o contorno religioso da

²⁶³. Cf. LIBÂNIO, J. Batista. *As grandes rupturas socioculturais e eclesiais*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 40.

vida consagrada era normatizado e delimitado objetivamente, tanto quanto possível, por constituições, regras, prescrições, além de conselhos, orientações, exercícios de piedade que pertenciam praticamente a todas as congregações. Muitas dessas medidas haviam tomado corpo prescritivo através do Código do Direito Canônico e outros instrumentos jurídicos e passaram a fazer parte de todos os institutos de vida consagrada.²⁶⁴ O Vaticano II, com a ordem de “aggiornamento” pediu revisão crítica e objetiva da própria situação. Mas as religiosas não estavam preparadas para isso. Faltava-lhes mesmo a preparação teológica e jurídica. E o tempo urgia. O Concílio havia dado prazo e esta exigência foi importante e de certo modo decisiva.

Sem ter onde se espelhar, a vida religiosa assumiu com coragem surpreendente a renovação. Algumas congregações iniciaram pelo aparentemente mais fácil e mais visível, mas talvez o mais polêmico - a mudança de hábito. Este fato, em si secundário, gerou sofrimentos e crises no interior e no profundo da vida religiosa. Durante um período de três anos, praticamente todos os institutos realizaram seus capítulos gerais especiais para tratar da renovação e da tarefa de dar resposta ao pedido da Igreja.

“Foi um movimento de alcance massivo e mundial que atingiu quase um milhão de religiosas e que somente pode se tornar realidade pelo mandato da Igreja”²⁶⁵.

Com muita boa vontade as religiosas procuraram responder ao que acolheram como chamado da Igreja, mas o empreendimento se constituiu também numa travessia desconcertante para muitas religiosas, congregações e até para a própria Igreja e para o

²⁶⁴. Ibid., p. 42.

²⁶⁵. LINSKOTT, Mary. *La situación de la religiosa en la Iglesia a partir del Concilio Vaticano II*. In “Testimonio”, (113), maio-junho, 1989, p. 58.

povo a quem as congregações serviam. Costumes e práticas que eram mais culturais que religiosas, observâncias que garantiam a uniformidade, tradições que se repetiam por estarem presas a estruturas, modo de viver e vestir significativos no tempo da fundação, podiam se constituir em carga pesada, mas davam segurança. Como deixar os costumes e tradições sem o medo de abandonar com eles o “espírito” que alimentava a vida, os valores que acalentavam o coração, as certezas que conduziam os passos e cujo resultado estava selado como positivo, como verdadeiro, nas “santas irmãs” que tinham alcançado a glória dos altares?

O Concílio mexeu não só com estruturas, obras, constituições, mas também com a identidade, com o subjetivo dos membros das congregações. Foi necessário redescobrir na própria vida o carisma da congregação e, no testemunho de uma vida realizada e feliz, dar resposta atualizada ao mundo. Era igualmente necessário aceitar as novas descobertas das ciências, principalmente da antropologia e psicologia, o valor da subjetividade, das necessidades humanas a serem respeitadas e cultivadas. Pediu a vivência da liberdade como resposta aos anseios das irmãs enquanto pessoas, mulheres e não apenas religiosas.

A formação se centrou na pessoa, nas relações, na comunidade. Os grandes conventos com 30, 50, 70 e até 100 membros começaram a se dividir em duas, três e mais comunidades para atender às necessidades das religiosas enquanto pessoas. Estas comunidades passaram a ser compreendidas mais como comunidades apostólicas e missionárias. O “sinal” já não era tanto o grande convento e as obras que ele mantinha. O “sinal” para o povo passou a ser as “pessoas-testemunho”²⁶⁶ vivendo em comunidades

²⁶⁶. BOFF, Leonardo. *Nova evangelização. Perspectiva dos oprimidos*. Fortaleza: Ed. Vozes, 1990, p. 225

inseridas no meio dos pobres, dos simples, nas periferias e fronteiras. Sem abandonar as obras tradicionais, abriram-se outras oportunidades para as religiosas e houve como que uma corrida para serviços e tarefas mais evangelizadoras, apostólicas e ecumênicas, principalmente entre as religiosas mais jovens. Passou-se do pensar somente nas próprias obras, para as necessidades do **Povo de Deus**, nova definição de Igreja. As comutações entre religiosas, bispos, padres, deviam mudar e a paróquia, as comunidades passaram a ser referenciais. E como consequência, as religiosas começaram a ficar mais expostas, mais do “mundo” onde se tornava impossível o não-encontro com “as coisas” do mundo e suas relações: o contato com os leigos, homens e mulheres da modernidade. Agora o Concílio insistia que coisas anacrônicas deviam ser mudadas e mesmo deixadas, pois careciam de sentido e não mais se constituíam em sinal. Na polifonia fecunda do Concílio aparecem perspectivas novas e exigentes e a inserção começa a ser olhada como a nova forma de compromisso e resposta concreta às interpelações conciliares e exigências da época, se a vida religiosa quisesse ser coerente com o evangelho e mais ainda, se quisesse subsistir.

A consagração religiosa, que talvez por influência do maniqueísmo, dicotomizava o ser, desprezando o corpo e suas manifestações como sendo más e por isso, até o Concílio, vistas como um “não”, como renúncia, ascese e solidão, passam a ser vistas como um “sim” à vida, à fecundidade, à amizade, à sexualidade e ao amor. A mesma vida consagrada que por influência do jansenismo apresentara Deus como um juiz severo e implacável, que pedia sacrifícios, jejuns e toda espécie de penitência, que condenava toda forma de benevolência e tudo o que pudesse ser fonte de prazer, que baniu a possibilidade da vivência de amizades, mesmo entre religiosos, criando medos, remorsos e muitas vezes corações estéreis e vazios, vem pedir do religioso um coração terno, amigo e compassivo. O Concílio veio lembrar que o homem e a mulher não podem caminhar solitários; que o

religioso, a religiosa não são seres neutros, mas marcados pelo masculino e feminino, habitado pelo maior potencial de vida que se chama amor e convida os religiosos a promoverem relações carregadas de humanidade. Vem pedir que a vida religiosa se organize e se institucionalize em formas favorecedoras de conduta equilibrada, integrada, saudável e realizadora. Ele vem dizer que o amor, a amizade é verdadeiro suporte para uma consagração total. A Igreja vem mostrar que a capacidade de criar e manter relações pessoais válidas é sinal de um celibato bem assumido²⁶⁷. Isto provoca verdadeira reviravolta na compreensão dos vínculos relacionais e pede um olhar profundo sobre as práticas vividas nas congregações.

“A renovação conciliar pôs fim à alienação em que vivia a vida religiosa, antes umbilicalmente ligada a uma realidade externa e alheia ao seu mundo, às suas culturas, aos seus povos e às religiões historicamente existentes entre nós”²⁶⁸.

O Concílio vem pedir outro modelo: nova maneira de experienciar Deus e nova percepção da realidade. Experimentando Deus de maneira nova e com nova percepção da realidade, a VR começou ver nela interpelação e apelo para a missão e por isso a exigência de estudo, compreensão e aceitação das mediações nas quais se traduziam as respostas a esse duplo apelo.

E a questão do mérito? Com toda renovação do Concílio foi renovada igualmente a doutrina da vida religiosa. Começaram a ser sublinhados os valores evangélicos mais

²⁶⁷. Cf. TRINDADE, Maria Elizabeth da. *Santa Teresa de Jesus e a afetividade*. In: “Convergência”, 32 (305), setembro de 1997, p. 432-433.

²⁶⁸. VALLE, Edênio Reis. *Rumo a um novo modelo de Vida Religiosa*. In: “Convergência”. 29 (275), setembro de 1994, p. 394.

ligados à experiência de Deus, à vivência fraterna e missão. A doutrina do mérito ficou na sombra e, de certa forma, foi superada.

A superação dessa doutrina não foi, seguramente, a maior surpresa. O susto mais surpreendente do Concílio foi, sem dúvida, a crise gerada pelo “esgotamento” de uma “figura histórica” de vida religiosa²⁶⁹ que parece ter chegado ao fim e da qual as Catequistas se revestiam enquanto o Concílio se realizava. Essa “figura” conferira à vida religiosa, durante séculos, uma fisionomia toda particular:

“ visibilidade social, força de atração e capacidade de “significar” a experiência cristã para a Igreja e para a sociedade. A vida religiosa podia ser reconhecida e identificada como lugar referencial de sentido”²⁷⁰

Era nela que se apoiava a tradicional teologia do “estado de perfeição”. No esgotamento dessa figura, balança a questão estrutural e se põe em jogo a totalidade da vida religiosa, a sustentação axial que é o problema do SER. O eixo desse modelo já constituído, autônomo, com dinâmica, leis e meios jurídicos próprios, girava em torno de si mesma²⁷¹. O Concílio veio mostrar - e para a América Latina, principalmente as

²⁶⁹. “Figura”, isto é, conjunto de elementos que, captados na sua unidade interna, traduzem o “espírito” desse projeto de vida chamado vida religiosa (VR); visibilidade na qual transparece a “alma” da VR. Mas *figura histórica*, porque esses elementos não são eternos. Levam as marcas do tempo que os viu nascer e desenvolver-se. O que a VR é não se esgota nas suas *expressões*, mas é inegável que ela acaba sendo em si mesma o que se torna para nós. Quando se trata de uma experiência *encarnada* é difícil, senão impossível separar o “espírito” do “corpo”, as expressões visíveis daquilo que a anima e dá sentido. É a grandeza e a miséria de toda “figura histórica”. Quando ela entra em crise arrasta consigo toda uma maneira de ver e de viver a VR. Algo tem que morrer, sem que isso seja condenar à morte a própria VR (Cf. PALACIO, Carlos, SJ. *O sacrifício de Isaac: uma parábola da vida religiosa*. In: “Convergência”, 27 (257), novembro, 1992, p. 518-519.)

²⁷⁰. Ibid., p. 519.

²⁷¹. Ibid., p. 523.

Conferências de Medellín²⁷² e Puebla - que as estruturas sedimentadas pelo tempo haviam acumulado bens, obras, posições sociais e eclesiais, êxitos e privilégios e haviam se distanciado da inspiração fundacional, impedido que transparecesse a síntese vital do carisma e as exigências sempre novas da missão. Viviam mais o jurídico institucional do que o carisma. O dinamismo do espírito que devia fluir na vivência dos votos, na vida comunitária, ficara preso ao “lícito” e “não-lícito”. A missão ficara mais ou menos identificada com especialização de tantas tarefas desempenhadas tradicionalmente na educação, na saúde e nas obras assistenciais. O Concílio questionando a vida assim vivida, desestabiliza as seguranças adquiridas que davam tranquilidade a tantas religiosas acomodadas e “gostosamente” instaladas no “bem bom” do estabelecido.

Após o Concílio, a própria Igreja que pedira a renovação e atualização teve que olhar para a vida religiosa com novos olhares. Ela, a vida religiosa, fora autorizada pelo Concílio a assumir sua atualização e as conseqüências apareciam. O Concílio abriu uma porta. Porta não para ser contemplada mas para se passar por ela. *“Diante de uma porta ou se atravessa ou se volta atrás”*²⁷³. E a vida religiosa a atravessou. E ao atravessar, o que encontrou e assumiu do outro lado surpreendeu a todos, a ponto de ter quem nem mais reconheceu a vida religiosa como tal.

O clima ebuliente do Concílio e da Igreja que pipocava também no interior das comunidades onde o padre sem batina chegava para atender o povo das capelas, rezando a missa em português, encontrou as Catequistas celebrando os 50 anos de fundação. A

²⁷². Reconheceu-se que Medellín, como fato empírico, foi a aplicação mais significativa e inovadora do Concílio. Ele significou uma peculiar aceitação do Concílio. Recebeu-o, transformando-o e potenciando-o. Quando em abril de 1980 um grupo de teólogos se reuniu em Bologna, na Itália, para examinar os frutos do Concílio Vaticano II, ali foi dito que a “tocha do Vaticano havia passado para o Terceiro Mundo”, para a América Latina. (Cf. CODINA, Victor. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993, p. 182-183).

²⁷³. CODINA, Victor. Op. cit., p. 208.

celebração movimentou e motivou a todas Catequistas, noviças e postulantes a refletirem sobre a própria vocação e missão. Elas sentem que algo intrigante da vida delas deve ser refletido, analisado e principalmente buscado. A memória foi trazendo a lembrança do surpreendentemente eclesial que envolvia o carisma e que este não podia ser substituído, confundido, e, muito menos, perdido ou simplesmente contado como ‘mais um’ entre tantos. Algo lhes era peculiar, único, original, e isto devia ser conservado, ou quiçá, recuperado.

Por ocasião desta mesma festa, os bispos, os sacerdotes e principalmente os frades que haviam conhecido melhor as Catequistas, participaram dos festejos. Alguns escreveram cartas. Essas cartas pontuavam ecos de lembranças que também se faziam atuais na mente desses homens que as haviam conhecido mais de perto:

“Refletindo... creio que o Divino Espírito Santo antecipou na Vossa Congregação o tempo do atual Concílio. Segundo a mente de vossa Congregação deveis estar profundamente vinculadas a Cristo, deveis ser almas verdadeiramente enamoradas do Cristo como o foi São Francisco, mas ao mesmo tempo deveis estar no meio do mundo, presentes às necessidades daquela porção do rebanho de Cristo que só de vez em quando pode ser visitado pelo sacerdote. Deveis estar em contacto vivificante com as crianças, com a juventude e com as famílias.

A vossa clausura foi desde o princípio, antes uma atitude de alma que uma questão de muros e paredes...²⁷⁴.

“A simpatia geral de que as boas Irmãs gozam e os pedidos sem número, vindos de toda parte, atestam o quanto a Congregação corresponde ao “Aggiornamento”, tão insistentemente solicitado por João XXIII, inclusive das religiosas”.²⁷⁵

²⁷⁴. BECKER, Frei Hugolino. Depoimento escrito. In: *Jubileu Áureo das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Op. cit., p. 38.

²⁷⁵. PIETRULLA, Dom Anselmo. Op. cit., p. 27.

“As Irmãs Catequistas Franciscanas, nasceram de um Ideal: “levar o Evangelho ao povo, à maneira do povo.

Anteciparam-se, assim, à decisão do Concílio Ecumênico. Que continuem..., sempre fiéis ao primeiro ideal...”²⁷⁶

Na homilia da missa que no dia 1º de janeiro de 1998, celebrou os 75 anos de vida religiosa de Irmã Luiza Mondini²⁷⁷, falou o celebrante:

“E não faziam as Catequistas o culto dominical nas capelas? Não estavam as Catequistas motivando, animando, assessorando o povo para as celebrações e festas? Muito, muito antes do Vaticano II, contribuíram no serviço litúrgico de forma a dar mais sentido e vida às comunidades que ouvem, celebram e vivenciam a Palavra. Visitavam as famílias, conheciam-lhes as lutas e sofrimentos, atendiam os doentes. Eram presença marcante na vida das comunidades”²⁷⁸.

No entanto e apesar de tudo, ao fazerem a renovação ordenada pelo Concílio, as Catequistas encontraram muito do que se despojar: o hábito religioso, a clausura, os momentos de silêncio rigoroso, as refeições tomadas em silêncio e com leitura, a censura da correspondência, a dependência em coisas mínimas, a interdição de relacionamentos mais ternos e afetuosos. No decorrer de pouco mais de 50 anos de caminhada, a história fora depositando sobre a imagem sucessivas camadas de pó. De certa forma, aos poucos, resguardando embora sempre intactos três elementos essenciais do carisma: **vida no meio do povo, a pequena fraternidade, e a missão** específica, haviam-se deixado cooptar pelo modelo prescritivo, solene, sacral, conventual de vida religiosa.

²⁷⁶. TALLEUR, Dom Wunibaldo, Bispo de Rondonópolis, Depoimento escrito. In: *Jubileu Áureo*. Op. cit., p. 22.

²⁷⁷. Luiza Mondini foi a Catequista que substituiu Maria Avosani, como superiora quando da morte dessa.

²⁷⁸. HEINZEN, Daniel. Homilia proferida dia 1º de janeiro de 1998 na missa comemorativa do Jubileu de Brilhante de Irmã Luiza Mondini. A. A.

Mas, se a limpeza da imagem se fez a seu preço, uma área houve em que o Concílio encontrou as Catequistas sumamente disponíveis, a área da atuação apostólica.

Habitadas a trabalhar em comunhão com a Igreja e, por isso mesmo, no desejo de uma rápida integração no chamado Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB, de 1965²⁷⁹, com facilidade assumiram toda a diversificada pastoral proposta pelo novo plano, diversificação esta que foi acrescentando cada vez mais novas pastorais com novas atividades, a que elas foram aderindo a ponto de correrem o perigo de perder de vista o que lhes era específico, mais talvez pela pressa de atualização do que, firmando-se no carisma, compreender que era necessário integrar o novo no que lhes é perene, a educação e a catequese, compreendida agora, aquela como formação integral da pessoa cidadã e esta como educação permanente da fé.

Em consequência disso, o cotidiano da Catequista, vivido no estilo bem inserido, sim, mas com consciência um tanto ingênua e sem compreensão da problemática social, passou de uma vivência relativamente tranqüila a outra mais agitada, dispersiva, para não dizer ativista e desejosa de atender e responder a todos e tudo. Parece que o Concílio deixou as Catequistas um pouco atordoadas. Afinal, o que queria a Igreja se ela, a Catequista, já estava vivendo o modo que parecia ser o solicitado? Não estava ela mergulhada por inteira na realidade? É verdade. Mas sua presença nas comunidades nem sempre era crítica. Sua ação nem sempre conscientizadora e mais que isso, libertadora e transformadora. O Concílio – e mais ainda Medellín e Puebla - vem despertar a Catequista e qualificar a inserção dela porque ela se torna mais consciente: seus olhos mais abertos e ouvidos mais atentos, seus horizontes mais amplos que os contornos do lugarejo e

²⁷⁹. 1.º Plano de Pastoral de Conjunto. Foi aprovado na 6ª Assembléia Geral da CNBB, realizada em Roma, onde os bispos se encontravam para a última sessão do Concílio.

comunidade onde vivia e trabalhava. Após o Concílio os mecanismos que a inferiorizava, humilhava, constrangia, como andar de tamancos, usar avental, trabalhar na horta e na roça, tratar de animais, cuidar da casa, se juntar ao povo, passou a ser “brio” para elas.

“...e passamos a amar isso. A assumir como marca nossa, sermos na verdade a irmã do povo, lutando para ajudar na solução dos seus problemas e transformação da sociedade e não só promovê-lo pela educação e catequese”²⁸⁰.

Assim, a Catequista aprofunda, após o Concílio Vaticano II, um modo de ser inserido que já trilhava desde os tempos da fundação; um modo de ser intrínseco ao ser Catequista e que lhe cabe ainda preservar e aculturar.

Desse tempo, trago algumas lembranças que ficarão para sempre como memória de experiência vivida entre esperanças e tensões. Deixo aqui registradas algumas como testemunho pessoal de um evento que sacudiu a Igreja, considerada mais firme que a rocha.

Logo depois da morte de Pio XII, a eleição de João XXIII e o anúncio de que seria feito um Concílio na Igreja, foi assunto que, embora não trouxesse alterações imediatas na cotidianidade da Catequista, o interesse pelo evento foi sentido. Afinal, eram passados quase cem anos desde o último Concílio, o Vaticano I (1869-1870). Junto com o sabor da novidade que o Concílio prometia, estavam presentes os temores e a ansiosa expectativa do povo de Deus e das Catequistas também.

O Concílio se realizou. Quando o Concílio terminou, a VR tinha recebido uma tarefa: atualizar-se. Com esta finalidade fez-se na congregação o Capítulo Geral Especial, em três etapas, iniciando em 1968. Na época eu trabalhava em Rondonópolis, MT. Fui convidada para participar das sessões capitulares. Era a irmã mais jovem da Assembléia.

Certamente um dos trabalhos mais insanos foi elaborar o novo texto das Constituições Gerais, mas o mais polêmico girou em torno da organização estrutural da Congregação.

Outro ponto polêmico foi a volta ao traje civil. O fundador queria as Catequistas vestidas “iguais às mulheres do povo”. Mas as Catequistas, em 1929 haviam trocado as vestes civis por hábito religioso. Era coisa secundária mas se tornou ‘quente’ nos debates. Interessante é

²⁸⁰. DAVID, Anita. Entrevista citada. A. A.

que não se remontava, para a volta ao traje civil ao desejo do fundador. Isto não era trazido ao debate. O que fundamentava o desejo eram as solicitações da modernidade. O capítulo votou a favor e voltamos ao traje civil. Não sem sofrimento para muitas, para as quais os hábito já fazia parte da identidade

E na praxis cotidiana? O que atualizar se a Irmã Catequista vivia no interior onde o povo muitas vezes era mais tradicional que elas? Dom Gregório Warmeling, então bispo de Joinville, dizia que a Igreja precisava de homens e mulheres do século XX, pessoas que acompanhassem o progresso do mundo e não de quem cultivasse os cochichos das sacristias. Ele queria as Catequistas atualizadas. E muitas irmãs começaram a participar de cursos sobre liturgia, catequese, sacramentos. Lembro-me que participei de um curso sobre o sacramento da confissão. Na época já haviam sido introduzidas as novas normas sobre o jejum eucarístico²⁸¹. Discutia-se então no grupo se a missa seria antes ou após o café da tarde (por causa o tempo regulamentar). Sem talvez pensar muito eu perguntei ao sacerdote que diferença faria comungar o Corpo do Senhor antes ou depois da bolacha maria. Ele olhou para mim e depois para o grupo e falou: “Com essas cabeças, a Igreja precisa mesmo mudar”. Foi um tempo exigente mas dinâmico, onde se começou a fazer forte apelo à responsabilidade pessoal.

Na verdade, o Concílio nos abriu mais os olhos. Período de intensa ebulição onde a novidade assustava mas atraía; onde havia sobras de criatividade e falta de bom senso; onde dúvidas e perplexidades andavam ao lado de esperanças e otimismo.

Certamente para mim o fato mais significativo nesse tempo foi a superiora geral ter solicitado minha volta de Mato Grosso para Santa Catarina e mais que isto, que eu deixasse a escola para assumir o serviço da secretaria geral. Deixar o contato diário com alunos, professores, comunidade e me dedicar a um serviço burocrático foi muito exigente. Aqui o Concílio foi difícil para mim mas não em questões de “aggiornamento”. O Concílio foi, sim, uma bênção em todas as dimensões. O novo serviço, me colocou em contato com todas as irmãs da congregação, me fez viajar pelo país de Norte a Sul, conhecer a realidade onde viviam e atuavam e compreender ainda mais que a renovação era necessária.

É claro que muitas outras coisas poderia registrar como memória pessoal vivida nesse tempo. Mas considero estas suficientes para assegurar a participação efetiva na dinâmica que o Concílio imprimiu a vida religiosa e a toda Igreja.

²⁸¹ . Por jejum eucarístico se compreendia o tempo que devia separar a última refeição da hora de comungar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrevendo, mesmo que muito resumidamente a vida e o cotidiano das Catequistas no período de 1915 a 1962 e sabendo que este mesmo cotidiano, hoje está bastante alterado seja em consequência da renovação conciliar, das solicitações do mundo atual e ainda da expansão da Congregação em áreas de fronteira no país e no exterior, chego a algumas considerações finais.

1. A vida religiosa no pré Concílio Vaticano II era de tal modo organizada e institucionalizada que formava um bloco mais ou menos homogêneo e monolítico. Desde o Concílio de Trento (1562-1563), sofreu um pesado processo de uniformização. As congregações que foram surgindo nos séculos seguintes a ele, tanto masculinas como femininas, apesar do esforço para mostrar a originalidade do próprio instituto, não iam além de pequenas variantes do mesmo e único modelo. As diferenças congregacionais eram praticamente invisíveis e ficaram ligadas às diferentes obras e aspectos externos e secundários. O “como viver” para ser perfeita já estava definido. No “ad intra” da vida religiosa, muitos costumes tipicamente monacais impunham-se especialmente no tempo chamado de formação, com o selo de ortodoxia, porque também para a vida religiosa as normas vinham no bojo da doutrina de que ela, a Igreja, infalível, era garantia da verdade e certeza na indicação do caminho.

2. A fundação torna-se histórica porque no seu pontual algo transcende o momento em que se inicia. O que foi possível no início do século já não o é suficiente hoje. Mas Frei Polycarpo Schuhen marcou sua obra com tal certeza, segurança e abertura, que ela pode subsistir apesar das dificuldades que sobrevieram. O pouco tempo que teve

para se dedicar a ela, não foi menos intenso e forte, pois resistiu a todas as ameaças. De tal forma consolidou a esperança e segurança em “suas filhas” que elas, mesmo sofrendo preconceitos, estereótipos e humilhações, se firmaram e cresceram.

3. As Catequistas tem uma longa tradição de liberdade face ao Direito Canônico. Deve-se isto ao fato de terem surgido, de certa forma, à margem da Lei Canônica e assim terem vivido por longos 50 se não mais de 80 anos. Na origem da Congregação não existe uma teoria mas uma experiência que fez do modo inserido de vida que levaram desde sua fundação, argumento suficiente a comprovar o “aggiornamento”. O jeito popular como sempre viveram, dava a elas a transparência de uma vida humilde, simples, abnegada e serviçal. A presença sem a mediação de obras próprias e bens pessoais a proteger ou negociar, deixava-as na total disponibilidade para os serviços da comunidade e também livres para uma fácil mobilidade. O apostolado feito junto das comunidades, a ação pastoral exercida sempre em comunhão com a paróquia, as mantinham integradas na organização paroquial. A moradia colocada como ‘mais uma’ entre as casas dos colonos, a horizontalidade do poder distribuído quase por igual em fraternidades de duas, o próximo contato com as famílias por elas visitadas, ouvidas e orientadas, fazia das Catequistas a presença forte e qualificada nas comunidades e realmente encarnadas na paisagem e nas normas da conduta local. A Catequista não vivia coisas diferentes mas as mesmas coisas de modo diferente.

4. A fonte energética espiritual que alimentou as primeiras gerações de Catequistas, sempre foi a espiritualidade “encarnada” no meio do povo. O poço onde bebiam brotava do veio simples e puro da cotidianidade que lhe inspirava a oração e também a ação. Foi na inserção, com os pés plantados no cotidiano simples da vida do povo que a Catequista encontrou alimento para satisfazer os anseios do seu coração, de sua

mente e seus desejos de comunhão com Deus. Isto vivia onde se faziam e repetiam cada dia de novo as ações do serviço educativo. A disciplina determinada já pelo fundador, o hábito que lhe vestiram depois, a vida conventual que o tempo e as circunstâncias lhes foi impingindo, que as foram tornando mais parecidas com as freiras, nunca foram notas essenciais nem mesmo no início e a doutrina do mérito, mesmo que por questões estruturais as tenham atingido, não fazia parte do ideário e das práticas das Catequistas e nem as tirou dos objetivos da fundação. Daí resultou a formação de inserção e de identificação com o povo das colônias.

5. Num tempo em que não se falava em intercongregacionalidade, numa época em que cada congregação se resguardava o mais possível para viver o próprio carisma, objetivos e metas dentro dos âmbitos de seus conventos e obras, Frei Polycarpo foi ao Convento Menino Deus, de Rodeio e com toda liberdade e também com autoridade de pároco solicitou a ajuda de Irmã Clemência. Só quem está realmente convicto de que seus planos devem ser levados a efeito, busca a generalização do humano mais ou menos privado e ultrapassa com a maior liberdade as normas constituídas. Desta forma, a intercongregacionalidade se torna um fato para permitir o nascimento de um novo grupo em tudo novo. Polycarpo não só foi pedir ajuda à mulher, mas com mulheres, tentou responder aos desafios da realidade, quebrando a milenar compreensão da Igreja de que o Espírito conferia aos homens as tarefas de dar as coordenadas na vida das comunidades principalmente no que se referia às estruturas tão hierarquicamente defendidas. A parceria homem x mulher não foi “perigo”, mas fonte de vida e condição de crescimento e confirmação da obra.

6. A Companhia foi fundada para atender a uma situação carente: a educação. A educação continua hoje carente e mais problemática que nos idos de 1913 ou 1915. Mais do que problemática, em grande crise, beirando ao caos.

Se no momento da fundação educar era ensinar a ler, escrever e fazer contas, se a doação de Amábile para assumir a escola que dava à criança e ao jovem condições de se tornarem cidadãos, a educação da fé estava intrinsecamente ligada a ela, de forma a qualificar esta cidadania. A experiência fundante autenticamente inserida no contexto histórico de 1913, de 1914 de 1915, pode e deve ser *recriada* em 1950, em 1960, 1965 nos contextos do mundo do Concílio e mais ainda nos contexto do mundo que já vive o Terceiro Milênio. Educar para a cidadania, trabalhar o princípio interativo fé e vida, educar o migrante para que tenha êxito no constante êxodo, para viver nas periferias das cidades e nos grandes centros urbanos. Educar para viver e respeitar tudo o que vive e tudo o que é necessário para a vida. Educar para o respeito e amor a si mesmo, para compreender e exigir seus direitos. Educar para a paz, a fraternidade, a solidariedade, para ser cidadão do mundo.

Tudo isso exige hoje do educador uma vocação a toda prova para responder positivamente ao que pede o processo educativo. A Irmã Catequista deve estar consciente disso se ela quiser assumir o veio pedagógico da conscientização e da educação libertadora. Juntam-se os aspectos trazidos pela modernidade e a sociedade pluralista, pela psicologia e antropologia no tocante aos valores que dizem respeito ao carisma pessoal individual que no passado não contava. O fato abre uma multiplicidade de campos e caminhos no exercício da missão que pedem visão ampliada de sua compreensão.

Isto posto, damo-nos conta de que o saber cotidiano de hoje exige da Catequista apropriar-se de um “novo saber”. Um saber aberto, um saber que busca aprender enquanto

ensina. É sem dúvida, uma questão nova e emblemática que pode ser séria porque já não serão as “mais velhas” - carregadas de anos e sabedoria, portadoras de melhores e maiores experiências - as mais preparadas a estarem em posição de vanguarda, e sim, as mais jovens. São estas, as novas, filhas da modernidade computadorizada, parceiras da informática, plugadas na internet, nos satélites, as que tem mais condições de descobrir as novas formas e métodos novos. E, por outro lado, para manter na novidade de espírito a seiva fecunda das fortes raízes que trouxe a Companhia das Catequistas ao Terceiro Milênio, é imprescindível às jovens a experiência que já fez história na vida das que têm mais anos que a idade delas. Juntas, primeiras e últimas gerações devem buscar na prática do cotidiano, ações articuladas de tal maneira que possam atender aos desafios atuais com forte senso de pertença ao mesmo grupo, com a mente estendida sobre a globalidade, sem cortinas anti-holográficas que impeçam de ver as carências da realidade, as “desumanizações” de nosso mundo ferido por tantas pobrezaas.

7. Impossível pensar na obra de Polycarpo sem ter presente o **povo**. O povo foi o “sinal” para o despertar da sensibilidade eclesial. O apelo da realidade que gritava pela boca dos “*pequeninos que pediam pão e não havia quem lho distribuisse*”²⁸², foi a voz que tocou os olhos, os ouvidos e o coração do pároco.

Impossível pensar na Irmã Catequista sem ligar-lhe imediatamente o **povo**: simples, humilde, necessitado. Foi ele o ponto axial e interrogativo para o eclodir da obra educativa. É ainda hoje o povo, o referencial para a Irmã Catequista fazer o feedback de sua vida; a Congregação, de seus objetivos, planos e serviços. O “*não esqueças teu ponto*

²⁸². Com esta frase do profeta Jeremias iniciava o Decreto de Ereção da Companhia das Catequistas em congregação diocesana e a aprovação das “Constituições das Catequistas da Diocese de Joinville”, por Dom Pio de Freitas, primeiro bispo de Joinville, dado em 19 de julho de 1935.

de partida” de Clara de Assis é o som, a melodia, o convite a ordem ouvida pela Catequista. Sua vida e ação só será fiel à primigênia inspiração, só terá voltado às fontes e se atualizado, se estender os olhos para as carências do povo. “*Sejam irmãos do povo*” é o apelo diário, a sístole-e-diástole do coração da Catequista. Nele, como no de todos os humanos, os afetos podem ser muitos e, certamente, o são. Entre eles, talvez uns indiferentes, outros racionalizados, alguns reprimidos, outros sublimados e quem sabe, alguns só imaginados. Um porém, se identifica como “*o afeto-guia*”²⁸³ de toda a vida da Irmã Catequista Franciscana - o **amor ao POVO**. Este “afeto-guia” garante a fidelidade ao carisma e à missão que se cumpre na caminhada. Do povo vem a motivação para assumir as exigências do carisma; do povo vem o princípio de sua estruturação interna. O **Povo** é a força **epifânica** da congregação. Portanto, “apropriar-se” hoje do cotidiano da Catequista é deixar que as necessidades atuais façam com que o “particular”, o “interior” de cada uma se prepare para colocar à disposição da comunidade dons e capacidades que possam atender aos apelos dos atuais tempos. As aspirações da vida cotidiana, hoje manipuladas pela mídia, exigem da Catequista, um cotidiano dinâmico, lúcido e criativo se quiser tecer a trama do seu destino com a mesma força do ato fundante. Pede um pensar global para que a ação local seja adequada, eficiente e eficaz.

8. A Catequista, aberta ao novo, solícita em acolher os ensinamentos e esforçada em buscá-los pela autodidaxia, que se prepara para responder aos apelos da necessidade por uma formação entendida “*como processo dinâmico, contínuo e global de crescimento da pessoa com todas as suas exigências*”²⁸⁴, não pode abdicar de alguns aspectos que “marcam” sua vida: clareza de sua missão no que lhe constitui o cerne – Educação e

²⁸³ HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Ed. Península, 4ª edición, 1994, p. 95.

²⁸⁴ . *Diretrizes Gerais da Formação*. Joinville, Sede Geral, 1995, p. 9.

Catequese; inserção no meio do povo; espiritualidade encarnada; espírito aberto e liberdade frente aos apelos da vida.

Povo, escola, catequese, missão, foram palavras tão densas de conteúdo que no imagético da Catequista tiveram a força de inspirar-lhe e indicar-lhe novos caminhos e fecundar-lhe a ação. Hoje, onde está a mística que na diversidade das compreensões, das diferenças pessoais, dá unidade ao grupo? Por onde anda o 'espírito' que renova todas as coisas? Como o simbólico "*Nós queremos ficar sempre*" de 1915 deve ser vivido no cotidiano histórico para ter a pragmaticidade que ele teve? Como atualizar-se na liberdade criativa e fiel, nos contextos da atualidade?

Situando a Congregação no contexto atual e olhando a problemática da educação, poderiam as Irmãs Catequistas dentro da atual conjuntura, simplesmente se desvincular desse serviço sem abdicar de algo que lhes é específico e sem incorrer em grave omissão?

Segundo estatísticas, no ano 2.000, 80% da humanidade viverá no Terceiro Mundo. Que modelo de educação poderemos oferecer a este Terceiro Mundo tão carente de tudo? *Voltar às fontes* não seria reassumir com toda coragem este serviço eclesial e humanizador, hoje seguramente mais difícil, mas tão necessário quanto nos tempos de Amábile, Maria e Liduina? Adequar-se ao mundo moderno não seria mergulhar por inteiro no campo educacional ampliando o coração e a mente para horizontes maiores e mais complexos do mundo das universidades, do submundo das periferias e o tristemundo da alienação provocado pela exclusão e aí viver o cotidiano doloroso que envergonha e desafia a era moderna e pós-moderna?

Em que perspectiva deveria situar-se hoje o ideário educativo da Catequista? Seria suficiente contentar-se em transmitir conhecimentos para as classes populares, ajudando-as a inserir-se no processo do desenvolvimento? Onde e como seu testemunho ajudaria o povo a reatar comunhão perdida com a história pelo abismo cultural e social que as diferenças econômicas e políticas criaram? Não seria a tarefa educativa suficientemente abrangente na qual a Catequista pudesse investir validamente a própria vida? Por que então devem as Catequistas deixar-se levar pela tentação de estender o leque de atividades para tantas direções e dimensões? Não as levaria isto a diluição do carisma, à superficialidade no que se refere ao serviço específico e à dificuldades de serem criativamente fiéis e atualizadas? Não estariam no generalizar demasiadamente nossa ação, os problemas e conflitos que imputamos às estruturas da vida religiosa e organização da congregação?

Para onde as levaria hoje a coragem de Frei Polycarpo, a disponibilidade e a inserção das três primeiras? A Irmã Catequista Franciscana, educadora - mesmo com suas limitações e deficiências - que leva o carisma para o Terceiro Milênio, não deveria oferecer para a educação do “seu povo” uma proposta nova e desafiadora? Que relação existe entre a resposta dada em 1915 e aquela que devemos dar hoje, no ano 2.000, e no ano 2.010 e outros anos mais? Como a Congregação deveria estruturar-se a fim de facilitar respostas vitais para o próprio grupo e para a sociedade onde os pobres vão criando ‘arranjos’ de vida para sobreviverem? Isto não evoca à Catequista abertura maior com parcerias que possam agilizar a concretização de seus planos que hoje envolvem as questões culturais de etnia, de religião, de comunicação, de gênero? O estudo das questões globais se constitui em parte do nosso fazer cotidiano?

E como a Catequista será fiel ao chamado primeiro no tocante à educação e à integração fé-e-vida? Como ser educadora da fé num mundo onde as ofertas neste campo se parecem a um mercado de banalidades e são oferecidas semelhantes a outros produtos de consumo? Como trabalhar para que o homem e a mulher possam fazer a integração de suas vidas cuidando do núcleo do seu ser e não acabar vazios e desesperançados? A presença da Catequista – pela memória, palavra e principalmente testemunho de vida – é formadora da fé, da confiança em si mesmo e no seu semelhante? Consegue o coração da Catequista Franciscana ultrapassar as separações criadas por preconceitos e esteriótipos de qualquer origem e articular as forças que fazem a fraternidade universal ser uma realidade?

É preciso de novo resgatar a força dinamizadora do “Sonho Primeiro”? Precisam hoje ser mais uma vez “diferentes”? Sejamos! Sejamos de novo simples, disponíveis, humildes, abnegadas, ousadamente criativas. É preciso de novo reviver a experiência fundante? Voltar ao passado é impossível. Mas recriar, revitalizar a experiência primeira agorizando respostas para a complexa realidade que nos envolve é preciso.

Mais que outras congregações somos convidadas a *“repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e santidade dos fundadores como respostas aos sinais do tempo, visíveis no mundo de hoje ... a conseguir competência no próprio trabalho e a cultivar uma fidelidade dinâmica à própria missão, adaptando, quando necessário, as suas formas às novas situações e às várias necessidades”*²⁸⁵.

Em que pese o título de “religiosas” e a obediência às normas canônicas, ou o aggiornamento antecipado de cinco décadas e o realizado em obediência às solicitações do Concílio, um imperativo se impõe à Irmã Catequista: a desvinculação do “modelo”. Não

²⁸⁵ JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. São Paulo: Ed. Loyola, p. 60.

pelo simples gosto de ser diferente. Não por um capricho novidadoso, mas para podermos ser fiéis à originalidade na qual surgimos e crescemos. Considerando ainda que as Catequistas temos uma longa tradição de liberdade face ao direito Canônico. Não por menosprezo ou displicência, mas, certamente, pelo fato de termos surgido, de certa forma, à margem da Lei Canônica e assim termos vivido por longos 50 se não mais de 80 anos.

“Que o espírito profético com que nasceram jamais se apague. Apenas se fortaleça”, foram palavras de Dom Gregório na celebração dos 75 anos de fundação.²⁸⁶

Com os olhos voltados às origens que colocam as fontes adiante de nós, na alegre esperança de quem confia na força do Espírito que funda e refunda, cria e recria a utopia de um mundo novo, avancemos sem medo.

Catequista Franciscana,

*“Que não te despojem
de teu sentido inicial.
É fácil crer
no que crê a multidão”²⁸⁷.*

Florianópolis, aos 02 de fevereiro de 1998,

data em que a Congregação teve de Roma o Reconhecimento Pontifício.

²⁸⁶. WARMELING, Dom Gregório. Homilia na festa de 14 de janeiro de 1990. Gravação em fita-vídeo. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

²⁸⁷. GOETHE, Apud HELLER, Agnes. Op. cit., p. 61.

FONTES:

ARQUIVO HISTÓRICO DA CONGREGAÇÃO. Joinville, SC. Sede Geral:

- . Cartas de Maria Avosani, primeira Superiora Geral
- . Cartas de Bispos e sacerdotes
- . Catecismo da Perfeição Cristã.
- . Crônicas da Congregação: Livros 8 e 8A
- . Constituições de 1926
- . Constituições de 1935.
- . Livros de Atas de Capítulos e Assembléias
- . Manual de orações e cânticos sacros
- . Usual (Manual de usos e costumes)
- . História da Congregação. Fita-vídeo.
- . Livro Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio, SC.
- . Boletins de circulação interna

BIBLIOGRAFIA

ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e Devotas; Mulheres da Colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, Brasília, 1993.

AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. Caxias do Sul, RS: Ed. EST-SULINA-UCS, 1980.

AZZI, Riolando. A Vida Religiosa no Brasil. Enfoques Históricos. S Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

_____ O Altar Unido ao Trono. Um Projeto conservador. São Paulo: Ed. Paulus, 1992.

_____ - CEHILA, A Vida Religiosa no Brasil. São Paulo: Paulus, 1983.

_____ A Igreja e o menor na história social brasileira. S.Paulo: CEHILA, Ed. Paulinas, 1992.

_____ O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano. São Paulo: Paulus, 1994.

- BESEN, José Artulino. A Arquidiocese de Florianópolis. Florianópolis: S/ed. 1983.
- BEOZZO, José Oscar (Org.). A Igreja Latino-Americana às Vésperas do Concílio. História do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo, Ed. Paulinas, 1993.
- BERTOLDI e SCOTTINI, José e Guido. Rodeio. 1875-1975. Blumenau, SC: Gráfica 43 S.A. 1975.
- BOFF, Leonardo. Igreja, Carisma e Poder. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
- _____ Nova Evangelização. Perspectiva dos Oprimidos. Fortaleza, CE: Ed. Vozes Ltda. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas lingüísticas. São Paulo: USP, 1996.
- BRUNEAU, Thomas. O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição. São Paulo:Edições Loyola, 1974.
- BRUNELLI, Delir. Libertação da Mulher. Um desafio para a vida religiosa da América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- BURKE, Peter (Coord). A Escrita da História. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2ª ed., 1991.
- CABRAL, Osvaldo. História de Santa Catarina. Florianópolis, SC: Editora Lunardelli, 4ª ed., 1994.
- CANETTI, Elias. Massa e Poder. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- CECHINATO, Luiz. Os 20 Séculos de Caminhada da Igreja. Principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.
- CELAM. A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio. Conclusões de Medellin. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.
- _____ "A evangelização no presente e no futuro da América Latina". Conclusões de Puebla. São Paulo: Ed. Paulinas, 2ª ed., 1979.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição, 1984.
- CODINA, Victor. Para compreender a Eclesiologia a partir da América Latina. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.
- DALLABRIDA, Norberto. A Sombra do Campanário. Florianópolis: Universidade Federal, 199 . (Dissertação de Mestrado).

- DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem. A Doutrina Católica sobre Autoritarismo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- DIEZ, Felicísimo Martínez. *Vida Religiosa. Carisma e Missão Profética*. São Paulo: Paulus, 1995.
- DULLES, Avery. *A Igreja e seus modelos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978.
- FREITAS, Carmelita Maria. *Inserção: novo modo de ser da vida religiosa*. Rio de Janeiro: Publicações da CRB, 1989.
- FUCK, Cléa. *100 Anos de História. 1895-1995. Congregação das Irmãs da Divina Providência no Brasil*. Florianópolis, SC: EDEME, 1995.
- GALLIAN, Dante Marcello. *Madre Maria José de Jesus. No caminho da perfeição*. São Paulo: Paulus Gráfica, 1992.
- GUERRA, Artur e RODRIGUES, Cristina (tradutores). *História do Cristianismo*. Portugal: Venda Nova, Ed. Bertrand, 1995.
- GIORDANI, Bruno. *A mulher na vida religiosa. Aspectos psicológicos*. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.
- GIUSEPPE, Alberigo (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.
- GREGORI, Waldemar de. *Endoculturação de Modelos Sócio-Políticos*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977 (Memória de doutorado).
- GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer. Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.
- _____ *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península, 4ª edición, 1994.
- HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais em Santa Catarina*. Florianópolis: Universidade Federal, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.
- ISAIA, Artur Cesar. *Cristo Rei e a República: Catolicismo e identidade nacional no Brasil*. "Teocomunicação". 26 (112): 224.

-
- O Cajado da Ordem: Catolicismo e Projeto Político no Rio Grande do Sul. Dom João Becker e o autoritarismo". São Paulo: PUC, 1992. (Tese de doutorado).
- ITEPA (Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo). Concílio Vaticano II: 1965 - 1990. S/local, s/ed., s/data.
- JAMUNDÁ, T.C. Interpretação Regional do Município de Rodeio. Indaial: S/ editora, 1947.
- JOÃO PAULO II. Vita Consecrata. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- KLUG, João. Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: A comunidade alemã de Desterro - Florianópolis. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- LEÃO XIII. "Sapientiae Christianae" n.º 54 Petrópolis, RJ: Ed. Vozes LTDA, 1946.
- LIBÂNIO, João Batista. As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais. Petrópolis: Vozes/CRB, 1980.
- LUSTOSA, Oscar F. A Igreja Católica no Brasil-República. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- MARINS, José e equipe. Modelos de Igreja. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- MANOEL, Ivan A. Igreja e Educação Feminina. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- MONDIN, Batista. As Novas Ecclesiologias. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- NERY, Israel, FSC. A Vida Consagrada à Luz do Sínodo. Petrópolis: Ed. Vozes. 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PIAZZA, Walter F. Santa Catarina: Sua História. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Ed. Lunardelli, 1983.
-
- A Colonização de Santa Catarina. Florianópolis, SC: Ed. Lunardelli, 3ª ed. , 1994.
- PIERRARD, Pierre. História da Igreja. São Paulo, 1982.
- PIKE, Edgar Royston." Diccionario de Religiones". México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1991.

SANTISO, Maria Teresa Porcile. La Mujer, Espacio de Salvación. México: Instituto Mexicano de Doctrina Social Cristiana, 1993.

SOUZA, Rogério Luiz de. A Construção de uma Nova ordem. Catolicismo e Ideal Nacional em Santa Catarina (1930-1945). Florianópolis: UFSC, 1996 (Dissertação de mestrado).

TABORDA, Francisco. Comunhão Eclesial e VR. Revista Convergência, 31, (289), jan/fev, 1996.

TESORO, Luci Léa Lopes Martins. Rondonópolis, MT: um entroncamento de mão única. São Paulo: s/ed. 1993.

_____. Descobrimos Rondonópolis. Rondonópolis, MT: Tipografia Modelo, 1997.

VALANDRO, Ede Maria. Em Resposta ao Clamor do Povo... A Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. S/local e s/ed., 1990.

_____. Um Chamado se faz Caminho. Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. S/ local e s/ editora, 1986.

VIER, Frei Frederico (Coord.) geral. "Compêndio do Vaticano II- Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 3a. edição, 1968.

VV.AA.. A vida religiosa enquanto instituição. Rio de Janeiro, CRB/Edições Loyola, 1992.

WALLENSTEIN, Frei Antônio. Catecismo da Perfeição Cristã. Petrópolis: Vozes, 1956.

WERNET, Augustin. A Igreja paulista no século XIX. São Paulo: Ática, 1987.

WOLFF, Cristina Scheibe. As mulheres da Colônia de Blumenau - Cotidiano e trabalho (1850-1900). São Paulo: PUC, 1991. (Tese de mestrado).

Código de Direito Canônico. São Paulo: Ed. Loyola, 10a. edição, 1982.

Segundo Catecismo da Doutrina Cristã. Petrópolis: Ed. Vozes. 89ª edição, 1982.

Para uma História da Igreja na América Latina. O debate metodológico. CEHILA. Petrópolis: Vozes, 1986.

REVISTAS E PERIÓDICOS

CONVERGÊNCIA - Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB.

PALÁCIO, Carlos. Ano XXVII (257) 515-530.

SECONDINI, Bruno. Ano XXVIII (263) 303- 313.

- TABORDA, Francisco. Ano XXXI, (289), jan/fev, 1996.
VALLE, Edênio Reis. Ano XXIX (275) 393-412.
ROY, Ana. Ano XXXII (307), 1997.
LIBÂNIO, João Batista. Ano XXXIII (311), abril, 1998.
ENCONTROS TEOLÓGICOS. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina.
BESEN, José Artulino. Ano 10 (19), 1995.
BESEN, José Artulino. Ano 11 (20), 1996.
- TESTIMONIO - Revista da Conferência dos Religiosos do Chile.
LINSCOTT, Mary. N. 113, maio/junio de 1989.
- TORRE – Informativo da Paróquia de São Paulo Apóstolo. Blumenau, SC.

PESSOAS ENTREVISTADAS

- BERRI, Tercília, 73 anos. Professora aposentada.
- BONA, Maria, 78 anos. Contemporânea de todas as primeiras irmãs da congregação.
- CRISTOFOLINI, Amália, 67 anos. Superiora da Província Santa Teresa do Menino Jesus, Rondonópolis, MT.
- DAVID, Anita, 55 anos. Estudos específicos na área de teologia pastoral catequética .
- GASCHO, Maria Schmitt, 81 anos. Envolvida com a busca de religiosas para o serviço de educação e catequese na Comunidade de Santa Luzia, Jaraguá do Sul, SC.
- GHIGGI, Zefira, 62 anos. Natural da comunidade de Sede Belém, interior do município de Herval do Oeste, SC.
- GIOVANELLA, Elza, 72 anos. Superiora geral da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, nos anos de 1967 a 1976, durante o período da renovação conciliar.
- MORATELLI, Hilda, 62 anos. Fez o noviciado no ano de 1955.
- SOTOPIETRA, Terezinha, 47 anos. Atual vice-geral da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas.
- VALANDRO, Ede Maria, 72 anos. Foi aceita na congregação em 1937. É autora de vários livros sobre a história da congregação.
- VOLPATO, Terezinha Gascho. Doutora em História pela USP. Professora aposentada da UFSC.